

Aos Tessalonicenses

Cláudio
Fajardo





AOS TESSALONICENSES

Aos Tessalonicenses, de Cláudio Fajardo, apresenta uma análise crítica das Epístolas I e II de Paulo, integrando exegese bíblica e Doutrina Espírita. O estudo segue o texto versículo por versículo, palavra por palavra ou por blocos temáticos, destacando valores como fé ativa, conversão interior e perseverança nas tribulações. Trata-se de um estudo **miudinho do Evangelho**, que enfatiza a coerência do testemunho cristão e o papel do trabalho e da paz na vida comunitária. Mais que interpretação teológica, oferece um guia prático de conduta moral e espiritual.

Cláudio Fajardo

fajardo1960@gmail.com

Prefácio

A presente obra, *Aos Tessalonicenses*, de Cláudio Fajardo, oferece ao leitor uma análise crítica e exegética aprofundada das Epístolas I e II de Paulo aos tessalonicenses, integrando de forma clara e sistemática a perspectiva doutrinária do Espiritismo. Trata-se de um estudo que alia rigor metodológico à sensibilidade espiritual, propondo uma leitura que transcende o aspecto histórico e teológico para alcançar o campo da vivência prática e moral.

A estrutura adotada segue o texto bíblico versículo por versículo, palavra por palavra, ou por blocos temáticos, o que facilita a compreensão e a aplicação da mensagem. O método interpretativo é singular: combina a exegese tradicional — com atenção ao contexto histórico de Paulo e ao significado das palavras gregas — com conceitos fundamentais da Doutrina Espírita. Nesse sincretismo, a Bíblia dialoga com autores como Allan Kardec e Emmanuel, enriquecendo a reflexão e ampliando o horizonte de entendimento. Trata-se de um estudo minucioso do Evangelho.

Entre os pontos centrais, destacam-se: a fé como fidelidade ativa, que se traduz em obras e caridade; a conversão como transformação interior e consciente; a eleição como alinhamento às Leis Universais e processo de autoiluminação; e o valor das tribulações como instrumentos de aperfeiçoamento espiritual. O texto ressalta ainda a coerência de Paulo e da comunidade tessalônica, defendendo que o exemplo é a forma mais autêntica de educação.

O estudo não se limita à análise textual: oferece aplicações morais e espirituais para o seguidor do Evangelho contemporâneo, incentivando o combate às imperfeições, o serviço desinteressado e a vivência da fé como disciplina e compromisso. A contextualização biográfica de Paulo — seus sofrimentos, suas decepções e sua perseverança — humaniza o apóstolo e reforça a autoridade de seu testemunho.

É importante reconhecer que a obra assume um viés doutrinário específico, próprio da tradição espírita, o que pode gerar divergências para leitores de outras confissões. Contudo, essa característica não diminui sua relevância; ao contrário, confere-lhe identidade e profundidade, oferecendo uma interpretação coerente com a filosofia espírita e sua visão evolutiva do Espírito.

Em síntese, *Aos Tessalonicenses* transforma um documento histórico-religioso em um verdadeiro manual de conduta moral. Sua força reside na capacidade de extrair dos escritos paulinos lições práticas e éticas, enfatizando o amor, o serviço e a fidelidade como pilares da evolução espiritual. É uma obra que convida à reflexão, ao estudo e, sobretudo, à vivência do Evangelho em sua essência.

Sumário

Prefácio	3
1ª Epístola aos Tessalonicenses	6
Conversão e Fidelidade: Sinais da Verdadeira Fé.....	6
Paulo e a Autoridade do Evangelho — Servidor de Cristo	12
Fé Confirmada nas Provações: Alegria do Apóstolo.....	22
A Vinda do Senhor: Reflexão Espiritual e Testemunho	28
Vigiai e Edificai-vos Uns aos Outros	38
2ª Epístola aos Tessalonicenses	56
Entre a Tribulação e a Glória do Cristo.....	56
A Vinda de Cristo Como Luz Interior e Evolução Suprema.....	62
Entre o Trabalho e a Paz do Senhor	72
Referências Bibliográficas	82

1ª Epístola aos Tessalonicenses

1

Conversão e Fidelidade: Sinais da Verdadeira Fé

Paulo, e Silvano, e Timóteo, à igreja dos tessalonicenses, em Deus, o Pai, e no Senhor Jesus Cristo: graça e paz tenhais de Deus, nosso Pai, e do Senhor Jesus Cristo.

Sempre damos graças a Deus por vós todos, fazendo menção de vós em nossas orações, lembrando-nos, sem cessar, da obra da vossa fé, do trabalho da caridade e da paciência da esperança em nosso Senhor Jesus Cristo, diante de nosso Deus e Pai, sabendo, amados irmãos, que a vossa eleição é de Deus; porque o nosso evangelho não foi a vós somente em palavras, mas também em poder, e no Espírito Santo, e em muita certeza, como bem sabeis quais fomos entre vós, por amor de vós.

E vós fostes feitos nossos imitadores e do Senhor, recebendo a palavra em muita tribulação, com gozo do Espírito Santo, de maneira que fostes exemplo para todos os fiéis na Macedônia e Acaia.

Porque por vós soou a palavra do Senhor, não somente na Macedônia e Acaia, mas também em todos os lugares a vossa fé para com Deus se espalhou, de tal maneira que já dela não temos necessidade de falar coisa alguma; porque eles mesmos anunciam de nós qual a entrada que tivemos para convosco, e como dos ídolos vos convertestes a Deus, para servir ao Deus vivo e verdadeiro, e esperar dos céus a seu Filho, a quem ressuscitou dos mortos, a saber, Jesus, que nos livra da ira futura.¹

PAULO, E SILVANO, E TIMÓTEO, À IGREJA DOS TESSALONICENSES, EM DEUS, O PAI, E NO SENHOR JESUS CRISTO: GRAÇA E PAZ TENHAIS DE DEUS, NOSSO PAI, E DO SENHOR JESUS CRISTO.

Por volta do ano 50 de nossa era, já em franca atividade apostólica, Paulo, o fiel amigo dos gentios, se vê diante da seguinte dificuldade: a expansão das comunidades por ele fundadas crescia e com o crescimento surgiam dificuldades para o bom andamento da divulgação do Evangelho. Sua presença era sempre solicitada entre os novos seguidores do Cristo, e ele já não dava conta de atender à solicitação de todos como gostaria.

Após uma sentida oração percebeu-se envolvido pela presença espiritual do próprio Jesus que buscando tranquilizá-lo inspira-o a mudar a forma de assistência aos queridos seguidores.

Conforme anotações de Emmanuel, o Senhor o orienta com brandura:

Poderás resolver o problema escrevendo a todos os irmãos em meu nome... (...) doravante Estevão permanecerá mais aconchegado a ti transmitindo-te meus pensamentos, e o trabalho de evangelização poderá ampliar-se em benefício dos sofrimentos e das necessidades do mundo.²

Deste modo, o Apóstolo convidou Timóteo e Silas, aqui chamado de Silvano, para juntos redigirem a primeira de suas importantes epístolas.

Paulo escreve esta sua primeira epístola em Corinto, por volta do ano 50 ou 51 de nossa era. Esta carta tem importância histórica, pois provavelmente é o primeiro documento escrito do Novo Testamento.

Emmanuel³ relata que por volta do ano 34 ou 35 d.C. os seguidores do Cristo tinham um manuscrito de Mateus onde consultavam os ensinamentos de Jesus. Porém os historiadores informam-nos que o Evangelho de Mateus

¹ 1 Tessalonicenses, 1: 1 a 10

² XAVIER, Francisco. C. / Emmanuel (Espírito). *Paulo e Estevão*, pág. 529 41ª Ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004.

³ Idem, ibidem.

conforme temos hoje, em sua forma narrativa, é de composição mais tardia. O texto a que Emmanuel se refere deve ser um primeiro Evangelho escrito por Mateus em aramaico (ou hebraico); o atual foi escrito em grego. Mais tarde Mateus teria composto um novo texto, inclusive com influência do texto de Marcos que segundo os estudiosos foi o primeiro a ser redigido.

Essas cartas, escritas por Paulo, foram produzidas por um método que alguns autores denominam “círculos de profecia”. Esse processo consistia em uma meditação realizada pelo apóstolo e seus companheiros, na qual Paulo, concentrado, recebia por inspiração as palavras que fluíam naturalmente, eram pronunciadas em voz alta e, em seguida, anotadas.

Desde esse período — e até mesmo antes, conforme relatam alguns estudiosos — já se utilizava tal prática na composição de textos sagrados. Há registros de que, desde Samuel, escritos religiosos eram elaborados dessa forma. Esse método guarda identidade com o que hoje, no Espiritismo, chamamos de produção mediúnica: um medianeiro recebe o texto dos Espíritos e o transmite aos assistentes, seja pela palavra oral (*psicofonia*), seja pela escrita (*psicografia*). No caso das epístolas paulinas, o Espírito Estevão, representando o próprio Jesus, teria sido o intermediário dessa inspiração.

Esses eram os dons espirituais que o apóstolo aprofundaria e tornaria mais claros posteriormente, especialmente na primeira Carta aos Coríntios e em outras epístolas.

Importa-nos ainda observar, já nesta saudação inicial, como o fiel divulgador do Evangelho distingue Deus, o Pai, de Jesus Cristo, o Senhor. Para Paulo, essa diferenciação é evidente: Deus é o Criador, conforme registrado em *Atos 17:24*; Jesus, por sua vez, é o Cristo, o Messias, o Filho enviado por Deus para redimir a humanidade, que se encontrava em erro e sob o jugo do mundo, conforme *Gálatas 4:3-5*.

SEMPRE DAMOS GRAÇAS A DEUS POR VÓS TODOS, FAZENDO MENÇÃO DE VÓS EM NOSSAS ORAÇÕES, LEMBRANDO-NOS, SEM CESSAR, DA OBRA DA VOSSA FÉ, DO TRABALHO DA CARIDADE E DA PACIÊNCIA DA ESPERANÇA EM NOSSO SENHOR JESUS CRISTO, DIANTE DE NOSSO DEUS E PAI...

Paulo vem nos mostrar aqui, e vamos notar através do estudo de outras cartas, a relação de afeto existente entre ele e os Cristãos de todas as comunidades por ele fundadas, lembrando o ensinamento maior do Mestre:

*Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros.*⁴

Nesta relação afetiva Paulo lembra sempre de seus amigos em Cristo seja em suas preces, nas orientações, ou, até mesmo, quando precisava, nas repreensões visando a correção de algo que não estava correto dentro da proposta de fidelidade ao Evangelho.

Fazendo hoje uma necessária reflexão sobre este ponto aqui comentado, devemos analisar, como tem sido a nossa convivência e a nossa relação com os divulgadores atuais do Evangelho? Temos cultivado este sentimento de afeto e de amor que o Mestre disse ser o diferencial daquele que fosse seu seguidor?

O apóstolo cita aqui a “obra da fé” dos cristãos de Tessalônica, tema este que será devidamente trabalhado por ele em outros textos, principalmente na Carta aos Gálatas e aos Romanos, em contraposição com as obras da lei. E destaca ainda o *trabalho da caridade, e da paciência da esperança*, temas também recorrentes em outras epístolas e que para ele têm importância fundamental, pois além de serem compreensões básicas para o perfeito entendimento da Mensagem de Jesus, foram essas as orientações que deu a ele o Espírito Abigail, quando num momento de desdobramento espiritual a esferas mais elevadas, esta alma querida de seu coração disse-lhe:

*Ama, trabalha, espera, perdoa...*⁵

A partir daí este que seria para ele o “lema de Abigail” seria guardado para sempre como instrução divina para a sua edificação em Cristo Jesus.

⁴ João 13:35

⁵ Cf. (XAVIER / Emmanuel, 2004), págs. 381 e 382

Caridade é para ele o amor dinamizado pelo trabalho; *esperança* é fator essencial para a iluminação dentro da proposta evangélica, pois além de germinar a *paciência*, promove também a perseverança que é virtude sempre trabalhada por ele através da orientação de fortalecimento da fé.⁶

SABENDO, AMADOS IRMÃOS, QUE A VOSSA ELEIÇÃO É DE DEUS; PORQUE O NOSSO EVANGELHO NÃO FOI A VÓS SOMENTE EM PALAVRAS, MAS TAMBÉM EM PODER, E NO ESPÍRITO SANTO, E EM MUITA CERTEZA, COMO BEM SABEIS QUAIS FOMOS ENTRE VÓS, POR AMOR DE VÓS.

A *eleição de Deus* se dá quando o Espírito que recebe a orientação ou a revelação do Alto, transforma-se operacionalizando a informação recebida, ou seja, transformando-a em virtude através do testemunho no bem.

*Porque muitos são chamados, mas poucos, escolhidos.*⁷

Podemos, ao interpretar essas palavras de Jesus, compreender que todos somos chamados pelo Senhor da Vida a realizar o melhor dentro das nossas obrigações, em comunhão com o objetivo essencial da existência: a autorrealização.

Quando nos alinhamos às Leis Universais, concluímos um ciclo evolutivo e, dessa forma, tornamo-nos “eleitos” ou “escolhidos” dentro daquela faixa de conquistas espirituais.

Aqueles que acolheram a mensagem da Boa Nova em Tessalônica, tiveram muitos testemunhos a dar diante dos Judeus que naquele momento não compreenderam a superioridade da mensagem de Jesus. Por terem sido grandes as dificuldades encontradas pelos habitantes desta comunidade para vivenciar as lições do Evangelho, Paulo os escreve dizendo que a eles o Evangelho não foi somente em palavras, mas também em poder, isto é, em autoridade conferida àquele que é provado no testemunho e neste se promove a uma condição melhor em matéria de espiritualidade.

Espírito santo é o espírito que se santificou através deste processo evolucionar, processo este que dá a certeza do valor conquistado, por isso Paulo pôde dizer que estes eram irmãos aos quais a eleição foi de Deus, e completa a exposição dizendo que tudo foi feito entre eles, com muito amor. O apóstolo amou os novos seguidores, estes o receberam com o mesmo afeto e o amaram sobremaneira. Tudo conforme a orientação de Jesus a quem Paulo foi sempre fiel:

*Um novo mandamento vos dou: Que vos ameis uns aos outros; como eu vos amei a vós, que também vós uns aos outros vos ameis.*⁸

E VÓS FOSTES FEITOS NOSSOS IMITADORES E DO SENHOR, RECEBENDO A PALAVRA EM MUITA TRIBULAÇÃO, COM GOZO DO ESPÍRITO SANTO, DE MANEIRA QUE FOSTES EXEMPLO PARA TODOS OS FIÉIS NA MACEDÔNIA E ACAIA.

Paulo leva muito a sério os ensinamentos de Jesus. Deste modo, compreende que do mesmo jeito que Jesus se fez um com o Pai, nós também poderemos nos fazer um com o Cristo e também um com Deus. Esta é uma prerrogativa que é dada a todos nós.

Assim, busca incessantemente imitar a Jesus a quem ele tem por Senhor. Buscou viver isto de tal modo, que mais tarde pôde afirmar:

*Já estou crucificado com Cristo; e vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim.*⁹

Aqui ele exalta a coerência dos discípulos de Tessalônica, pois estes tendo recebido o Evangelho, a *palavra em muita tribulação*, o fizeram *com gozo do Espírito Santo*, isto é, com alegria e compreensão de tal forma, que

⁶ Este tema será aprofundado na 1ª Carta aos Coríntios.

⁷ Mateus 22:14

⁸ João, 13: 34

⁹ Gálatas, 2: 20

entendendo a essência da Mensagem buscaram imitar Paulo e o Senhor. Ou seja, entenderam a importância da vivência dos ensinamentos que recebiam, e tinham não só Paulo, mas o próprio Jesus como modelo.

Cabe aqui analisar algumas expressões minuciosamente buscando a aplicação das lições em nosso dia a dia.

Nossos imitadores e do Senhor – É importantíssimo termos um modelo. Os Espíritos nos informam na questão 625 de O Livro dos Espíritos que Jesus é o nosso guia e modelo.

Temos deste modo, de refletirmos sobre esta colocação e entender que a verdadeira “religião espírita” é a imitação de Jesus. É certo que a distância que nos separa em matéria evolutiva, é imensa, todavia temos que colocar o objetivo na frente e buscarmos alcançá-lo com determinação e perseverança. Haverá momentos de dores, de lágrimas, e até mesmo de quedas, mas o que nos faz diferente dos demais é a capacidade que podemos ter de nos erguermos e seguirmos adiante rumo ao objetivo para o qual fomos criados.

Todas as grandes almas que serviram de exemplo para humanidade assim fizeram, e se em determinado momento erraram, pois só Jesus foi perfeito, souberam fazer do erro ponte para integração com o Eterno.

Sejamos imitadores de Paulo, de Francisco de Assis, de Chico Xavier, de Madre Teresa e de outros que do mesmo modo buscaram imitar o Senhor. E não esqueçamos que o objetivo de nossa vida é a evolução, que deve ser compreendida como espiritualização, evangelização, ou mesmo, educação para o entendimento do Cristo Jesus e de Deus nosso Pai e Criador.

...recebendo a palavra em muita tribulação... - A *palavra* aqui é o mesmo que Evangelho, pois este é a “palavra de Deus” para cada um de nós. Se o Velho Testamento representa um pedido do homem para Deus, o Novo é a resposta de Deus para nós.

Todavia, se a Boa Nova é uma “palavra” de alegria, a sua vivência requer muita determinação e perseverança no objetivo maior, pois o cerne de sua mensagem é a destruição do interesse pessoal em favor do coletivo, é o sacrifício de si mesmo em favor do outro.

A tribulação dos tessalonicenses, de Paulo e dos primeiros cristãos foi principalmente a incompreensão da religião ortodoxa e dominante na época. Incompreensão esta que se materializou em muitas dores para os primeiros seguidores do Meigo Nazareno. Hoje já não temos as mesmas dificuldades; no país em que vivemos há uma grande liberdade de manifestação religiosa, todavia, qual de nós não tem as suas tribulações na busca da vivência evangélica, seja na convivência com a multiplicidade de filosofias existentes até mesmo entre os adeptos do Cristo e de Kardec, ou, seja na luta íntima do dia a dia? Porém, não nos esqueçamos, a luz só se manifesta nas trevas, sem a existência destas, como refletir a revelação que vem do Alto?

Desta forma entendemos que a tribulação é essencial para o aperfeiçoamento individual, são nas provações mais ríspidas que são forjados os maiores caracteres.

...com gozo do Espírito Santo... - Podemos entender a expressão *Espírito Santo* no Evangelho de dois modos principalmente. Representa o Espírito que já se santificou através da experiência evolutiva; ou, em determinados casos o grupo de Espíritos já harmonizados a Deus e que trabalham para o Cristo na implantação da Verdade Universal no coração das criaturas.

Em última instância, em nosso planeta Terra, Jesus é o coordenador do trabalho do Espírito Santo em todas as esferas. A trindade Deus – Jesus – Espírito Santo, ou, Pai – Filho – Espírito Santo, representa dentro desta ótica a harmonia de trabalho, do Criador, daquele que é o Eleito do Orbe, o Cristo, e o grupo de Espíritos que já ajustados à vontade de Deus trabalham como Co-criadores na harmonização deste Orbe, seja num plano maior ou menor, de acordo com a possibilidade de cada um.

Com gozo do Espírito Santo conforme expressou o Apóstolo da Gentilidade, significa a alegria daquele que trabalha com amor. O seguidor do Evangelho tem por diferencial justamente a alegria de servir. Mesmos nos momentos de maior contrariedade a alegria deve ser o sentimento sempre presente na intimidade de cada um, pois a dificuldade não pode de modo algum ser encarada como castigo, e sim como promoção a uma oportunidade nova de trabalho em favor do Cristo.

...de maneira que fostes exemplo para todos os fiéis na Macedônia e Acaia. – Segundo orientação da espiritualidade superior, o exemplo não é uma forma de educação, mas a única.

Nós, conhecedores do Evangelho, e que nos dizemos seguidores do Mestre Galileu, não podemos esquecer que temos constantemente responsabilidade de educadores na pauta de nossas obrigações diárias.

*Eis que o semeador saiu a semear...*¹⁰

Portanto, em todos os momentos temos o compromisso de educar, não esqueçamos, deste modo, do exemplo.

Paulo ressalta aqui o comportamento de fidelidade dos seguidores de Tessalônica, e destaca como isso foi importante, pois serviu de exemplo para várias outras comunidades do Evangelho.

Se queremos ser divulgadores da Doutrina e do Evangelho, temos sim que estudar Kardec, as lições de Jesus, e sermos fiéis a eles na oratória; porém, jamais esqueçamos das consequências morais que devem resultar desta possibilidade. O seguidor fiel é aquele vive o que prega, como Paulo nos lembra, *o justo viverá da fé*¹¹.

PORQUE POR VÓS SOOU A PALAVRA DO SENHOR, NÃO SOMENTE NA MACEDÔNIA E ACAIA, MAS TAMBÉM EM TODOS OS LUGARES A VOSSA FÉ PARA COM DEUS SE ESPALHOU, DE TAL MANEIRA QUE JÁ DELA NÃO TEMOS NECESSIDADE DE FALAR COISA ALGUMA; PORQUE ELES MESMOS ANUNCIAM DE NÓS QUAL A ENTRADA QUE TIVEMOS PARA CONVOSCO, E COMO DOS ÍDOLOS VOS CONVERTESTES A DEUS, PARA SERVIR AO DEUS VIVO E VERDADEIRO, E ESPERAR DOS CÉUS A SEU FILHO, A QUEM RESSUSCITOU DOS MORTOS, A SABER, JESUS, QUE NOS LIVRA DA IRA FUTURA.

Diante do já exposto até aqui pouco temos que comentar sobre este trecho. Para não cairmos em repetições desnecessárias vamos comentar apenas alguns pontos que achamos mais importantes.

O comportamento dos tessalonicenses que a princípio serviu de exemplo às comunidades da Macedônia e da Acaia, com o tempo se estendeu em matéria de influência de tal modo, que o Apóstolo fala dela de uma forma ampla, *em todos os lugares*, a nos mostrar, como já salientamos, a importância do exemplo, e como um ato nosso pode refletir de maneira incalculável por nós em vários locais.

Como nos afirmou o próprio discípulo de Gamaliel, *um pouco de fermento leveda toda a massa*¹². Se ele usou desta sentença para alertar aos gálatas a respeito dos judaizantes que os fazia retroceder no Evangelho, podemos também usá-la em sentido positivo com referência aos exemplos nobres, e sua influência nos outros.

...e como dos ídolos vos convertestes a Deus, para servir ao Deus vivo e verdadeiro... - Paulo destaca aqui a mudança realizada pelos tessalonicenses. Para tal ele usa a palavra *convertestes*. Converter é realizar em si uma mudança profunda, uma transformação; não é simplesmente trocar de lado, mas mudar com determinação e consciência do que se está fazendo. Paulo na estrada de Damasco se converteu ao Cristo, nós muitas vezes trocamos de religião, mas nem por isso nos convertemos, já que valorizamos mais as aparências exteriores do que propriamente o sentido profundo da filosofia espousada.

Esta palavra, conversão, deve ser por nós muito bem analisada, pois a proposta essencial da doutrina espírita é a nossa autoiluminação, e isso se dará de forma mais tranquila e segura pela nossa conversão ao Evangelho.

É importante compreender que a justiça antecede ao amor, assim como a disciplina precede à espontaneidade. Quando buscamos o conhecimento e a ciência, naturalmente começamos pelo processo de comparar, analisar e esmiuçar, esse é o primeiro passo.

Entretanto, a verdadeira conversão ocorre quando sentimos e aderimos à mensagem de tal forma que passamos a vivenciá-la espontaneamente. Por isso Paulo afirma que a conversão só se dá pela fé, entendida como o estado de amadurecimento em que a criatura vive a fidelidade de maneira natural.

Aliás, a palavra *fé* traduz o termo grego *pistis*, que significa, por si só, fidelidade, jamais um simples “crer” passivo, sem comprometimento com a mudança interior.

Eles se converteram dos *ídolos* a *Deus*. Como gentios eram adoradores de várias entidades, não tinham uma crença firme, substancial. A partir da recepção da Boa Nova, transformaram-se através de uma atitude cristã, deixando as ilusões do mundo em favor de uma vida mais ajustada aos princípios de espiritualidade.

Eles alcançaram uma compreensão tão ampla da mensagem evangélica que passaram a *servir* a Deus conforme anotação do missivista; servir, e não ser servido conforme normalmente queremos. E o que é mais importante,

¹⁰ Mateus 13:3

¹¹ Cf. Habacuque, 2: 4; Rom, 1: 17; Gl, 3: 11; Hb, 10: 38

¹² Gálatas 5:9

servir ao Deus vivo e verdadeiro, pois aqui cabe mais uma reflexão: a quem temos servido? A que Deus temos adorado? Porque se hoje já entendemos a mensagem do Deus único, nem por isso deixamos de adorar aos deuses dinheiro, poder, beleza, num constante culto ao corpo ou às conquistas referentes aos cargos mundanos e transitórios.

...e esperar dos céus a seu Filho, a quem ressuscitou dos mortos, a saber, Jesus, que nos livra da ira futura. – Aqui novamente Paulo destaca o valor da esperança, *a esperar dos céus a seu Filho*. Mais uma vez diferenciando Deus, que é o Pai, de Jesus, que é o Filho.

Aquele que trabalha com tranquilidade e consciência os valores espirituais espera, naturalmente, dos céus o atendimento de suas expectativas espirituais. Por estar certo de que faz o melhor dentro de suas possibilidades, permanece sereno, isto é, sem ansiedade quanto ao que virá do Alto, aqui representado pela palavra “céus”, no plural, indicando a infinitude das possibilidades.

O que espera, este que assim faz, dos céus? *A seu Filho*, diz o apóstolo, representado aqui tudo o que Jesus significa em matéria de conexão ou ajustamento com o Altíssimo.

Deus, em seu aspecto Lei, ressuscitou Jesus. Como a Lei de Deus é Unidade ela age do mesmo modo para com todos, assim todos seremos ressuscitados, pois a imortalidade da alma é uma prerrogativa para todos.

Não esqueçamos que estas epístolas paulinas eram mensagem do próprio Cristo através de Estevão para que Paulo, por via mediúnica, recebesse e encaminhasse para os cristãos daquele tempo¹³, mas com conteúdo a ser minuciado pelos seguidores do Mestre de todas as eras de conformidade com a exegese possível a cada um a seu tempo.

E o Apóstolo continua...

Jesus, que nos livra da ira futura. – A *ira* de Deus, que Paulo cita também em outros textos¹⁴, representa a ação da Lei de Deus que julga o passado no presente, e este no futuro. *Ira* dá um sentido de consequência negativa, pois refere-se a uma semeadura negativa. Se *futura*, é porque vai ainda acontecer, portanto está vinculada a nossa ação no presente, que pode ser modificado. Jesus é o libertador das consciências, pois promove a ascensão desta para Deus, deste modo, Jesus *nos livra da ira futura*, na medida em que, aderindo às suas propostas realizamos a conexão que nos religa ao Criador, libertando-nos assim de momentos de dor em futuras manifestações.

¹³ (XAVIER / Emmanuel, 2004), cap VI, 2ª parte.

¹⁴ Cf. Romanos, 1:18 ; Efésios, 5:6; Colossenses, 3:6 e 1 Ts, 2:16.

Paulo e a Autoridade do Evangelho — Servidor de Cristo

Porque vós mesmos, irmãos, bem sabeis que a nossa entrada para convosco não foi vã; mas, havendo primeiro padecido e sido agravados em Filipos, como sabeis, tornamo-nos ousados em nosso Deus, para vos falar o evangelho de Deus com grande combate.

Porque a nossa exortação não foi com engano, nem com imundícia, nem com fraudulência; mas, como fomos aprovados de Deus para que o evangelho nos fosse confiado, assim falamos, não como para agradar aos homens, mas a Deus, que prova o nosso coração.

Porque, como bem sabeis, nunca usamos de palavras lisonjeiras, nem houve um pretexto de avareza; Deus é testemunha.

E não buscamos glória dos homens, nem de vós, nem de outros, ainda que podíamos, como apóstolos de Cristo, ser-vos pesados; antes, fomos brandos entre vós, como a ama que cria seus filhos.

Assim nós, sendo-vos tão afeiçoados, de boa vontade quiséramos comunicar-vos, não somente o evangelho de Deus, mas ainda a nossa própria alma; porquanto nos éreis muito queridos.

Porque bem vos lembrais, irmãos, do nosso trabalho e fadiga; pois, trabalhando noite e dia, para não sermos pesados a nenhum de vós, vos pregamos o evangelho de Deus.

Vós e Deus sois testemunhas de quão santa, justa e irrepreensivelmente nos havemos para convosco, os que crestes.

Assim como bem sabeis de que modo vos exortávamos e consolávamos, a cada um de vós, como o pai a seus filhos, para que vos conduzísseis dignamente para com Deus, que vos chama para o seu reino e glória.

Pelo que também damos, sem cessar, graças a Deus, pois, havendo recebido de nós a palavra da pregação de Deus, a recebestes, não como palavra de homens, mas (segundo é, na verdade) como palavra de Deus, a qual também opera em vós, os que crestes.

Porque vós, irmãos, haveis sido feitos imitadores das igrejas de Deus que, na Judéia, estão em Jesus Cristo; porquanto também padecestes de vossos próprios concidadãos o mesmo que os judeus lhes fizeram a eles, os quais também mataram o Senhor Jesus e os seus próprios profetas, e nos têm perseguido, e não agradam a Deus, e são contrários a todos os homens.

E nos impedem de pregar aos gentios as palavras da salvação, a fim de encherem sempre a medida de seus pecados; mas a ira de Deus caiu sobre eles até ao fim.

Nós, porém, irmãos, sendo privados de vós por um momento de tempo, de vista, mas não do coração, tanto mais procuramos com grande desejo ver o vosso rosto.

Pelo que bem quisemos, uma e outra vez, ir ter convosco, pelo menos eu, Paulo, mas Satanás no-lo impediu.

Porque qual é a nossa esperança, ou gozo, ou coroa de glória? Porventura, não o sois vós também diante de nosso Senhor Jesus Cristo em sua vinda?

Na verdade, vós sois a nossa glória e gozo.¹⁵

PORQUE VÓS MESMOS, IRMÃOS, BEM SABEIS QUE A NOSSA ENTRADA PARA CONVOSCO NÃO FOI VÃ; MAS, HAVENDO PRIMEIRO PADECIDO E SIDO AGRAVADOS EM FILIPOS, COMO

¹⁵ 1 Tessalonicenses, 2: 1 a 20

SABEIS, TORNAMO-NOS OUSADOS EM NOSSO DEUS, PARA VOS FALAR O EVANGELHO DE DEUS COM GRANDE COMBATE.

Não foi inútil a presença de Paulo entre os tessalonicenses. Cada expressão evangélica requer cuidado e atenção em sua interpretação. Não podemos atropelar as palavras como se elas nada quisessem dizer, todo o texto evangélico é uma expressão do pensamento do Cristo, é a mensagem viva de Deus.

Ao nos dizer que sua estada entre os irmãos de Tessalônica não foi vã, como também não foi em nenhuma outra comunidade, o fiel discípulo do Cristo nos leva a refletir em como tem sido a nossa participação na comunidade de fé que elegemos. Que mensagem temos levado nas entrelinhas de nossas ações? Que ambiente temos criado? Como temos nos entregado à proposta de edificação? Tem sido útil a nossa participação, ou melhor seria para os outros, se lá não estivéssemos? São pontos, entre outros do mesmo conteúdo, a ser por nós trabalhado em nosso necessário serviço de autoconhecimento.

Paulo chegou a Tessalônica após passar por Filipos, aqui ele lembra a seus amigos como foi sua passagem por lá, cheia de padecimentos; sendo inclusive açoitado e castigado em praça pública e conduzido à prisão em péssimas condições. Para compreendermos melhor tais torturas devemos ler o livro de Atos em seu capítulo 16 nos versículos de 11 a 40, e o livro de Emmanuel, já citado, Paulo e Estevão, no cap. VI da segunda parte, mais propriamente a partir da pág. 506¹⁶.

Não queremos pregar a necessidade de se ter que padecer para vivenciarmos o Evangelho que é em sua essência expressão de alegria. Esta não foi de nenhum modo a intenção do apóstolo; porém, deixa-nos a lição de que, quando esse padecimento surge de forma natural devido a incompreensão do mundo, ou de nossa adaptação a uma proposta de maior espiritualidade, não devemos jamais abandonar a luta que ele próprio denominou de bom combate¹⁷.

Dizemos isso porque é muito comum entre nós aguardarmos uma situação de maior tranquilidade para exercermos o trabalho no campo do Espiritismo e do Evangelho. No entanto, esse não foi o exemplo das grandes almas que se dedicaram — e ainda se dedicam — ao serviço do Cristo, apesar de todas as dificuldades e contrariedades.

Por agir dessa forma, Paulo pôde, com autoridade, afirmar que se tornara ousado em Deus, para anunciar o Evangelho com grande combate.

Aqui sentimos novamente a necessidade de analisarmos separadamente algumas expressões.

...tornamo-nos – Isto é, fizeram-se - eles e Silas, que é os que estavam em Filipos – de dentro para fora. Transformaram-se em...

...ousados em nosso Deus – O que é ser ousado em Deus? Sinceramente, em nossa pequenez, não sabemos se temos condição de analisar com profundidade este trecho, todavia, dentro das nossas limitações entendemos que é avançar no entendimento sincero da proposta do Criador para a nossa vida, com fidelidade e atitude sincera de transformação de si mesmo para atendimento de Seus desígnios. A filosofia é necessária, e até prazerosa, mas muito mais é preciso, comprometimento com a mensagem superior que Deus nos enviou que é o próprio Evangelho.

O apóstolo é claro, é preciso ser ousado para falar do Evangelho, pois senão vira simplesmente retórica; e notemos que ele atribui o Evangelho a Deus. Jesus foi e é o Espírito mais evoluído que pisou em nosso orbe, todavia, foi apenas o instrumento de Deus para trazer a nós sua Perfeita Mensagem. Paulo cita sempre o Cristo, que foi uma missão de Jesus, admira profundamente este grandioso Espírito a quem ele é grato e fiel, todavia jamais se deixa levar pela idolatria, nem mesmo ao Mestre que ele tanto ama.

... com grande combate. – Já comentamos a respeito, mas é sempre bom lembrar. É um combate interior, contra as próprias imperfeições. Não um combate às pessoas, exterior. Se às vezes parecia que Paulo ou o próprio Jesus combatiam os fariseus e saduceus como pessoas, em essência não é isso o que acontecia, eles lutavam era contra o que eles representavam em termos de atraso para a mensagem da Boa Nova. Era a condição de retaguarda,

¹⁶ (XAVIER / Emmanuel, 2004).

¹⁷ Cf. 2 Timóteo, 4:7

de falsidade, de cultivo de aparências simplesmente exteriores em que se encontravam é que deveria ser combatida. Deus não quer a morte do pecador, mas do pecado. É o mesmo Paulo quem afirma:

*Ora, o último inimigo que há de ser aniquilado é a morte.*¹⁸

PORQUE A NOSSA EXORTAÇÃO NÃO FOI COM ENGANO, NEM COM IMUNDÍCIA, NEM COM FRAUDULÊNCIA; MAS, COMO FOMOS APROVADOS DE DEUS PARA QUE O EVANGELHO NOS FOSSE CONFIADO, ASSIM FALAMOS, NÃO COMO PARA AGRADAR AOS HOMENS, MAS A DEUS, QUE PROVA O NOSSO CORAÇÃO.

Aqui faz-se necessário trabalharmos alguns significados:

Exortação: Ato de exortar, animar, estimular. Conselho, advertência, admoestação.

Imundícia: Falta de asseio, porcaria, lixo, sujidade, sujeira. Qualidade, estado ou condição de imundo. Para este versículo podemos também traduzir por *motivos espúrios*.

Fraudulência: Qualquer ato arditoso, enganoso, de má-fé, com o intuito de lesar ou ludibriar outrem; logro; ação que se vale de astúcia, manha, sagacidade; ardileza, maquinação.

Paulo buscava animar, estimular os seus seguidores, mas também advertir. Pois tinha grande experiência e conhecia as armadilhas que o mundo prepara para aqueles que aderem a uma proposta sincera de renovação dentro de uma prática baseada na pura moral do Evangelho. Ele não fazia isso visando enganar, nem muito menos sendo astuto, ou maquinando para atender os seus objetivos.

Tinha ele perfeita consciência de que fora aprovado e escolhido por Deus para divulgar o Evangelho. Deus o confiara uma missão, e ele como sempre lhe fora fiel, fazia questão de executar sua tarefa com grandiosidade nos mínimos detalhes. Não que primasse pelo perfeccionismo, mas procurava realizar bem e com fidelidade a Vontade do Alto.

O Criador nos tem achado digno de várias realizações, a cada um de nós chamou para realização de determinada tarefa. Como temos nos saído? Insistimos nesta colocação, pois esta é uma reflexão que temos de fazer constantemente.

Agradar a Deus é realizar a Sua vontade e atender aos objetivos da criação. Contudo, como isso exige a eliminação do interesse pessoal, nossa vinculação com essa proposta desagrade àqueles que ainda se deixam levar pela ilusão da vida imediatista e dos valores materiais. Esses, a quem o autor desta carta chamou de homens, sentem-se prejudicados e procuram desarticular o nosso trabalho.

Todavia, Aquele que perscruta o coração e nos prova visando à nossa promoção conhece a sinceridade com que atuamos e retribui a cada um segundo as suas obras. Essa consciência é clara em Paulo, razão de sua fidelidade. Ele jamais desiste: enfrenta açoites, prisões e até naufrágios, mantendo um único objetivo — implantar o Evangelho no coração de todos os que reconhece como irmãos, filhos do mesmo Pai, que é também o Pai de Jesus, o Cristo de Deus.

PORQUE, COMO BEM SABEIS, NUNCA USAMOS DE PALAVRAS LISONJEIRAS, NEM HOUVE UM PRETEXTO DE AVAREZA; DEUS É TESTEMUNHA. E NÃO BUSCAMOS GLÓRIA DOS HOMENS, NEM DE VÓS, NEM DE OUTROS, AINDA QUE PODÍAMOS, COMO APÓSTOLOS DE CRISTO, SER-VOS PESADOS; ANTES, FOMOS BRANDOS ENTRE VÓS, COMO A AMA QUE CRIA SEUS FILHOS.

Paulo jamais se envaideceu de sua condição de apóstolo; muito pelo contrário, mantinha plena consciência de sua missão, mas sem buscar valorização pessoal. São dele essas palavras:

*A mim, o mínimo de todos os santos, me foi dada esta graça de anunciar entre os gentios, por meio do evangelho, as riquezas incompreensíveis de Cristo*¹⁹

¹⁸ 1 Coríntios 15:26

¹⁹ Efésios, 3:8

Também, nunca quis tirar proveito para si próprio. Se continuasse na sua posição de fariseu, doutor da lei, substituto de Gamaliel, teria todos os louros do mundo, e excelente condição material. Porém, deixou tudo isso pela conversão ao Cristo.

Não temos hoje a ideia do que significou para ele em termos de perda quanto aos valores do mundo a sua opção pela Boa Nova, pois hoje divulgar os valores do espírito dá até status, porém àquele tempo não era assim, e ele saiu da condição de líder de uma facção dominante, para simples operário da construção de um edifício o qual ainda estava sendo lançado as suas bases. Como então acusá-lo de avaro?

É muito bom poder dizer com sinceridade de consciência, que Deus é testemunha de nossas intenções mais íntimas, e do desinteresse das mesmas, e ele podia assim dizer: *Deus é testemunha*.

Jesus já dissera da impossibilidade de servir a Deus e mundo ao mesmo tempo, pois ou se agrada a um ou ao outro, *ninguém pode servir a dois senhores*²⁰.

Paulo era conhecedor desta realidade e por isso jamais quis o elogio ou a glória dos homens fossem estes quem fossem; pois sabia que os discípulos sinceros do Cristo não elogiavam por saberem da responsabilidade que tinham, e porque o mérito não eram deles e sim do Senhor que eles representavam. E quanto aos outros homens, os ligados ao mundo, já dissemos, não interessa ao servidor do Evangelho a sua opinião e sim amá-los conforme a orientação do Mestre.

Na condição de liderança que exercia, podia usar de privilégios tanto materiais, quanto de desejar facilidades devido a um suposto prestígio, pois era um apóstolo indicado pelo próprio Cristo a serviço de Deus; todavia renunciou a tal prerrogativa, pois não era um profissional da fé e sim um irmão que buscava também mais acertar do que errar. Este exemplo tanto de Paulo quanto de outros grandes apóstolos do Senhor²¹, merece ser por nós avaliado, seguido, e divulgado entre os irmãos de fé.

Através do livro de *Atos dos Apóstolos*, e da já citada obra de Emmanuel, *Paulo e Estevão*, tomamos conhecimento que Paulo aprendeu o ofício de tecelão. Era comum à época, entre os judeus, o pai exigir que os seus filhos aprendessem um trabalho mecânico afim de num momento de maior necessidade poder ganhar o seu sustento de forma honesta. Paulo agiu dessa forma ao afastar-se do templo. Por não considerar justo viver às custas da fé que agora abraçava, exerceu com dignidade o seu ofício de tecelão, evitando ser um peso para os companheiros de fé.

Vale a pena mais uma vez destacar o sentimento de afeto que todo servidor do Cristo deve ter uns em relação aos outros:

...fomos brandos entre vós, como a ama que cria seus filhos. Dispensa qualquer comentário esta colocação, pois a afabilidade e a doçura devem ser características básicas daquele que tem Jesus como guia e modelo para sua própria conduta.

ASSIM NÓS, SENDO-VOS TÃO AFEIÇOADOS, DE BOA VONTADE QUISÉRAMOS COMUNICAR-VOS, NÃO SOMENTE O EVANGELHO DE DEUS, MAS AINDA A NOSSA PRÓPRIA ALMA; PORQUANTO NOS ÉREIS MUITO QUERIDOS.

É confirmado aqui os laços afetivos que uniam o apóstolo aos seus seguidores, *assim nós, sendo-vos tão afeiçoados*. Este é realmente o diferencial do seguidor do Evangelho, o sentimento de carinho, de atenção, de cuidado, com tudo o que realiza e que todos com quem convive.

De boa vontade quiséramos comunicar-vos, não somente o Evangelho de Deus... Boa vontade expressa o sentimento mais profundo de desejo de realizar algo. Como dizia nosso querido Leão Zállio, um dos primeiros orientadores que tivemos da Doutrina e do Evangelho quando ainda encarnado, não basta ter vontade: é preciso ter *boa vontade*. Esse é o sentimento característico do servidor do Evangelho, que o Cristo qualificou como a “segunda milha”, isto é, ir além do que é pedido, oferecer um pouco mais, expressando o amor que transcende a simples justiça.

²⁰ Cf. Mateus, 6: 24; Lucas, 16: 13

²¹ Assim também fizeram Pedro, João, Francisco de Assis, Chico Xavier, entre outros que jamais quiseram ser pesados financeiramente aos seguidores de suas propostas de religiosidade.

Este era o sentimento dominante de Paulo quando se tratava de divulgar o Evangelho, que como já explicamos, ele dizia ser de Deus.

...ainda a nossa própria alma; porquanto nos éreis muito queridos. Ministar o Evangelho segundo o entendimento superior de Paulo, era não somente comunicar-lhe aos seus adeptos, mas dar a *própria alma* pela causa, que em se tratando do Evangelho, era o bem do semelhante sob o ponto de vista de mais espiritualidade.

É muito comum nos meios religiosos tradicionais a afirmativa de que os grandes iniciados deram a vida por nós, no sentido de morrer por nós. Essa não é a grande questão, pois morrer por nós significando desencarnar, para aquele que tem certeza da imortalidade da alma e a consciência tranquila do dever cumprido, não é nenhum sofrimento. Os grandes avatares, os que tiveram grandes realizações sob a ótica espiritual, têm mérito, justamente por ter vivido por nós, ou seja, vivenciaram cada momento com amor, matando o interesse pessoal em favor da universalidade do Bem.

Paulo assim fez pela divulgação da Boa Nova de Deus e pelo bem daqueles que eram seus seguidores e conversos ao Evangelho.

PORQUE BEM VOS LEMBRAIS, IRMÃOS, DO NOSSO TRABALHO E FADIGA; POIS, TRABALHANDO NOITE E DIA, PARA NÃO SERMOS PESADOS A NENHUM DE VÓS, VOS PREGAMOS O EVANGELHO DE DEUS.

Neste versículo, pouco temos a comentar, visto que já tratamos de todos os temas aqui expostos. Resta-nos apenas ressaltar que o trabalho no bem deve ser incessante e contínuo, como expressa a sequência “noite e dia”, ou seja, sem interrupção e com perseverança.

Quando se alcança a consciência que Paulo obteve na estrada de Damasco e no deserto da Arábia, passa-se a considerar a própria redenção como o tesouro maior a ser conquistado. E, como ensina o Cristo, essa redenção só vem após o esforço pelo aperfeiçoamento de nossos sentimentos, que se dá pela constância no bem. Assim, passamos a priorizar a proposta de **autorrealização**, que se concretiza, desse modo, noite e dia.

Noite, expressando o trabalho a ser realizado de autoiluminação para iluminar as trevas íntimas. É operando na noite (trevas) que solidificamos a nossa luz. E dia como a sequência natural de um novo ciclo, aberto também com a continuidade do trabalho em um dinamismo incessante.

Sobre este momento de amadurecimento espiritual de Paulo na Arábia, que citamos acima, o Professor Huberto Rohden tece valiosos comentários que muito podem nos auxiliar na compreensão da conversão deste que é, segundo ele mesmo, o maior bandeirante do Evangelho:

Antes de tudo, convém rebater a ideia pueril de certos cristãos piedosos e ingênuos que imaginam os santos como que “caídos do céu” e se esquecem de que o santo se forma aos poucos, evolve, progride, se aperfeiçoa através de mil vicissitudes, por entre os fluxos e refluxos da luz e das trevas, do bem e do mal.²²

VÓS E DEUS SOIS TESTEMUNHAS DE QUÃO SANTA, JUSTA E IRREPREENSIVELMENTE NOS HOUEMOS PARA CONVOSCO, OS QUE CRESTES.

Em particular neste versículo, gostamos mais da tradução da Bíblia de Jerusalém que diz:

Vós sois testemunhas, e Deus também o é, de quão puro, justo e irrepreensível tem sido o nosso modo de proceder para convosco, os fiéis.

É que de acordo com a lógica do pensamento de Paulo não podemos traduzir o grego *pistis* (fê) cujo verbo é *pisteuein*, que designa o ato de ter fê, por crer. É que em latim o substantivo *fides* (fê) não tem um verbo derivado. Deste modo, os tradutores latinos tiveram que recorrer a um verbo de outro radical para designar o ato de ter fê.

²² ROHDEN, Huberto. *Paulo de Tarso – O Maior Bandeirante do Evangelho*, pág. 64, Ed. Martin Claret, Série Ouro, São Paulo, 2005.

Este verbo é *credere*, que em português quer dizer crer. Todavia *pisteuein* designa um estado de fidelidade, e não apenas de crer o que pode ser muito vago.²³

Portanto, estes a quem Paulo dirige esta carta são na realidade, *os fiéis*, conforme expressa a tradução da Bíblia de Jerusalém, e não *os que crestes*, conforme a tradução de Almeida.

No mais é importante destacar a sequência dita por Paulo, *quão puro, justo e irrepreensível*, definindo seu modo de proceder perante os adeptos da mensagem do Cristo.

Puro, isto é, sem nenhuma impureza ou contaminação, honesto, cristalino.

Justo, imparcial, reto, íntegro.

Irrepreensível, que não merece censuras, perfeito, correto.

O que entendemos por pureza doutrinária passa pela vivência do sentimento expresso nestes três adjetivos, não só no que diz respeito aos aspectos doutrinários em si, mas principalmente na convivência com os semelhantes que é o objetivo maior da práxis cristã.

ASSIM COMO BEM SABEIS DE QUE MODO VOS EXORTÁVAMOS E CONSOLÁVAMOS, A CADA UM DE VÓS, COMO O PAI A SEUS FILHOS, PARA QUE VOS CONDUZÍSSEIS DIGNAMENTE PARA COM DEUS, QUE VOS CHAMA PARA O SEU REINO E GLÓRIA.

Paulo jamais privilegiou quem quer que fosse, tratava todos com equanimidade. Assim, consolava e exortava cada um em particular se preciso fosse, valorizando e compreendendo a individualidade de cada um dentro da universalidade da mensagem cristã. Fazia deste modo, como o pai zeloso faz pelos seus filhos, buscando conduzir cada qual para o melhor dentro de sua ótica.

Tinha, o converso de Damasco, a certeza de que a mensagem da Boa Nova era o melhor para cada um, que a busca de Deus é o objetivo de todos, até mesmo daqueles que esquecidos e iludidos encontram-se momentaneamente querendo negá-Lo. Deste modo, alertava seus leitores conduzindo-os *dignamente para com Deus*, essa era uma de suas características, a fidelidade constante para com Deus e a sua consciência que dizia ser seu dever, segundo recebera do próprio Cristo, conduzir as almas simples para o Reino e Glória do Senhor.

Deus chama cada um de nós para voltar a este Reino; basta que entremos no silêncio do Criador e escutemos as suas propostas, propostas estas que nos ocorrem no dia a dia de nossa vida através das circunstâncias.

A questão 621 de *O Livro dos Espíritos*²⁴ nos diz que a Lei de Deus está gravada em nossa consciência, na de todos, e que nós a esquecemos. Deus quer que disso nos lembremos e, para tal, nos proporcionou a lei da evolução. Como se isso não bastasse, por misericórdia, permite que mensageiros diretos de Seu Reino venham até nós para recordar essa perda que tivemos e novamente nos conduzir ao Seu equilíbrio.

Paulo foi um dos maiores condutores ao Reino que o Criador permitiu encarnar entre nós. Por meio do Cristo, foi resgatado para o cumprimento dessa valiosa missão e, consciente de tudo isso, deseja conduzir seus seguidores daquele tempo — e todos os que mais tarde viessem a aderir — com dignidade para essa esfera de graça e felicidade.

PELO QUE TAMBÉM DAMOS, SEM CESSAR, GRAÇAS A DEUS, POIS, HAVENDO RECEBIDO DE NÓS A PALAVRA DA PREGAÇÃO DE DEUS, A RECEBESTES, NÃO COMO PALAVRA DE HOMENS, MAS (SEGUNDO É, NA VERDADE) COMO PALAVRA DE DEUS, A QUAL TAMBÉM OPERA EM VÓS, OS QUE CRESTES.

O apóstolo aqui dá graças a Deus, com muita consciência, pela oportunidade de participar deste projeto de implantação do Reino no coração das criaturas. Sabia da sua condição de intermediário, a revelação era de Deus, e não de homens, e deste modo foi acolhida pelos seguidores de Tessalônica.

²³ Ver a este respeito os comentários de Huberto Rohden na obra já citada.

²⁴ KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*, 50ª Ed., Rio de Janeiro FEB, 1980.

Importa-nos aqui fazer duas considerações sobre a importância deste correto acolhimento da Palavra, que aqui representa a revelação do Alto.

Allan Kardec fez-nos ver o Espiritismo como a terceira revelação da Lei de Deus²⁵, para nós os ocidentais. Do mesmo modo que esta revelação foi orientada por Espíritos superiores a serviço do Criador, as outras duas, a de Moisés e a de Jesus, também foram. Deste modo, vale tanto para o Antigo quanto para o Novo Testamento, o que Kardec fala sobre a revelação espírita, *não é esta uma revelação de homens, mas de Deus*. É preciso que entendamos que se a terceira revelação se dá também no âmbito da ciência, as outras duas, se expressam de forma alegórica, onde é preciso que se tire o “espírito da letra” para que alcancemos seu profundo conteúdo revelador. Allan Kardec nos orienta para esta necessidade, vide a questão 59 de *O Livro dos Espíritos*, e *A Gênese*, onde no cap. XII, item 12, diz claramente:

Não rejeitemos, pois, a Gênese bíblica; ao contrário, estudemo-la, como se estuda a história da infância dos povos.

*Trata-se de uma época rica de alegorias, cujo sentido oculto se deve pesquisar; que se devem comentar e explicar com o auxílio das luzes da razão e da Ciência.*²⁶

A segunda consideração a ser feita sobre o acolhimento da Revelação é que ela se dá de forma completa em três ciclos. No primeiro momento recebe-se a Palavra²⁷, num segundo acolhe-se esta na própria intimidade da criatura, (os discípulos de Tessalônica receberam de Paulo a Palavra, e esta operava neles, os fiéis); no terceiro momento, a Palavra já faz parte da conduta íntima daquele que aderiu a ela, e ela, a Palavra, é exteriorizada em forma de atitudes.

*Já estou crucificado com Cristo; e vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim*²⁸

PORQUE VÓS, IRMÃOS, HAVEIS SIDO FEITOS IMITADORES DAS IGREJAS DE DEUS QUE, NA JUDÉIA, ESTÃO EM JESUS CRISTO; PORQUANTO TAMBÉM PADECESTES DE VOSSOS PRÓPRIOS CONCIDADÃOS O MESMO QUE OS JUDEUS LHES FIZERAM A ELES...

É comum quando passamos por momentos de testemunhos difíceis, de grandes tribulações em nossa alma, achar que Deus se esqueceu de nós ou que o fardo está por demais pesado. Se assim não nos expressamos formalmente, é preciso entendermos que, qualquer reclamação por mínima que seja, pressupõe falta de conhecimento dos mecanismos de funcionamento do Universo, pois se assim fazemos, é porque nos achamos de um modo ou de outro, injustiçados.

Essa não era a consciência que o Apóstolo dos gentios tentava despertar em seus seguidores. Para ele, o sacrifício em nome do Cristo era privilégio, pois ele compreendia que tratava-se de promoção e não de esquecimento por parte do Criador.

Os judeus mais ortodoxos ligados ao templo de Jerusalém fizeram com que os da primeira comunidade cristã do Caminho passassem por momentos de grandes dificuldades, Paulo era não só testemunha disto, como na condição de antigo fariseu, doutor da lei, tinha participado das primeiras perseguições aos seguidores do Nazareno.

Como verdadeiro converso ao Evangelho, sabedor do quanto teria que padecer pelo Cristo, buscava, ao invés de lamentar, incentivar os tessalonicenses comparando-os aos cristãos de Jerusalém, pois assim os fazia ver que tudo isso era natural dentro do encaminhamento reeducativo para as questões imortais.

Hoje quando lemos textos históricos sobre este período inicial do cristianismo, ou quando meditamos sobre acontecimentos anteriores ligados a estes valorosos Espíritos precursores do Bem, muitas vezes o fazemos como se a um romance estivéssemos lendo ou a uma telenovela assistindo, devido à distância dos fatos e a uma realidade bem diversa da que temos atualmente. Porém, é preciso identificarmos nossos testemunhos atuais como momentos semelhantes a estes; se já não temos perseguições explícitas em nome da fé, se não mais existem arenas com leões

²⁵ Cf. KARDEC, Allan. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, Cap. I, Item 6, 104a ed., Rio de Janeiro, FEB, 1991

²⁶ KARDEC, Allan. *A Gênese*, 26ª Ed., 1984.

²⁷ Ver 1ª Coríntios, 11: 23

²⁸ Gálatas, 2:20

devoradores, existem outros tipos de tormentos que com sutileza nos fazem chorar do mesmo modo, ou situações que nos fazem sangrar e sermos devorados mesmo nos mantendo fisicamente intactos.

Portanto, diante destes momentos em que somos visitados pela angústia, e até mesmo por empecilhos quando desejamos simplesmente realizar o bem, não desistamos, tomemos como exemplo nossos antepassados iniciadores do movimento pelo Cristo; pois estes, também padeceram ao seu tempo na mão dos próprios concidadãos ou de judeus inobservantes dos mesmos mandamentos que diziam seguir.

Devemos também sermos imitadores do Cristo e das comunidades primeiras que testemunharam em nome de Deus, pois se assim não fizermos, que galardão desejamos?

OS QUAIS TAMBÉM MATARAM O SENHOR JESUS E OS SEUS PRÓPRIOS PROFETAS, E NOS TÊM PERSEGUIDO, E NÃO AGRADAM A DEUS, E SÃO CONTRÁRIOS A TODOS OS HOMENS. E NOS IMPEDEM DE PREGAR AOS GENTIOS AS PALAVRAS DA SALVAÇÃO, A FIM DE ENCHEREM SEMPRE A MEDIDA DE SEUS PECADOS; MAS A IRA DE DEUS CAIU SOBRE ELES ATÉ AO FIM.

Paulo refere aqui ao fato histórico dos Judeus terem matado Jesus, o Manso por excelência, e aos próprios profetas que eles já cultuavam àquele tempo. Mostrando-nos assim como o mundo se engana diante das pessoas e dos fatos. A incompreensão leva-nos às vezes a excessos que vão ser mais tarde motivos de arrependimentos e de grandes dissabores para todos nós, por isso, tenhamos cautela no julgamento, e busquemos analisar sempre pela ótica do espírito que transcende ao tempo, só assim evitaremos o dissabor do arrependimento motivado por atitudes de orgulho e egoísmo.

Era o Apóstolo, redimido pelas luzes de Damasco, um visionário, um homem além de seu tempo. Sabia que aquela perseguição desagradava a Deus, por infringir a Sua Lei. Os que assim agem se colocam contrários ao sentimento natural de todos os homens, que é o de refletir Deus e, desse modo, ser feliz.

Em nosso estado próprio de equilíbrio, não desejamos contendas nem ser adversários Daquele que é Todo-Poder. Se recebemos um ensinamento ou uma revelação importante, o primeiro impulso é também transmiti-lo aos nossos semelhantes, compartilhando a ciência que tanto bem nos faz. Essas são as palavras da salvação.

Os que impedem esse andamento natural da ordem, em verdade, estão — segundo o linguajar do texto — enchendo a medida de seus pecados, ou seja, aumentando seu endividamento diante da Lei. Quando assim agimos, obstruímos o fluxo normal dos eventos universais e assumimos a responsabilidade de opositores do Bem, despertando o que o redator da carta denominava “ira de Deus”, que não é outra coisa senão a Lei impondo-se à criatura no campo das reações dolorosas, porém necessárias, porque restauradoras da Ordem.

Em verdade te digo que, de maneira nenhuma, sairás dali, enquanto não pagares o último ceitil.²⁹

NÓS, PORÉM, IRMÃOS, SENDO PRIVADOS DE VÓS POR UM MOMENTO DE TEMPO, DE VISTA, MAS NÃO DO CORAÇÃO, TANTO MAIS PROCURAMOS COM GRANDE DESEJO VER O VOSSO ROSTO.

Como dissemos no início destes comentários, a presença física de Paulo junto às comunidades do Evangelho já não era possível devido ao crescimento das mesmas e a problemas outros enfrentados por todo aquele que se dedica ao trabalho do Bem. Porém sabia ele que este distanciamento era questão de tempo e estava ligado à relatividade deste. Eram ligados pelo laço indissolúvel do coração, pelos vínculos da alma, e como já somos sabedores, as questões do espírito não se sujeitam às dimensões tempo e espaço, pois estas dizem respeito apenas às questões vinculadas à matéria.

Paulo sabia da transitoriedade das imposições do mundo, sabia compreender a necessidade de se passar por elas, e, superá-las, era assim, o seu objetivo.

²⁹ Mateus, 5: 26

Por quantas vezes o mesmo não acontece conosco no encaminhamento de nossa vida? Quantas vezes não somos afastados daqueles a quem somos ligados pelos laços afetivos? Saibamos compreender a necessidade de vencermos etapas que se fazem necessárias dentro do plano operacional da Vida... lembremos, a citação evangélica, *o justo viverá por sua fidelidade*³⁰. Se assim fizermos, aceitando os desígnios superiores, ajustando a eles a nossa liberdade, atuaremos na faixa do espírito que como dissemos transcende tempo e espaço e mais cedo do que poderemos supor estaremos juntos a estes queridos do coração para o prazeroso trabalho do Bem.

PELO QUE BEM QUISEMOS, UMA E OUTRA VEZ, IR TER CONVOSCO, PELO MENOS EU, PAULO, MAS SATANÁS NO-LO IMPEDIU.

Paulo informa aos seus leitores que esta distância não é por vontade sua, mas além da imposição do trabalho, existem outras contrárias à sua vontade.

Quis ele por mais de uma vez voltar aos seus amigos de Tessalônica, mas diz: *Satanás no-lo impediu*.

Existem no mundo dual em que vivemos duas forças opostas, a do Bem e a do mal. Toda força contrária ao Bem que é natural na criatura em seu estado de origem, pois a nossa origem é Deus, pode ser compreendida como satanás, diabo, ou demônio, que no Evangelho são designadas por três palavras gregas diferentes, mas que no geral têm o mesmo sentido, o de desunião, de caluniador de acusador, de adversário. Do mesmo modo que quando aderimos às forças superiores da vida somos instrumentos de Deus, se por invigilância ou ignorância vincularmos-nos às propostas adversárias, da treva, seremos instrumentos de satanás.

Neste ponto da carta Paulo refere-se por *satanás*, a todas as forças contrárias ao Evangelho, que comumente eram os judeus ortodoxos e outras vezes eram alguns dentro das próprias comunidades cristãs nascentes que insistiam em não compreenderem a liberdade da mensagem de Jesus e continuavam a valorizar mais os ritos e atitudes exteriores exigidos pela prática religiosa dominante.

Este mecanismo de ação de *satanás* como instrumento das trevas, é muito bem descrito no Apocalipse, no capítulo 13, que citamos abaixo para que possamos compreender a sutileza com que os ainda adversários do Bem agem em nossa vida, e o que é pior, muitas vezes através de nós:

...E adoraram o dragão que deu à besta o seu poder; e adoraram a besta, dizendo: Quem é semelhante à besta? Quem poderá batalhar contra ela?

E foi-lhe dada uma boca para proferir grandes coisas e blasfêmias; e deu-se-lhe poder para continuar por quarenta e dois meses.

E abriu a boca em blasfêmias contra Deus, para blasfemar do seu nome, e do seu tabernáculo, e dos que habitam no céu.

E foi-lhe permitido fazer guerra aos santos e vencê-los; e deu-se-lhe poder sobre toda tribo, e língua, e nação.

E adoraram-na todos os que habitam sobre a terra, esses cujos nomes não estão escritos no livro da vida do Cordeiro que foi morto desde a fundação do mundo.

*Se alguém tem ouvidos, ouça.*³¹

PORQUE QUAL É A NOSSA ESPERANÇA, OU GOZO, OU COROA DE GLÓRIA? PORVENTURA, NÃO O SOIS VÓS TAMBÉM DIANTE DE NOSSO SENHOR JESUS CRISTO EM SUA VINDA? NA VERDADE, VÓS SOIS A NOSSA GLÓRIA E GOZO.

A *esperança* é uma das virtudes sempre referidas pelo apóstolo das gentes. Faz parte do lema de Abigail, o que já comentamos³². É ela uma virtude ligada ao otimismo, é o que esperamos que de melhor aconteça.

³⁰ Habacuc, 2: 4, citado por Paulo em Gl, 3: 11, Rm, 1: 17 e Hb, 10: 38.

³¹ Apocalipse, 13: 4 a 9

³² Capítulo 1º deste estudo, nos comentários do Versículo 3 do cap. 1 desta epístola.

O *gozo*, ou alegria, é a satisfação de ver um projeto, pelo qual trabalhamos, realizado. Paulo se empenhava ao máximo na evangelização das criaturas, e tinha imenso gozo ao ver os frutos do Evangelho crescer na intimidade de cada um.

A *coroa da glória* representa também um momento de grande satisfação, todavia é mais profunda, pois é a bem-aventurança destinada àquele que completou um ciclo dentro do plano evolutivo. É o descanso do sétimo dia.

Paulo estava sensivelmente feliz com os seus pupilos de Tessalônica, tinha enviado até eles Timóteo, para que este lhe trouxesse notícias desta querida comunidade, e estava imensamente feliz por saber que estes tinham se mantido fiéis ao Cristo através das obras de caridade. Este era o seu *gozo*, a *coroa da glória*. Seus amigos estavam se preparando bem para a “*parusia*” do Cristo.

Parusia era o termo técnico com que os cristãos desse tempo designavam um novo Advento do Senhor no fim do mundo. Informa-nos o professor Huberto Rohden que esta palavra era tomada da linguagem da vida civil da época, quando *parusia* significava a solene visita do César a uma província ou cidade do império.³³

Esse tema merece de nossa parte um comentário, mesmo que singelo, por se tratar de um dos temas desta carta que ora estudamos.

Era comum à grande parte dos cristãos primevos, a crença na volta do Senhor. Porém, hoje, à luz da filosofia espírita é importante comentarmos como isto se dará segundo a nossa ótica.

Não temos a pretensão de esgotar o assunto, nem de dar nenhuma posição definitiva sobre o assunto, até porque não temos condições para isso. Porém, não podemos nos ausentar de tema algum desta importância.

Algumas traduções modernas do Novo Testamento têm, neste versículo, excluído o termo “Cristo”, ficando assim, a tradução: “na presença de nosso Senhor Jesus em sua vinda?”

Neste ponto ficamos com a versão de Almeida, que usamos, pois a palavra Cristo aqui é essencial, pois no segundo Advento do Senhor, o que se dará segundo temos apreendido dos estudos do texto evangélico, é a volta do Cristo (em nós), e não de Jesus em um outro momento encarnatório ou numa presença apocalíptica.

O texto de João, no capítulo 14 é claro:

Jesus respondeu e disse-lhe: Se alguém me ama, guardará a minha palavra, e meu Pai o amará, e viremos para ele e faremos nele morada.

Assim, essa segunda vinda do Senhor é individual e dará em cada um a partir do amadurecimento espiritual de cada um. Para uns, como Francisco de Assis, ou o próprio Paulo de Tarso, este Advento já aconteceu, para outros poderá demorar séculos ou mesmo novos milênios. Para nós, quando se dará não sabemos, a oportunidade está aí, a nossa adesão e fidelidade a ela poderá abreviar sua chegada, nossa recalcitrância nos valores do atraso, retardar.

³³ (ROHDEN, 2005), pág. 191.

Fé Confirmada nas Provações: Alegria do Apóstolo

Pelo que, não podendo esperar mais, de boa mente quisemos deixar-nos ficar sós em Atenas; e enviamos Timóteo, nosso irmão, e ministro de Deus, e nosso cooperador no evangelho de Cristo, para vos confortar e vos exortar acerca da vossa fé; para que ninguém se comova por estas tribulações; porque vós mesmos sabeis que para isto fomos ordenados; pois, estando ainda convosco, vos predizíamos que havíamos de ser afligidos, como sucedeu, e vós o sabeis.

Portanto, não podendo eu também esperar mais, mandei-o saber da vossa fé, temendo que o tentador vos tentasse, e o nosso trabalho viesse a ser inútil.

Vindo, porém, agora, Timóteo de vós para nós e trazendo-nos boas novas da vossa fé e caridade e de como sempre tendes boa lembrança de nós, desejando muito ver-nos, como nós também a vós, por esta razão, irmãos, ficamos consolados acerca de vós, em toda a nossa aflição e necessidade, pela vossa fé, porque, agora, vivemos, se estais firmes no Senhor.

Porque, que ação de graças poderemos dar a Deus por vós, por todo o gozo com que nos regozijamos por vossa causa diante do nosso Deus, orando abundantemente dia e noite, para que possamos ver o vosso rosto e supramos o que falta à vossa fé?

Ora, o mesmo nosso Deus e Pai e nosso Senhor Jesus Cristo encaminhem a nossa viagem para vós.

E o Senhor vos aumente e faça crescer em caridade uns para com os outros e para com todos, como também nós para convosco; para confortar o vosso coração, para que sejais irrepreensíveis em santidade diante de nosso Deus e Pai, na vinda de nosso Senhor Jesus Cristo, com todos os seus santos.³⁴

PELO QUE, NÃO PODENDO ESPERAR MAIS, DE BOA MENTE QUISEMOS DEIXAR-NOS FICAR SÓS EM ATENAS; E ENVIAMOS TIMÓTEO, NOSSO IRMÃO, E MINISTRO DE DEUS, E NOSSO COOPERADOR NO EVANGELHO DE CRISTO, PARA VOS CONFORTAR E VOS EXORTAR ACERCA DA VOSSA FÉ;

Como dissemos anteriormente esta carta data dos anos 50 ou 51 de nossa era. Paulo tinha estado em Tessalônica pelos fins do outono de 49 após passar por Filipos. Após alguns incidentes, mais uma vez ocasionados pela ira dos judeus contra a pregação paulina, este se vê obrigado a deixar Tessalônica rumo à Bereia.³⁵

Segundo a exposição de Lucas, estes, os de Bereia, *foram mais nobres do que os que estavam em Tessalônica, porque de bom grado receberam a palavra, examinando cada dia nas Escrituras se estas coisas eram assim.*³⁶

Porém, quando os judeus de Tessalônica souberam de como estava sendo divulgado o Evangelho em Bereia, para lá se dirigiram com o fim de agitarem e perturbarem os que aderiam à Boa Nova.

Então, Paulo se vê mais uma vez constrangido a partir, e os que estavam com ele o levam para Atenas na Grécia.

Como sabemos pela excelente narração do autor de Atos, o apóstolo das gentes, também em Atenas tentou veicular a mensagem do Cristo, porém sem nenhum sucesso, apesar de pequenas adesões.

Para o apóstolo foi um momento de grande decepção, ele esperava mais dos conterrâneos de Platão. Preferiria ele ter sido flagelado ou encarcerado como já acontecera em outras cidades, mas que uma nova comunidade do

³⁴ 1 Tessalonicenses, 3: 1 a 13

³⁵ Cf. Atos, cap. 17

³⁶ Atos, 17: 11

Evangelho fosse fundada; não foi o que aconteceu, os filósofos e sábios em seu orgulho não quiseram saber do Cristo, mostrando-nos mais uma vez que a ciência e a arte se dissociada de seu objetivo maior que é conectar a criatura ao seu Criador, pouco podem realizar; nem epicureus, nem estoicos necessitavam de redenção.

É a este momento que o missivista se refere neste versículo quando então envia Timóteo a Tessalônica; este, a quem tinha por irmão e servidor de Deus, vai com o objetivo de fortalecê-los na fé e nas tribulações advindas daquela atitude de conversão ao Bem.

...PARA QUE NINGUÉM SE COMOVA POR ESTAS TRIBULAÇÕES; PORQUE VÓS MESMOS SABEIS QUE PARA ISTO FOMOS ORDENADOS; POIS, ESTANDO AINDA CONVOSCO, VÓS PREDIZÍAMOS QUE HAVÍAMOS DE SER AFLIGIDOS, COMO SUCEDEU, E VÓS O SABEIS.

Há no mundo materializado e hedonista em que vivemos uma supervalorização das questões transitórias e fugazes em detrimento da perenidade das conquistas espirituais e morais. Quando já saturados da ilusão e das decepções causadas por esta tomamos uma atitude de mudança e inversão dos antigos costumes, não somos por nossos antigos comparsas compreendidos, e estes, ou outros que ainda cultivam os prazeres fáceis, tendem num primeiro instante a fazer oposição às nossas conquistas até mesmo trazendo-nos transtornos de difícil solução.

Sempre foi assim, e com os primeiros discípulos do Evangelho não foi diferente, o próprio Cristo dissera a Ananias a respeito daquele que era o seu vaso escolhido, *...eu lhe mostrarei quanto deve padecer pelo meu nome*³⁷.

Deste modo, Paulo sabia o que esperar todo aquele que invertesse os valores do mundo, e como bom educador que era não deixava de colocar a seus educandos a ciência do que advém quando se assume a responsabilidade da autoiluminação.

Assim, orienta, *que ninguém se comova por estas tribulações*, pois não são estas, mais do que testes, com o fim de aferir o aluno se pronto está para a promoção a serviços mais nobres.

Paulo tinha perfeita consciência de sua missão e que o convite do Senhor para aquele que adere com espontaneidade é uma ordem a ser prazerosamente cumprida, *para isto fomos ordenados*, disse a seus leitores, e mais, *vos predizíamos que havíamos de ser afligidos*, conforme expusemos anteriormente. É a educação preventiva e sem melindres. Tudo isso sucedeu, e muito mais, como todos os que nos interessamos por estas coisas, sabemos.

PORTANTO, NÃO PODENDO EU TAMBÉM ESPERAR MAIS, MANDEI-O SABER DA VOSSA FÉ, TEMENDO QUE O TENTADOR VÓS TENTASSE, E O NOSSO TRABALHO VIESSE A SER INÚTIL.

Como dissemos Paulo estava decepcionado com o que acontecera em Atenas, e ele tinha imenso apreço por comunidades como as de Filipos e Tessalônica que cultivavam a fé em sua simplicidade. Daí seu receio que alguma impureza pudesse conspurcar estes redutos onde o Cristo nascia de forma desejável. É aquele cuidado que tem o bom jardineiro com suas plantas ainda incipientes.

Deste modo, estava ansioso por saber como comportavam os neófitos de Tessalônica; *saber de vossa fé*, já que para ele a fé se manifesta nas obras de transformação do ser em nova criatura.

...temendo que o tentador vos tentasse, *tentador* aqui é o satanás já citado e comentado (1Ts, 2:18), ou seja, os judeus, que em tudo buscavam prejudicar a disseminação da Boa Nova.

É o mesmo cuidado que temos de ter com o trabalho atual de divulgação da Doutrina e do Evangelho. Existem hoje outros tipos de “tentadores” encarnados e desencarnados, que insatisfeitos com o trabalho de disseminação do Bem entre nós buscam de toda maneira, e às vezes de forma bastante sutil, prejudicar o andamento do trabalho e a nossa queda em posições ligadas ao comodismo e à retaguarda.

Portanto, estejamos atentos para que o trabalho daqueles que em todos os tempos se dedicaram ao serviço em nome de Deus, e até mesmo as nossas conquistas, mesmo que pequenas, não venham a ser inúteis.

VINDO, PORÉM, AGORA, TIMÓTEO DE VÓS PARA NÓS E TRAZENDO-NOS BOAS NOVAS DA

³⁷ Atos, 9: 16

VOSSA FÉ E CARIDADE E DE COMO SEMPRE TENDES BOA LEMBRANÇA DE NÓS, DESEJANDO MUITO VER-NOS, COMO NÓS TAMBÉM A VÓS...

Timóteo chegara a Corinto e trazia boas notícias segundo depreendemos das anotações do missivista.

Quando Emmanuel informa o porquê de Paulo ter redigido esta carta ele coloca que as notícias trazidas pelos portadores de Tessalônica eram desagradabilíssimas, *os judeus haviam, segundo suas colocações, conseguido despertar, na igreja, novas e estranhas dúvidas e contendias*.³⁸

Numa leitura rápida desta carta podemos a princípio pensar que há aqui uma contradição, pois Paulo mostra-se satisfeito com as notícias.

Notemos que Emmanuel informa-nos que *Timóteo corroborava com observações pessoais*.

Analisemos...

É bem provável que tenha acontecido o que narra Emmanuel, e que os tessalonicenses reclamassem a presença de Paulo para ajudá-los; o próprio texto da carta diz: *desejando muito ver-nos*. Não podemos supor que os judeus dessem trégua aos seguidores do Nazareno; as observações pessoais de Timóteo a que Emmanuel se refere, devem ser que apesar das *contendias*, e de que em alguns pudessem ter despertado *estranhas dúvidas*, na maioria a fé prevaleceu e as obras de caridade não foram afetadas.

Porque o que Paulo ressalta é a firmeza dos neófitos em manter-se fiéis ao Cristo durante as tribulações. O nosso pensamento é confirmado pelo destaque que Paulo dá à fé dos seguidores de Tessalônica, pois como ser testado na fé, senão nos momentos adversos? Quando tudo vai bem, quando estamos plenamente satisfeitos e sem problemas, não é aí que nossa fé está se manifestando, mas justamente nos momentos opostos. Além de tudo Paulo mostra-nos que valorizar o que é bom e ser otimista, é um ótimo recurso educativo. Sua psicologia mostra mais uma vez ser eficaz. Ele inicia levantando o moral de seus leitores, para depois, sutilmente alertá-los para pontos em que estes correm perigo de queda.

Portanto, Emmanuel, novamente mostra-se coerente com os textos evangélicos, fazendo-nos ver quão importante é a sua exegese neotestamentária no sentido de nos mostrar a interpretação mais coerente com vistas ao nosso processo reeducativo.

Outros pontos que poderiam ter sido relatados por Timóteo e que preocuparam o apóstolo, são referências feitas pelo primeiro a tendências para a luxúria, para a deslealdade, entre outras, cultivadas pelos gentios e que ainda não tinham sido totalmente extirpadas de seus hábitos; e ainda, uma notícia falsa que se espalhara entre eles sobre um próximo fim do mundo. Porém, quanto a isto trataremos mais tarde quando da análise dos versículos referentes.

POR ESTA RAZÃO, IRMÃOS, FICAMOS CONSOLADOS ACERCA DE VÓS, EM TODA A NOSSA AFLIÇÃO E NECESSIDADE, PELA VOSSA FÉ, PORQUE, AGORA, VIVEMOS, SE ESTAIS FIRMES NO SENHOR.

Estes versículos mostram-nos a satisfação de Paulo com o comportamento de seus novos seguidores, mostra até mesmo o quanto ele ficava ansioso, na expectativa de que todos se saíssem bem diante das provas promovidas pela Vida com o objetivo de fixarem em cada um o conteúdo moral das experiências.

Sabia ele que as dificuldades eram necessárias, porém, se estivessem ajustados aos Desígnios Superiores tudo passaria trazendo efetivos ganhos a todos, individualmente.

Esse era também o sentimento de seu Mestre sobre seus discípulos, os quais Ele tanto amava:

*Não peço que os tire do mundo, mas que os livres do mal.*³⁹

Esta é a mesma preocupação que têm conosco os nossos guias e mentores espirituais, não se afligem pelas angústias e dores necessárias por que passamos com vistas ao nosso crescimento espiritual; o que importa para eles, e que trazem momentos de grande satisfação, é quando por tudo passamos estando fiéis à programação feita

³⁸ Cf. (XAVIER / Emmanuel, 2004), pág. 529

³⁹ João, 17: 15

na espiritualidade antes de nossa experiência encarnatória atual; pois há necessidade de todos sermos avaliados em nossas conquistas. A grande tristeza destes e de todos os que nos querem bem, se dá quando entramos em queda espiritual, mesmo que momentaneamente estejamos felizes e de bem com a vida, já que têm nossos verdadeiros amigos uma visão de maior profundidade onde o que conta é a nossa caminhada nos terrenos do espírito.

A última frase do último versículo mostra-nos o quanto é sincera a dedicação de Paulo, e o mesmo podemos dizer dos espíritos amigos que nos orientam, ensinando-nos assim, o quanto devemos de dedicação àqueles a quem nos é permitido a alegria de orientarmos:

...agora, vivemos, se estais firmes no Senhor.

PORQUE, QUE AÇÃO DE GRAÇAS PODEREMOS DAR A DEUS POR VÓS, POR TODO O GOZO COM QUE NOS REGOZIJAMOS POR VOSSA CAUSA DIANTE DO NOSSO DEUS, ORANDO ABUNDANTEMENTE DIA E NOITE, PARA QUE POSSAMOS VER O VOSSO ROSTO E SUPRAMOS O QUE FALTA À VOSSA FÉ?

Muitos estudiosos dos textos evangélicos têm em Paulo um exagerado em suas manifestações de sentimento àqueles que ele iniciava na doutrina cristã.

É certo que ele às vezes repete os mesmos ensinamentos, porém fazia ele isso de forma consciente conforme depreendemos de seus próprios textos:

Resta, irmãos meus, que vos regozijeis no Senhor. Não me aborreço de escrever-vos as mesmas coisas, e é segurança para vós.⁴⁰

O que Paulo tinha era um imenso amor pelo que fazia, e tinha ele uma enorme capacidade de doação e entrega aos seus afazeres, de tal forma, que dava a própria alma, se preciso fosse, para atingir seus objetivos de disseminação da Boa Nova. Ele compreendeu a essência da mensagem de Jesus e sabia ser o Cristo aquela pérola de grande valor do qual nos noticia o autor do primeiro evangelho:

Outrossim, o Reino dos céus é semelhante ao homem negociante que busca boas pérolas; e, encontrando uma pérola de grande valor, foi, vendeu tudo quanto tinha e comprou-a.⁴¹

Ele não economizava na oração, pois sabia ser esta um poderoso instrumento de fortalecimento da criatura no caminho do Bem, e de conexão com o Criador; assim, orava *abundantemente, dia e noite*, pois sabia que grande era a sua necessidade de ajudar ainda mais os que iniciavam na fé cristã. Tinha plena consciência de que o amadurecimento desta fé só aconteceria após os necessários testemunhos que se dariam no decorrer dos dias, através dos quais seria necessário muita determinação e fidelidade às propostas do Meigo Rabi Galileu.

Por isso ele repetia tanto, para que todos soubessem que era assim que ele supriria o que faltava à fé de cada um. É que está nasce dócil com uma planta tenra no início de sua germinação, mas é preciso que se faça forte, inabalável, capaz de encarar a razão e a má intenção daqueles que não compreendem o valor das questões imortais do espírito, em todas as épocas da Humanidade.

ORA, O MESMO NOSSO DEUS E PAI E NOSSO SENHOR JESUS CRISTO ENCAMINHEM A NOSSA VIAGEM PARA VÓS.

Temos aqui a segurança daquele que tem na fé, não o ato de simplesmente crer, mas acima de tudo de saber; saber e ver a atuação da Providência nas circunstâncias que nos ocorrem dia a dia.

Paulo queria muito, queria de coração, estar com os tessalonicenses mais uma vez; porém, tinha entregado seu destino ao Cristo, Ele é que dirigia, portanto, deixava que *Deus*, que é *Pai*, e o *Senhor Jesus Cristo* que é o maior refletor da luz divina que conhecemos, *encaminhassem* seus passos do modo como fosse melhor.

⁴⁰ Filipenses, 3: 1

⁴¹ Mateus, 13: 45 e 46

Queridos irmãos, no dia em que assim fizermos, ou seja, que assim realizarmos, fazendo o melhor, o que for da nossa parte para realização de nossos objetivos, mas que acima de tudo entregarmos a realização destes a Deus e ao Cristo, não mais teremos qualquer tipo de contratempo ou insatisfação, pois estes que criaram nossa imensa Casa Planetária têm também o poder dirigir e bem a nossa vida, se a eles nos ajustarmos com toda a nossa alma, confiando no melhor.

Não é uma entrega por comodismo, mas por consciência; é uma liberdade-adesão a propostas maiores, por isso mesmo mais realizadoras de acordo com as forças cósmicas que dirigem a Vida num plano maior ao que nos situamos.

E O SENHOR VOS AUMENTE E FAÇA CRESCER EM CARIDADE UNS PARA COM OS OUTROS E PARA COM TODOS, COMO TAMBÉM NÓS PARA CONVOSCO...

Se assim o fizermos, o Senhor, que se manifesta também através da própria Lei que rege todos os eventos Universais aumenta sempre a nossa satisfação e a nossa possibilidade de estar integrado na Unidade do Universo. Porém, é preciso, como já dissemos, a nossa adesão a esta proposta da Vida, de cooperação, de compartilhar, expressa no Novo Mandamento de Jesus que nos orienta a amar uns aos outros como Ele nos amou. É o que Paulo diz aqui, *caridade uns para com os outros e para com todos*. Isto é, nos mínimos detalhes da vida, e não só na ação, mas principalmente na reação, nos relacionamentos, mesmo quando estes não forem exatamente como desejamos que fossem.

Entender esta proposta de caridade que tanto nos fala o convertido de Damasco é para nós um grande desafio devido a sutileza da proposta. Caridade, ou amor, do grego, *ágape*, é literalmente o mais puro amor, representa a síntese de todas as qualidades da alma. É, conforme Kardec, *a senda única da salvação*⁴², ou ainda conforme o próprio Paulo, *a mais excelente das virtudes*⁴³, pois significa desprendimento total, sacrifício pessoal em favor dos outros, e não só daqueles que conhecemos, a quem admiramos, mas de todos, mesmo daqueles a quem não conhecemos ou que nos caluniam e nos perseguem.

Pois, se amardes os que vos amam, que galardão tereis? Não fazem os publicanos também o mesmo?

*E, se saudardes unicamente os vossos irmãos, que fazeis de mais? Não fazem os publicanos também assim?*⁴⁴

PARA CONFORTAR O VOSSO CORAÇÃO, PARA QUE SEJAIIS IRREPREENSÍVEIS EM SANTIDADE DIANTE DE NOSSO DEUS E PAI, NA VINDA DE NOSSO SENHOR JESUS CRISTO, COM TODOS OS SEUS SANTOS.

Neste fim de capítulo, Paulo começa a preparar o terreno íntimo de seus leitores para o assunto que irá tratar no próximo tópico da carta: as advertências morais.

Anteriormente, afirmou que era preciso suprir o que faltava à fé dos cristãos de Tessalônica. Em seguida, mostrou que isso se daria pela vivência da caridade uns para com os outros e para com todos. Seguindo esses passos dentro do encaminhamento evolutivo, faz-nos ver que assim nos tornamos irrepreensíveis em santidade, isto é, perfeitos, como é perfeito o vosso Pai que está nos céus, segundo a orientação de Jesus — meta da evolução para todos.

Paulo tinha plena consciência disso e, por essa razão, insistia tanto para que assim procedessem todos aqueles a quem amava. Por ter a intuição espiritual de sua missão, atendeu ao chamado do Cristo escrevendo estas cartas, para que suas instruções servissem a todos os seguidores do Nazareno, em todas as épocas.

Quando alcançamos essa compreensão diante de Deus, nosso Pai, nos **autorrealizamos**, confortamos o coração e nos preparamos, de modo consciente, para a vinda do Cristo, que se dará — como já dissemos — pela

⁴² (KARDEC, 1991), cap. XV, item 5

⁴³ Cf. 1Coríntios, 13: 13

⁴⁴ Mateus, 5: 46 e 47

nossa espiritualização e pelas virtudes conquistadas. Paulo ainda acrescenta: “com todos os seus santos”, isto é, não apenas representando a coorte dos espíritos já purificados na senda da virtude, mas também a nossa própria conquista dos valores que nos tornarão angelicais.

A Vinda do Senhor: Reflexão Espiritual e Testemunho

Finalmente, irmãos, vos rogamos e exortamos no Senhor Jesus que, assim como recebestes de nós, de que maneira convém andar e agradar a Deus, assim andai, para que continueis a progredir cada vez mais; porque vós bem sabeis que mandamentos vos temos dado pelo Senhor Jesus.

Porque esta é a vontade de Deus, a vossa santificação: que vos abstenhais da prostituição, que cada um de vós saiba possuir o seu vaso em santificação e honra, não na paixão de concupiscência, como os gentios, que não conhecem a Deus.

Ninguém oprima ou engane a seu irmão em negócio algum, porque o Senhor é vingador de todas estas coisas, como também, antes, vo-lo dissemos e testificamos.

Porque não nos chamou Deus para a imundícia, mas para a santificação.

Portanto, quem despreza isto não despreza ao homem, mas, sim, a Deus, que nos deu também o seu Espírito Santo.

Quanto, porém, ao amor fraternal, não necessitais de que vos escreva, visto que vós mesmos estais instruídos por Deus que vos ameis uns aos outros; porque também já assim o fazeis para com todos os irmãos que estão por toda a Macedônia. Exortamo-vos, porém, a que ainda nisto continueis a progredir cada vez mais, e procureis viver quietos, e tratar dos vossos próprios negócios, e trabalhar com vossas próprias mãos, como já vo-lo temos mandado; para que andeis honestamente para com os que estão de fora e não necessiteis de coisa alguma.

Não quero, porém, irmãos, que sejais ignorantes acerca dos que já dormem, para que não vos entristeçais, como os demais, que não têm esperança.

Porque, se cremos que Jesus morreu e ressuscitou, assim também aos que em Jesus dormem Deus os tornará a trazer com ele.

Dizemo-vos, pois, isto pela palavra do Senhor: que nós, os que ficarmos vivos para a vinda do Senhor, não precederemos os que dormem.

Porque o mesmo Senhor descera do céu com alarido, e com voz de arcanjo, e com a trombeta de Deus; e os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro; depois, nós, os que ficarmos vivos, seremos arrebatados juntamente com eles nas nuvens, a encontrar o Senhor nos ares, e assim estaremos sempre com o Senhor.

Portanto, consolai-vos uns aos outros com estas palavras.⁴⁵

FINALMENTE, IRMÃOS, VOS ROGAMOS E EXORTAMOS NO SENHOR JESUS QUE, ASSIM COMO RECEBESTES DE NÓS, DE QUE MANEIRA CONVÉM ANDAR E AGRADAR A DEUS, ASSIM ANDAI, PARA QUE CONTINUEIS A PROGREDIR CADA VEZ MAIS; PORQUE VÓS BEM SABEIS QUE MANDAMENTOS VOS TEMOS DADO PELO SENHOR JESUS.

Paulo fazia questão de mostrar que tudo o que realizava — aqui, rogamos e exortamos — era em nome de Jesus, a quem reconhecia como o Cristo. Portanto, seus feitos jamais tiveram caráter personalista; sabia ser apenas instrumento de uma revelação e, por isso, procurava ser o mais fiel possível.

Assim, transmitia aos seus diletos companheiros um modo de proceder com o objetivo de torná-los melhores diante da vida. Este trecho, que ora iniciamos nos comentários, o capítulo quarto desta epístola, é, na verdade, um valioso manual de conduta moral voltado ao nosso necessário processo de autoiluminação.

⁴⁵ 1 Tessalonicenses, 4: 1 a 18

Assim andais, escreve ele, *para que continueis a progredir cada vez mais*. Já tinham os neófitos de Tessalônica adquirido algum discernimento quanto à conduta, e assim procediam; todavia era necessário progredir cada vez mais, é que a evolução é contínua e a proposta do Evangelho é sempre dinâmica, após uma conquista, realizar outra; a Seara do Cristo é enorme e os horizontes se abrem sempre que caminhamos em direção ao Eterno.

O mesmo se dá hoje com cada um de nós. Já possuímos nossas conquistas morais, porém não podemos estacionar, é imperioso caminhar realizando em nós, *cada vez mais*, a proposta de cooperação que nos dignificará na esfera do espírito. Esse é o mecanismo e a lei da Vida; do átomo ao arcanjo tudo obedece a este princípio: “para frente e para o alto.”

O apóstolo ainda alerta com a seguinte consideração: ...*porque vós bem sabeis que mandamentos vos temos dado pelo Senhor Jesus*, ou seja, já eram todos conscientes, ele, Paulo, já tinha passado em suas vidas e despertado a semente crística em cada um deles, a partir de agora, era necessário que se transformassem em “nova criatura” de acordo com o que já conheciam.

Lembremos neste instante da consideração do próprio Jesus:

*Se eu não viera, nem lhes houvera falado, não teriam pecado, mas, agora, não têm desculpa do seu pecado.*⁴⁶

Pensemos um pouco mais, não é o mesmo que se dá conosco hoje? Deste modo, a exortação de Paulo serve para todos nós, como para todos que elegeram a evolução através da ética do espírito em qualquer época da humanidade.

PORQUE ESTA É A VONTADE DE DEUS, A VOSSA SANTIFICAÇÃO: QUE VOS ABSTENHAIS DA PROSTITUIÇÃO...

É preciso que façamos uma distinção entre o que seja a *vontade de Deus*, e a permissão de Deus.

Muitas vezes dizemos que realizamos algo com a permissão de Deus, por isto o que fazemos é lícito. Ouçamos o apóstolo, *todas as coisas me são lícitas, mas nem todas as coisas convêm; todas as coisas me são lícitas, mas nem todas as coisas edificam.*⁴⁷

Sim, uma das prerrogativas do Espírito é a liberdade, temos livre arbítrio; se optamos por um caminho Deus permite que assim se faça, todavia dentro deste quadro nem sempre seguimos *a vontade de Deus*, pois *a vontade de Deus* é a Lei de Deus e esta induz-nos sempre para o melhor, para a evolução, ou conforme o dizer do autor desta carta, para *a santificação*.

Assim sendo, se quisermos caminhar dentro da Lei de Deus e evitarmos consequências desagradáveis, tenhamos uma conduta baseada em alguns princípios.

Abstenhais da prostituição..., o termo grego *porneia* é traduzido por Almeida por prostituição; outros o traduzem por fornicação. Pensamos que traduzir neste versículo *porneia* por prostituição é um pouco incompleto, pois prostituição refere-se ao comércio habitual ou profissional do amor sexual⁴⁸; o que Paulo pede para que se abstenha não é só a prostituição, mas qualquer atividade sexual sem compromisso ou responsabilidade. Em Gálatas, 5: 19 a 21 e em Marcos 7: 21 temos por dois evangelistas distintos a relação de algumas ações indesejáveis para aquele que preocupa-se com a sua evolução espiritual. Confirmamos, e meditemos a respeito, pois Paulo é claro:

*...os que cometem tais coisas não herdarão o Reino de Deus.*⁴⁹

...QUE CADA UM DE VÓS SAIBA POSSUIR O SEU VASO EM SANTIFICAÇÃO E HONRA...

⁴⁶ João, 15:22

⁴⁷ I Coríntios, 10: 23

⁴⁸ Cf. HOUAISS, Antônio. *Dicionário Eletrônico da Língua Portuguesa, Versão 1.0 Ed. Objetiva* 2001

⁴⁹ Gálatas, 5: 21

Como dissemos, estes versículos representam um verdadeiro manual de conduta para aquele que deseja transformar-se pelo progresso espiritual. O evangelista continua...

...que cada um de vós saiba possuir o seu vaso em santificação e honra...

O vaso representa o nosso corpo físico e a responsabilidade que temos para com ele. Já naquele tempo, o apóstolo se preocupava com a atividade sexual que fosse contrária aos princípios morais que regem as relações entre as criaturas. Essas práticas geram, não poucas vezes, complicações físicas que podem comprometer a qualidade de vida dos envolvidos.

Hoje, com as pesquisas científicas mais avançadas e em união com as questões da espiritualidade, está comprovado que não devemos nos preocupar apenas com a transmissão de doenças nesses casos, mas também com a influência psíquica e espiritual. Ligadas a sentimentos inferiores das criaturas e a processos recorrentes no campo da culpa, essas influências podem ser fatores desencadeadores não apenas das enfermidades já citadas, mas de muitas outras — até mais graves — que podem afetar negativamente a criatura não só no presente, mas em diversas experiências reencarnatórias.

Por isso, tenhamos atenção ao que desejamos e semeamos, pois a colheita do amanhã estará sendo definida, de forma determinista, a partir do que realizamos hoje.

Assim, que cada um de nós saiba cuidar de seu vaso físico em santificação e honra, isto é, vinculado a propostas superiores de conduta, fundamentadas em uma moral elevada.

...NÃO NA PAIXÃO DE CONCUPISCÊNCIA, COMO OS GENTIOS, QUE NÃO CONHECEM A DEUS.

Concupiscência é o desejo intenso por bens ou prazeres materiais; é a busca de uma vida hedonista, na qual o culto ao prazer se torna o princípio da conduta moral. Aqueles que assim vivem têm da existência uma visão puramente transitória, onde apenas o presente importa. Não assumem qualquer compromisso com a ética, pois o que prevalece é unicamente a própria satisfação; tudo o que a impede deve ser eliminado a qualquer custo.

Essa postura é consequência direta do materialismo e do desconhecimento de Deus, sempre presente em todos os eventos universais, conduzindo-os com Sabedoria imarcescível.

Convém notar que muitos dos leitores de Paulo eram considerados gentios pelos judeus. Contudo, aqui Paulo se refere especificamente àqueles que não tinham qualquer preocupação com o futuro espiritual. Seus seguidores, ao contrário, já haviam conhecido o Cristo — e isso fazia toda a diferença.

NINGUÉM OPRIMA OU ENGANE A SEU IRMÃO EM NEGÓCIO ALGUM, PORQUE O SENHOR É VINGADOR DE TODAS ESTAS COISAS, COMO TAMBÉM, ANTES, VO-LO DISSEMOS E TESTIFICAMOS.

Estes versículos escritos praticamente há dois mil anos atrás são de uma atualidade impressionante, podemos estudá-los como se fossem escritos ontem e por um cientista qualquer que estudasse o comportamento humano e suas relações com o mundo em que vivemos.

Ninguém oprima...; o texto é claro e desmereceria comentários, todavia é bom salientar alguns aspectos. *Ninguém* quer dizer nenhuma pessoa; ninguém possui autoridade moral para qualquer tipo de constrangimento, quando isto ocorre é a lei de amor que está sendo derogada. Quando assim fazemos em algum momento vamos ter de restabelecê-la. Ou *engane a seu irmão em negócio algum*; enganar é induzir ao erro, é iludir, é trair. Estas são atitudes que não podem fazer parte do dicionário prático do cristão. É muito comum atualmente dissociarmos nosso comportamento religioso daquele que praticamos no dia a dia em nosso trabalho, na família, ou nas relações naturais com as pessoas. Temos assim, um comportamento no templo que escolhemos para cultivar nossa religiosidade e outro diante da sociedade de um modo geral. E chegamos a dizer muitas vezes sobre o nosso trabalho material:

“-isso aqui não é casa de caridade”

Sim, não é casa de caridade, mas o comportamento daquele que se diz seguidor do Cristo em qualquer ambiente deve pautar por uma conduta ética e moral em que o ato de enganar, ou de iludir as pessoas não pode acontecer jamais. A práxis espírita-cristã não pode de modo algum ser uma entre os afins de fé, e outra diante da sociedade. Todos somos irmãos, é a lição do Cristo, assim, devemos fazer a cada um como se a Deus fizéssemos. Essa é a grande mensagem do Evangelho, fazer a cada um o que desejamos que cada um para conosco faça, independentemente de onde estejamos, no templo ou na rua.

Para completar a lição o apóstolo usa uma expressão forte para que todos compreendam, é que, com espíritos ainda vinculados aos processos escravizadores do mundo, a linguagem tem que obedecer a determinados padrões para que possa ser fixada na consciência, *porque o Senhor é vingador de todas estas coisas*; não que Deus seja um carrasco ou que use da vingança para com os Seus filhos, não é isso; a expressão é uma figura de linguagem, forte, como dissemos ser necessária em determinados casos, é como em outros momentos que ele fala da *ira de Deus*. Paulo mostra aqui que há na Lei do Senhor um mecanismo capaz de retificar todas as injustiças, e como aquele que causou injustiça gerou danos ao injustiçado, é natural que na retificação o causador passe por constrangimentos capazes de redirecionar o fluxo da ação para o caminho correto de onde fora desviado. Em síntese, passaremos todos pelos sentimentos que tivermos feito os outros passarem.

Tudo isso já fora dito e testificado por ele próprio, por isso falava com tamanha autoridade, por isto suas cartas têm a atualidade que têm, vencendo assim a dimensão tempo em todas as suas prerrogativas.

PORQUE NÃO NOS CHAMOU DEUS PARA A IMUNDÍCIA, MAS PARA A SANTIFICAÇÃO.

Paulo, conforme já dissemos anteriormente, tinha perfeita consciência de sua missão; sabia ter sido por Deus chamado. Todos somos, cada qual no seu lugar.

Imundícia é uma palavra que expressa sujeidade, sujeira, e neste contexto representa um comportamento desalinhado com os desígnios superiores. Não fomos chamados para a imundícia, como nos recorda o ex-discípulo de Gamaliel, mas para a santificação, conforme ele mesmo já havia afirmado.

A Lei de Deus reserva para nós — e não nos cansamos de repetir, pois é necessário — um projeto: o projeto da santificação, da evolução e do ajustamento pleno a Deus.

PORTANTO, QUEM DESPREZA ISTO NÃO DESPREZA AO HOMEM, MAS, SIM, A DEUS, QUE NOS DEU TAMBÉM O SEU ESPÍRITO SANTO.

Aqui somos levados à conscientização da gravidade que é descumprirmos os desígnios divinos em nossas relações, pois não é aos homens que estamos desprezando ou enganando, mas a Deus. Como Deus em Sua onipotência não pode ser enganado, estamos enganando ao Deus imanente em nós, ou seja, a nós mesmos; estamos traindo aos nossos próprios objetivos. Para dar o tom correto da gravidade do assunto, podemos dizer que estamos nos suicidando espiritualmente, pois exterminando em nós mesmos a faculdade divina.

O *Espírito Santo* dado por Deus a nós é o dom do espírito, ou seja, a consciência que representa Deus em nós, ou como no dizer dos Espíritos a Kardec, o lugar onde está gravada a Lei de Deus.

Quando desprezamos isto, estamos agindo contra a consciência, contra o *Espírito Santo* que há em nós. Esse é o significado de pecado, agir contra a consciência profunda, e quando isso se dá gera-se a culpa que exige de nós, dores, para que seja restabelecida a ordem.

*E, se qualquer disser alguma palavra contra o Filho do Homem, ser-lhe-á perdoado, mas, se alguém falar contra o Espírito Santo, não lhe será perdoado, nem neste século nem no futuro.*⁵⁰

QUANTO, PORÉM, AO AMOR FRATERNAL, NÃO NECESSITAIS DE QUE VOS ESCREVA, VISTO QUE VÓS MESMOS ESTAIS INSTRUÍDOS POR DEUS QUE VOS AMEIS UNS AOS OUTROS...

⁵⁰ Mateus 12:32

O amor é o tema básico do Novo Testamento, porém, nos dias em que vivemos seu significado já vulgarizou a tal ponto, que muitos o confundem com sentimentos puramente ligados à sensualidade e às questões materialistas.

Paulo aqui fala em amor fraternal, que é aquele onde não vigora o interesse pessoal, mas aquele em que há carinho, afeto, cordialidade. É o cultivo da relação plenamente ajustada ao servir desinteressadamente.

Nesta carta ele não aprofunda o tema, o que fará depois na 1ª epístola aos Coríntios; mas dizendo que não necessita escrever agora sobre o assunto, não deixa de salientar a importância deste sentimento, pois trata-se do diferencial do Cristão. É a didática do apóstolo falando mais alto.

Vós mesmos estais instruídos por Deus; Paulo se refere ao Novo Mandamento de Jesus que ficou para a história graças à inspiração do discípulo amado, em João, 13: 34.⁵¹ Muitos aqui podem fazer confusão e achar que Paulo pensava que Jesus e Deus fossem a mesma pessoa, pois diz o apóstolo que os cristãos estavam instruídos por Deus, quando foi Jesus quem imortalizou este mandamento. Ora, Paulo tinha perfeita consciência, e dá mostras disto em suas cartas, de que a identidade de Deus e de Jesus eram distintas. É que ele sabia, que Jesus, como perfeito instrumento do Criador, agia a serviço Deste, e que quando ele – Jesus – falava em Novo Mandamento, ele expressava uma Lei em nome Daquele que carinhosamente nos revelou como Pai. Ou seja, Jesus nos instruía, nos educava, a serviço de Deus, por ordem Dele. Isso foi Ele mesmo, Jesus, quem nos disse:

*Mas é para que o mundo saiba que eu amo o Pai e que faço como o Pai me mandou*⁵².

Que vos ameis uns aos outros, essa é a máxima de Jesus; se para os fariseus Ele resumiu toda a Torá em dois mandamentos (cf. Mt, 22: 40), para aqueles que já tinham condição de entendê-lo melhor, disse que o Seu mandamento era que amássemos uns aos outros como Ele nos amou, e que Seus discípulos seriam reconhecidos por muito se amarem. (cf. Jo., 13: 35).

Alguns estudiosos têm dito ser o Evangelho de João anterior a esta epístola, pois, dizem estes, que, para que Paulo se referisse ao Novo Mandamento seria necessário que os textos de João já circulassem entre os cristãos. Nós particularmente não vemos necessidade disto, pois os discípulos eram amigos entre si, e o ensinamento do Cristo se multiplicava por via oral, assim, não era preciso que João já tivesse escritos seus textos, mas que simplesmente ensinasse se referindo a esta máxima, de forma oral. Este nosso pensamento não descarta, no entanto, que João, ou qualquer outro evangelista, já há esse tempo, pudesse estar preparando seus textos definitivos e que entre as lideranças já circulassem alguns manuscritos. Todavia, sabemos que os textos definitivos, e há indicações disto, só ganharam sua forma completa mais tarde, no caso de João, nos fins do primeiro século de nossa era, ou até mesmo, no início do segundo.

PORQUE TAMBÉM JÁ ASSIM O FAZEIS PARA COM TODOS OS IRMÃOS QUE ESTÃO POR TODA A MACEDÔNIA. EXORTAMO-VOS, PORÉM, A QUE AINDA NISTO CONTINUEIS A PROGREDIR CADA VEZ MAIS...

O Evangelho é um material rico de conteúdo transformador. Quando nos propomos a estudá-lo devemos nos despir de qualquer propósito místico ou dogmático, entretanto, não podemos preterir sua proposta reeducativa.

Paulo mostra-nos neste ponto, mais uma vez, a sua satisfação com os neófitos de Tessalônica; eram eles praticantes das lições do Mestre com todos os irmãos da Macedônia, todavia os alerta, *a que ainda nisto continueis a progredir cada vez mais...*

O objetivo evolutivo é a perfeição como *é perfeito o vosso Pai, que está nos céus*.⁵³ Deste modo, não podemos renunciar ao desafio de prosseguir caminhando sempre, nos aperfeiçoando cada vez mais, mesmo naquilo que já alcançamos de melhor. O comodismo não pode ser em hipótese alguma uma prática daquele que deseja fazer de Jesus seu “guia e modelo”.

O amor é um dom divino, é o perfume do Criador em cada um, todavia, para que possa ganhar força em nós é preciso que seja cultivado dia a dia, minuto a minuto, com vigilância e determinação; por isto estes mensageiros

⁵¹ “Um novo mandamento vos dou: Que vos ameis uns aos outros; como eu vos amei a vós, que também vós uns aos outros vos ameis.”

⁵² João, 14: 31

⁵³ Mateus, 5: 48

do Alto, como Paulo era, não cansam de exortar-nos a permanecermos fiéis e incansáveis em sua vivência, cada vez mais.

E isto tem que se dar, por toda a *Macedônia*, ou seja, onde Deus, que é Pai, nos colocou para realizarmos a necessária tarefa da promoção espiritual.

Entendemos que Macedônia, aqui, representa o campo operacional daquele que já despertou para a necessidade de autoiluminação, e sabe que o tempo, e tudo mais o que nos é permitido deter, são elementos didáticos com fins reeducativos que não podem ser menosprezados.

Para o samaritano da parábola, o viajante que descia de Jerusalém era exatamente este campo de ação que proporcionava sua promoção. O mesmo pode-se dizer quanto à oportunidade do levita e do sacerdote; a diferença básica entre eles está que o primeiro conseguiu aliar ao que conhecia a prática, enquanto os outros, por descuido, não viram ali a oportunidade que os levaria ao progresso. Conforme narra o evangelista, compaixão foi o sentimento básico que permitiu o aproveitamento da oportunidade por parte do discriminado de Samaria; será em nosso caso o recurso que nos levará a aumentar *cada vez mais*, nossas conquistas no campo do amor.

...E PROCUREIS VIVER QUIETOS, E TRATAR DOS VOSSOS PRÓPRIOS NEGÓCIOS, E TRABALHAR COM VOSSAS PRÓPRIAS MÃOS, COMO JÁ VO-LO TEMOS MANDADO...

Paulo quer reforçar o que tem ensinado com suas palavras, e o que é mais importante, com seu próprio exemplo.

Procureis viver quietos; não prega o apóstolo a ociosidade, *viver quietos* é no sentido de uma vida tranquila, sem ansiedades nem ambições no que diz respeito às questões do mundo. O bom cristão sabe que está aqui para servir, e não para o pleno gozo do poder temporal; desta forma, não precisa de se preocupar em demasia com o que é transitório. Ensina-nos Jesus a cultivarmos os bens que o mundo não pode tirar, pois se supervalorizamos o que alguém ou alguma situação pode nos tirar, estamos colocando a nossa felicidade nas mãos dos outros, ou na dependência de alguma situação, o que não é aconselhável. Nossa felicidade é algo que deve depender exclusivamente de nós mesmos. É importante que nos façamos senhor de nossa própria satisfação, só assim seremos diretores de nossa vida.

Tratar dos próprios negócios é lição de grande sabedoria que aprendemos também no Evangelho. É preciso não dar a ninguém o poder de delegar sobre o que devemos ou não fazer em se tratando de conquistas do espírito. O Evangelho de Paulo é o Evangelho da liberdade, mas não de uma liberdade rebeldia, mas de uma liberdade que agrega, que contribui, que sabe obedecer com espontaneidade, se desvinculando da escravidão gerada pela ambição desmedida. É a liberdade do Espírito, do aprisionamento da matéria.

O objetivo maior de nossa vida é a nossa espiritualização, é para isso que encarnamos, portanto, não podemos priorizar o que é material, como temos feito até hoje. Por assim fazer estamos desviando do caminho e alongando o nosso processo evolutivo.

Para que possamos dedicar mais tempo ao Evangelho e às realidades espirituais, é necessário afastar-nos dos interesses puramente materiais. Isso não significa pregar a irresponsabilidade diante do que ainda é indispensável ao nosso estágio atual, mas sim aprender a dar a cada coisa o seu verdadeiro valor e priorizar o que é mais importante.

Paulo era artesão, e trabalhava dia e noite para o seu sustento e para não ser pesado a ninguém, mas buscava atender somente ao que era necessário à sua subsistência, assim podia dedicar mais tempo ao trabalho mais importante, que era o da sua própria edificação. É o que ele aconselha a todos, aos iniciantes cristãos daquela época, e a nós os atuais educandos do Mestre de Nazaré.

Esta era a sua diretriz, proposta simples, que justamente por isso temos dificuldade de assimilar.

...PARA QUE ANDEIS HONESTAMENTE PARA COM OS QUE ESTÃO DE FORA E NÃO NECESSITEIS DE COISA ALGUMA.

Andar honestamente com os que estão de fora, é ter um procedimento digno, decente, íntegro, para com as pessoas. É não prejudicar a quem quer que seja por motivo algum.

Ser honesto em última instância é não agir contrário à consciência, é não estar em desacordo com o Deus interior que vive em nós.

Paulo cuida de orientar seus seguidores nos mínimos detalhes, com muito amor, para que esses possam evitar passar por dissabores de agirem contrários aos princípios morais que regem o Cosmos.

Sabe ele, que em realidade temos daquilo que damos, e que passaremos mais cedo ou mais tarde pelas situações que tivermos promovido aos outros. Portanto, se queremos para nós uma vida tranquila, sem muitos dissabores, patrocinemos isto aos nossos semelhantes; se não queremos ser enganados por ninguém, não enganemos, andemos honestamente com todos.

Agindo assim evitamos futuras chateações.

Mas é preciso aprofundar este aconselhamento do apóstolo trazendo-o para o nosso dia a dia.

Se buscarmos ter uma vida valorizando mais as questões do espírito, viveremos de forma simples, sem ambições desnecessárias, administrando somente o que é inerente ao nosso processo evolutivo. Se ao contrário nos preocuparmos mais com as questões materiais, vamos ter que passar pelas dores e angústias geradas por essas mesmas questões. Ninguém que deseje ter posses mais vultuosas, e exercer o poder temporal, por mais cuidadoso que seja, consegue atingir seus objetivos sem prejudicar alguém, ou deixar de dar aos outros o que é seu. Em outras palavras, é muito difícil viver no mundo da matéria sem ferir a própria consciência. E sem querer alongar-nos demais neste raciocínio, tal comportamento sempre traz no momento oportuno, dores que são corretivas de percurso, mas que sempre deixam suas marcas desagradáveis em nós.

Ao aconselhar seus seguidores a uma vida simples, sem maiores ambições quanto ao mundo material, a ter sua própria profissão e honestamente ganhar seu sustento, satisfeito com o que a vida proporciona, Paulo com muita perspicácia, e visão de futuro oferecia a estes como a todos nós que tivermos a felicidade de compreendê-lo o caminho mais curto para a paz íntima que tanto almejamos.

NÃO QUERO, PORÉM, IRMÃOS, QUE SEJAIS IGNORANTES ACERCA DOS QUE JÁ DORMEM, PARA QUE NÃO VOS ENTRISTEÇAIS, COMO OS DEMAIS, QUE NÃO TÊM ESPERANÇA.

A partir deste versículo, o apóstolo muda o tema abordado na carta. Como já mencionamos, havia entre os cristãos da época uma crença na **parúsia** do Cristo, e provavelmente Timóteo informara que alguns tessalonicenses estavam preocupados com seus parentes já desencarnados, temendo que fossem prejudicados por não estarem entre os vivos quando da volta do Senhor.

Outro problema se somava a esse: muitos pagãos acreditavam na extinção da consciência após a morte, e tais ideias dificultavam o entendimento de alguns iniciantes da comunidade cristã acerca da Boa Nova.

Paulo, então, esclarece: *“Não quero, porém, irmãos, que sejais ignorantes acerca dos que já dormem”*, isto é, dos desencarnados. Para ele, o estado da alma após o desenlace é de plena consciência, e é isso que deseja que seus neófitos compreendam, para que não se entristeçam como os demais, que não têm esperança por nada crerem.

A imortalidade não é um tema recorrente no Antigo Testamento hebraico, surgindo com maior clareza apenas em alguns escritos da Septuaginta, como o *Livro da Sabedoria*. Os fariseus — grupo do qual Paulo faz questão de lembrar que teve origem — sustentavam a crença na ressurreição, embora de forma ainda confusa e pouco definida. De todo modo, os textos sagrados só encontram pleno sentido quando iluminados pela realidade da vida imortal, pois, se tudo se extinguisse com a morte, não haveria consequência moral nem ética a ser vivida por ninguém.

Quando se afirma que o Espiritismo é a doutrina consoladora anunciada por Jesus, segundo as anotações de João, é porque ele apresenta com clareza, lógica e sistematização a verdade de crenças até então pouco compreendidas: a imortalidade da alma e a reencarnação. Mesmo os judeus, considerados os mais espiritualizados da época, possuíam uma noção confusa e indefinida sobre o tema, elaborando uma concepção equivocada da vida após a morte.

Para Paulo, a continuidade da vida era um fato concreto que sustentava sua fé. Conforme a narrativa de Marcos, Jesus declarava tudo em particular aos seus discípulos e, naturalmente, Paulo, convivendo com aqueles que

testemunharam tais confidências, recebeu deles — assim como outros seguidores — o conteúdo dessas revelações essenciais⁵⁴.

Era necessário, portanto, multiplicar a esperança por meio da divulgação do Evangelho da alegria. O doutor de Tarso, por fidelidade, tinha como propósito extinguir a ignorância espiritual dos adeptos do Nazareno, fazendo florescer em cada coração a certeza da vida imortal. Afinal, a incredulidade é uma das maiores tristezas que pode visitar o homem comum, justamente por negar-lhe a compreensão de sua origem e do destino glorioso da existência.

PORQUE, SE CREMOS QUE JESUS MORREU E RESSUSCITOU, ASSIM TAMBÉM AOS QUE EM JESUS DORMEM DEUS OS TORNARÁ A TRAZER COM ELE.

É o puro raciocínio lógico expresso pelo convertido de Damasco: se Jesus morreu e ressuscitou — isto é, morreu sem se extinguir — o mesmo ocorrerá conosco, que somos seus irmãos e filhos do mesmo Pai, conforme os próprios ensinamentos do Mestre.

Sendo Deus a expressão suprema da Justiça, não pode haver privilégios na criação. Assim, se um único ser continua a viver após o trespasse físico, o mesmo se dará com todos os demais. Trata-se de uma simples questão de coerência e bom senso.

Quanto ao destino dos seres neste continuum da vida, podemos tomar um outro ensinamento de Jesus para justificar a teoria contrária à extinção da vida e a das penas eternas. *Qual dentre vós é o homem*, disse Ele em Seu Imortal Sermão, *que pedindo-lhe pão o seu filho, lhe dará uma pedra? E pedindo-lhe peixe, lhe dará uma serpente? Se vós, pois, sendo maus, sabeis dar boas coisas aos vossos filhos, quanto mais vosso Pai, que está nos céus, dará bens aos que lhe pedirem?*⁵⁵

Portanto, diante deste sensacional ensinamento, como justificar a teoria das penas eternas, ou da infelicidade futura das almas, ou da extinção da consciência depois da morte?

Mesmo que de forma inconsciente, o maior entre todos os pedidos que faz o ser humano a Deus, mesmo os materialistas, é o de que não seja extinta a vida, portanto, porque Deus não atenderia este pedido comum, tão insistentemente feito por toda Humanidade? Negar esta possibilidade é negar a própria existência do Criador, ou o seu atributo essencial que é a Misericórdia.

Com esta certeza da vida plena, Paulo ensinava aos seus discípulos, *todos os que em Jesus dormem*, ou seja, os que mesmo desencarnados têm Jesus por Senhor, *Deus os tornará a trazer com ele*, seja pelas vias da reencarnação seja pela própria presença do Senhor com eles como desencarnados trabalhadores no plano em que se encontram. O mesmo se dará com aqueles que dormem sem a presença de Jesus em suas vidas. Deus através de Sua Lei os fará também retornar, só que do modo como se encontram, isto é, sem o Cristo a orientá-los; serão estes guiados pela Lei, no plano da inconsciência, que os fará sofrer no fluxo e refluxo da existência até que adquiram o conhecimento da verdade que os libertará conforme ensinamento do Cristo quando esteve fisicamente entre nós.

*Se alguém tem ouvidos para ouvir, que ouça.*⁵⁶

DIZEMO-VOS, POIS, ISTO PELA PALAVRA DO SENHOR: QUE NÓS, OS QUE FICARMOS VIVOS PARA A VINDA DO SENHOR, NÃO PRECEDEREMOS OS QUE DORMEM.

Dizemo-vos, pois, isto pela palavra do Senhor: a autoridade de Paulo estava em ensinar conforme lhe era revelado por Jesus. Essa revelação podia chegar pela tradição oral dos discípulos que conviveram com o Mestre, por escritos que circulavam entre os primeiros cristãos, ou ainda pela inspiração espiritual — prática comum entre

⁵⁴ Cf. **Marcos 4:33-34**: “E com muitas parábolas lhes dirigia a palavra, segundo o que podiam compreender. E sem parábolas nunca lhes falava; porém, tudo declarava em particular aos seus discípulos.” (ARC)

⁵⁵ Mateus, 7: 9 a 11

⁵⁶ Marcos, 4:23

os seguidores do Senhor. As próprias epístolas, como já mencionamos, eram inspiradas por Jesus através de Estevão.

A autoridade de Paulo se ampliava porque não apenas transmitia os ensinamentos pela palavra, mas sobretudo pelo exemplo de sua conduta, sempre coerente com o Evangelho.

Este texto nos convida à reflexão: nós, que hoje nos dispomos a divulgar a mensagem pura do Manso Galileu, temos sido fiéis ao Evangelho? Interpretamos suas lições livres de interesses pessoais? Como tem sido nossa conduta diante daqueles a quem mais precisamos testemunhar nossa adesão às propostas renovadoras do Cristo?

A vinda do Senhor, como já dissemos, não será material, mas espiritual; e isso afirmamos com base nas palavras do próprio Paulo, que se inspirava em Jesus. No capítulo 15 da primeira epístola aos Coríntios, o apóstolo declara: *“Semeado corpo corruptível, ressuscita incorruptível; semeado desprezível, ressuscita em glória; semeado na fraqueza, ressuscita cheio de força; semeado corpo psíquico, ressuscita espiritual”*⁵⁷. E conclui: *“A carne e o sangue não podem herdar o Reino de Deus”*⁵⁸.

Em João, temos o próprio Cristo ensinando: *“Se alguém me ama, guardará a minha palavra, e meu Pai o amará, e viremos para ele e faremos nele morada.”*⁵⁹ (Grifos nossos)

Portanto, não inventamos nada: usamos as próprias palavras do Novo Testamento. A ressurreição definitiva — máxima realização da criatura que retorna ao Criador — se dará espiritualmente, e para cada um, no seu momento próprio, será o Dia do Senhor, ou, na terminologia da época, a “parúsia do Cristo”.

Neste instante não haverá privilégios: não será o fato de estar desencarnado (os que dormem) ou encarnado (os que ficarem vivos) que determinará quem receberá primeiro a Glória do Senhor. Até porque “primeiro” e “depois” são expressões relativas, ligadas à cronologia deste mundo; no Reino do Pai, tempo e espaço já foram superados pela eternidade.

PORQUE O MESMO SENHOR DESCERÁ DO CÉU COM ALARIDO, E COM VOZ DE ARCANJO, E COM A TROMBETA DE DEUS; E OS QUE MORRERAM EM CRISTO RESSUSCITARÃO PRIMEIRO...

Como dissemos nos comentários relativos ao versículo anterior, as expressões primeiro, depois, primeiro dia, dia segundo, entre outras contidas nos textos bíblicos, têm sentido relativo e devem ser interpretadas em espírito, dentro da lógica, do bom senso, e da razão.

É preciso saber que Paulo como os demais evangelistas estavam realizando um trabalho de educar almas que não tinham a mínima noção de espiritualidade. Ou eram religiosos ortodoxos mais ligados ao plano exterior, ou pagãos ainda no início de suas projeções espirituais.

Portanto Paulo tinha que adequar a mensagem do Evangelho de tal forma que todos compreendessem. Afinal, seu objetivo era universalizar a mensagem do Cristo tirando-a das paredes do templo e dos dogmas que tanto a descaracterizava.

Como analisamos anteriormente, Paulo tinha por meta que seus leitores compreendessem, que com relação ao novo advento do Senhor, não era o fato de estar ou não encarnado que daria ao homem maior ou menor facilidade diante deste evento, mas sim a postura íntima em relação às verdades trazidas por Jesus e sua fiel adesão a estas.

Quanto à manifestação do Senhor neste dia de redenção, era característica da literatura da época a utilização de símbolos como nuvens, trombetas, vozes etc.; tanto textos mais antigos como os livros Êxodo, Deuteronômio, entre outros, quanto alguns do Novo Testamento, usam e abusam destas simbologias que sempre reforçam a manifestação espiritual das entidades celestes (os Espíritos) nestes momentos de glória.

O mais importante neste verso é a colocação do redator da carta com relação aos que *morrerem em Cristo*, significando a desativação em nós das necessidades e desejos ligados às questões materiais. Pois morrer em Cristo é justamente a desvinculação do mundo através do viver nele sem ser dele, ou seja, sem paixão e apego. Jesus com muita propriedade disse ter vencido o mundo, e não no mundo como é desejo dominante na maioria da

⁵⁷ 1 Coríntios, 15: 42 a 44

⁵⁸ Ibidem, 50

⁵⁹ João, 14: 23

Humanidade, e em outra oportunidade nos alertou que o Seu Reino não era deste mundo, se referindo ao imperativo de nos espiritualizarmos para atingirmos a meta da felicidade.

...DEPOIS, NÓS, OS QUE FICARMOS VIVOS, SEREMOS ARREBATADOS JUNTAMENTE COM ELES NAS NUVENS, A ENCONTRAR O SENHOR NOS ARES, E ASSIM ESTAREMOS SEMPRE COM O SENHOR. PORTANTO, CONSOLAI-VOS UNS AOS OUTROS COM ESTAS PALAVRAS.

Estes versículos que encerram o capítulo quarto desta carta não sugerem muitos outros comentários, pelo menos a nós diante do que já expusemos anteriormente, sem cairmos em repetições que julgamos desnecessárias neste momento.

Importa-nos, portanto, analisar algumas expressões.

...a encontrar o Senhor nos ares; expressando justamente que este encontro se dará fora do plano comum da matéria, ou seja, será um encontro espiritual. Neste ponto repetimos, pois a terminologia usada vem reforçar nossa conclusão pelo caráter espiritual do advento.

...e assim estaremos sempre com o Senhor; nos mostrando que depois da morte gerada pela ilusão do que é transitório retornaremos ao plano original e estaremos com o Senhor para sempre. Deste modo, tudo o que passamos anteriormente como sacrifício para atingirmos este desiderato, mesmo que seja num período de milênios, fica minimizado, pois a felicidade será eterna, isto é, para sempre, numa dimensão em que o tempo jamais passará, pois, a conquista existirá na intimidade de todos os que tiverem vencido o último inimigo; a morte.⁶⁰

...consolai-vos uns aos outros com estas palavras; é mais uma vez a preocupação de um Espírito superior com a tranquilidade e a paz de todas as criaturas; preocupação de que as suas palavras possam gerar somente o bem e a alegria.

*Bem-aventurados os pacificadores, porque eles serão chamados filhos de Deus.*⁶¹

⁶⁰ Cf. 1 Coríntios, 15: 26

⁶¹ Mateus, 5:9

Vigiai e Edificai-vos Uns aos Outros

Mas, irmãos, acerca dos tempos e das estações, não necessitais de que se vos escreva; porque vós mesmos sabeis muito bem que o Dia do Senhor virá como o ladrão de noite.

Pois que, quando disserem: Há paz e segurança, então, lhes sobrevirá repentina destruição, como as dores de parto àquela que está grávida; e de modo nenhum escaparão.

Mas vós, irmãos, já não estais em trevas, para que aquele Dia vos surpreenda como um ladrão; porque todos vós sois filhos da luz e filhos do dia; nós não somos da noite nem das trevas.

Não durmamos, pois, como os demais, mas vigiemos e sejamos sóbrios.

Porque os que dormem, dormem de noite, e os que se embebedam embebedam-se de noite.

Mas nós, que somos do dia, sejamos sóbrios, vestindo-nos da couraça da fé e da caridade e tendo por capacete a esperança da salvação.

Porque Deus não nos destinou para a ira, mas para a aquisição da salvação, por nosso Senhor Jesus Cristo, que morreu por nós, para que, quer vigiemos, quer durmamos, vivamos juntamente com ele.

Pelo que exortai-vos uns aos outros e edificai-vos uns aos outros, como também o fazeis.

E rogamo-vos, irmãos, que reconheçais os que trabalham entre vós, e que presidem sobre vós no Senhor, e vos admoestam; e que os tenhais em grande estima e amor, por causa da sua obra. Tende paz entre vós.

Rogamo-vos também, irmãos, que admoesteis os desordeiros, consoleis os de pouco ânimo, sustenteis os fracos e sejais pacientes para com todos.

Vede que ninguém dê a outrem mal por mal, mas segui, sempre, o bem, tanto uns para com os outros como para com todos.

Regozijai-vos sempre.

Orai sem cessar.

Em tudo dai graças, porque esta é a vontade de Deus em Cristo Jesus para convosco.

Não extingais o Espírito.

Não desprezeis as profecias.

Examinai tudo. Retende o bem.

Guardai-vos de toda espécie de mal.

O Deus da paz vos conceda santidade perfeita; e que o vosso ser inteiro, o espírito, a alma, e o corpo sejam guardados de modo irrepreensível para o dia da vinda de nosso Senhor Jesus Cristo.

Quem vos chamou é fiel, e é ele que vai agir.

Orai por todos nós irmãos..

Saudai a todos os irmãos com ósculo santo.

Conjuro-vos no Senhor, que esta carta seja lida a todos os irmãos.

MAS, IRMÃOS, ACERCA DOS TEMPOS E DAS ESTAÇÕES, NÃO NECESSITAIS DE QUE SE VOS ESCRIVA; PORQUE VÓS MESMOS SABEIS MUITO BEM QUE O DIA DO SENHOR VIRÁ COMO O LADRÃO DE NOITE.

Paulo repete Jesus segundo as anotações de Lucas em Atos:

*Não vos pertence saber os tempos ou as estações que o Pai estabeleceu pelo seu próprio poder.*⁶³

E de Mateus:

*...se o pai de família soubesse a que vigília da noite havia de vir o ladrão, vigiaria e não deixaria que fosse arrombada a sua casa.*⁶⁴

O tempo é a dimensão que diz respeito à sucessão dos eventos; no texto, no plural, diz de uma época ou de um ciclo num contexto mais abrangente. *Estações* falam-nos de um período mais determinado de ocorrência do fato. São também períodos cíclicos que se repetem, trazendo, porém, sua característica própria.

Continuando a orientar os novos cristãos, o apóstolo confirma que não é dado a nenhum de nós saber sobre o momento exato do dia do Senhor. Aliás, o próprio Jesus, através do qual tudo em nosso Orbe foi feito, já dissera que *daquele dia e hora, ninguém sabe, nem os anjos do céu, nem o Filho, mas só o Pai.*⁶⁵

É que por ser este momento individual, ninguém tem condições de saber quando se dará, pois o componente “livre arbítrio” irá influenciar decisivamente no “quando” será este dia. Se fosse um evento geral, que ocorresse para todos no mesmo momento, seria fácil para os Espíritos encarregados da administração do planeta saberem a data exata do acontecimento. Porém, assim não será; só Deus que transcende a tudo, que atua através de Sua Lei Universal, tem o conhecimento da Matemática Cósmica que O capacita a saber do momento exato de todas as ocorrências.

Sabedor de tudo isso Paulo orienta para que não nos preocupemos com o tempo em sua feição exterior, mas que busquemos aproveitar bem cada oportunidade. O que será determinante para que este dia ocorra em nós é a pureza de nosso sentimento; só através do fato de criarmos condições favoráveis é que este instante se estabelecerá como evento inadiável. Quando? Ninguém sabe, virá *como um ladrão*, isto é, de surpresa, não será de hora marcada, mas quando nosso amadurecimento favorecer para que aconteça. A expressão *de noite*, referida por Paulo, aqui não representa trevas; lembremos que existem noites de grandes claridades, iluminadas por estrelas ou até mesmo por lua cheia. *Noite*, aqui, portanto, pode ser entendida como o momento que sucede ao dia de trabalho, de conquistas, de realizações que produzam em nós o amadurecimento necessário, fomentador de espiritualidade.

*Bem-aventurado o varão que não anda segundo o conselho dos ímpios, nem se detém no caminho dos pecadores, nem se assenta na roda dos escarnecedores. Antes, tem o seu prazer na lei do Senhor, e na sua lei medita de dia e de noite.*⁶⁶

POIS QUE, QUANDO DISSEREM: HÁ PAZ E SEGURANÇA, ENTÃO, LHES SOBREVIRÁ REPENTINA DESTRUIÇÃO, COMO AS DORES DE PARTO ÀQUELA QUE ESTÁ GRÁVIDA; E DE MODO NENHUM ESCAPARÃO.

Este momento definido pelo apóstolo é bem parecido com o que vivemos atualmente.

⁶² 1 Tessalonicenses, 5: 1 a 28

⁶³ Atos, 1: 7

⁶⁴ Mateus, 24: 43

⁶⁵ Cf. Mateus, 24: 36

⁶⁶ Salmo, 1: 1 e 2

...quando disserem: *Há paz e segurança, então, lhes sobrevirá repentina destruição*; não é o que acontece nos dias de hoje? Basta dizermos que está tudo bem, que os problemas estão equacionados, que algo acontece quebrando a tranquilidade. Por que isto acontece? Será mesmo Deus um tirano que se vinga da humanidade como chegaram a pensar alguns de nossos antepassados? Nada disso. A dificuldade é exclusivamente nossa quando da eleição de nossas prioridades. É que a nossa paz é baseada em sentimentos fugazes e a nossa segurança em valores transitórios.

Jesus nos fala da paz. Em Mateus, nos diz:

Não cuideis que vim trazer a paz à terra; não vim trazer paz, mas espada ⁶⁷

Em João afirma:

*Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou*⁶⁸

Por que esta contradição? Afinal veio Ele trazer a paz ou não? É Ele mesmo quem responde:

*...não vo-la dou como o mundo a dá.*⁶⁹

É, como já afirmamos, uma questão de conceito. O que é paz para nós? Quando nos sentimos em segurança? Aliás estes são dois sentimentos dos mais requisitados atualmente; fazem parte das principais preocupações da humanidade.

A segurança que almejamos é simplesmente a ausência de perigo externo, a paz que normalmente buscamos é a da ociosidade; foi por isso que Jesus fez questão de asseverar, *não vo-la dou como o mundo a dá*, pois para Ele o que o mundo entende por paz está longe de realmente ser.

Paz e segurança para o Cristo são estados de harmonia para com Deus, estado este conquistado pela boa relação com o semelhante que deve ser para nós a expressão do Criador. Segurança só o espírito pode ter, pois tudo o que é material está sujeito a constante transformação; deste modo, a segurança é a conquista de valores que o mundo não pode tirar, valores estes que o Mestre definiu como sendo os que o ladrão não rouba, nem a traça corrói.

No dia que realizarmos esta mudança de conceitos, e passarmos a compreender a vida pela ótica do Espírito imortal, neste dia obteremos a tão sonhada paz, e a segurança será natural.

Nestes dias os nossos filhos serão incentivados por nós, a ter, não a profissão que rende mais lucros financeiros, mas a que lhes realizando mais, promoverem a maior oportunidade de serviço à comunidade; a nossa preocupação será não com a aparência exterior, mas com a virtude que efetivamente possuímos.

Por não ser esta ainda a nossa realidade atual, nossa paz e segurança são fugazes, se destroem repentinamente; como a mulher grávida, estamos sujeitos a vários sentimentos contraditórios, angústia e alegria, dor e alívio, harmonia e desequilíbrio.

Todavia conscientizemo-nos, este momento é de grande importância, pois realmente estamos grávidos, estamos gerando o filho do homem em nós; e o dia em que ele nascer, ou seja, o dia em que trouxermos ao mundo este ser renovado, será para nós, o Dia do Senhor, onde a paz e a segurança serão efetivas e constantes não se alternando mais com tribulações e incertezas.

MAS VÓS, IRMÃOS, JÁ NÃO ESTAIS EM TREVAS, PARA QUE AQUELE DIA VOS SURPREENDA COMO UM LADRÃO...

Como bom discípulo Paulo também se torna um bom educador. Deste modo, valoriza o que cada um tem de positivo. Quando é necessário ele chama a atenção, porém, sempre com muito afeto; e quando há condições ele realça a virtude como forma de promovê-la ainda mais.

Os neófitos de Tessalônica tinham ainda pontos a serem trabalhados, todavia tinham também suas conquistas e Paulo buscava valorizá-las sempre.

⁶⁷ Mateus, 10: 34

⁶⁸ João. 14: 27

⁶⁹ Ibidem.

A nossa situação é a mesma, ainda tempos muito que caminhar em matéria de espiritualidade, mas não podemos esquecer que temos nossos valores já alcançados. *Já não estamos em trevas...*

*Porque, noutro tempo, éreis trevas, mas, agora, sois luz no Senhor; andai como filhos da luz.*⁷⁰

Se isso é para nós motivo de alegria, não deixa de ser também de grande responsabilidade, pois Jesus já passou por nós, não somos mais os mesmos, devemos assim dar frutos mais coerentes com o bem que já possuímos.

Fica, no entanto, uma questão, por que oscilamos tanto entre luz e trevas, bem e mal, amor e ódio?

É que nossas conquistas ainda estão mais nas faixas do intelecto, da informação, e menos no campo do sentimento. A educação intelectual não só é importante, como é mesmo imprescindível, porém, é o sentimento o motor de nossa transformação. É preciso estudar o Evangelho, pesquisar sua origem, saber sobre a veracidade dos fatos, afinal a Doutrina Espírita é doutrina que incentiva a faculdade de pensar e de analisar; porém é imperioso que sintamos o Evangelho, buscar colocar-nos na posição de cada personagem e sentir o que ele sentiu. Só assim, nos colocando nas várias situações trabalhamos em nós o autoconhecimento e nos disponibilizamos às mudanças. Por que ainda temos tanta dificuldade em caminhar nas faixas do espírito? Simplesmente porque não realizamos a entrega à Boa Nova como seria desejado de acordo com o nível de informação que já possuímos. Fé é adesão, é entrega total a uma proposta. Quando verdadeiramente tivermos fé de que os ensinamentos de Jesus podem em nós operar maravilhas, como Abraão teve em disponibilizar seu próprio filho para o sacrifício, aí não mais haverá treva que ofusque a nossa luz, que surpreenda com sua imprevisibilidade.

Somos inconstantes e vulneráveis porque por demais exteriores, quando adotarmos a consciência profunda como norteadora de nossa livre escolha, não seremos mais roubados, mas realizados através de uma moral superior.

PORQUE TODOS VÓS SOIS FILHOS DA LUZ E FILHOS DO DIA; NÓS NÃO SOMOS DA NOITE NEM DAS TREVAS.

Este versículo nos leva a meditar sobre a questão das origens. Como citamos o próprio Paulo nos comentários do versículo anterior, *noutro tempo éramos trevas*, espíritos prazerosos no erro, porém, este é um passado mais recente.

Nossa gênese é a luz, viemos de Deus, no primeiro momento éramos puro espírito, depois é que despencamos de dimensões e imergimos na matéria, que é justamente *o laço que prende o espírito*.⁷¹

Portanto, o “pecado” foi um erro de percurso, um afastamento, não desejado, do Criador. *Somos filhos da luz e filhos do dia*, isto é, seres que se realizam no trabalho a serviço do bem. Este é o dinamismo que a Vida anseia para cada um de nós e a proposta eterna da criação; *não somos da noite nem das trevas*, pois em Deus vivemos, e nos movemos, e existimos.⁷²

Isto significa que a nossa felicidade, a nossa paz, o nosso equilíbrio, está na prática e na vivência da virtude, e se esse não parece o caminho natural por ser tão difícil de percorrê-lo, é porque desabituações do que é espiritual, fomos seduzidos pela matéria e nela nos iludimos como se esta fosse a realidade única. A repetição forma o hábito, e o hábito a personalidade. Portanto, mudemos de conduta, construamos um novo caminho, ou, retomemos o “paraíso perdido”, o laço com o Criador, e seremos eternamente felizes.

*...deixemos as obras das trevas, e vistamos as armaduras da Luz.*⁷³

NÃO DURMAMOS, POIS, COMO OS DEMAIS, MAS VIGIEMOS E SEJAMOS SÓBRIOS; PORQUE OS QUE DORMEM, DORMEM DE NOITE, E OS QUE SE EMBEBEDAM, EMBEBEDAM-SE DE

⁷⁰ Efésios, 5: 8

⁷¹ (KARDEC, 1980), questão 22

⁷² Cf. Atos, 17: 28

⁷³ Romanos, 13: 12

NOITE.

Não durmamos, pois, como os demais; mais uma vez o apóstolo nos alerta para que nos diferenciemos da multidão. Não sejamos comuns como a massa, tenhamos perspectiva diferente. Dormir é estar desligado dos objetivos maiores, é estar sonolento, estacionado, não operante. Esta é uma característica daquele que tem no agora o seu objetivo, daquele que não deseja o progresso; para este, do jeito que está, está bom, para que tentar mudar? Podemos piorar, perder... Esta é a tônica do pessimista, daquele que não quer avançar. Infelizmente, no mundo em que vivemos, de provas e expiações, a maioria está nesta faixa evolutiva. Por isto o alerta do apóstolo: *não durmamos... como os demais.*

Mas vigiemos e sejamos sóbrios...; devido ao nosso passado recente estar mais ligado ao erro, nossa tendência atual é retornar a ele. É como o animal equino que vai mais facilmente pelo caminho já conhecido, se quisermos dirigi-lo por uma estrada nova, é preciso nos esforçar, segurarmos a rédea com firmeza, e até usarmos de esporas.

Há muito que nos iludimos e nos deixamos levar pelo prazer fácil e libertino; deste modo, *vigiemos e sejamos sóbrios*, isto é, simples, moderado, austero.

Porque os que dormem, dormem de noite; a vida nos desfia a todo instante. E um destes grandes desafios é estarmos sempre dinâmicos, atuantes no Bem. Na maioria das vezes realizamos grandes movimentos, porém sem um produto final satisfatório no que diz respeito à nossa própria iluminação.

Muitas vezes os que dormem não estão paralisados; quando dissemos que estão sonolentos, estacionados, dizemos no que diz respeito às buscas espirituais. Estes podem estar em pleno dinamismo, mas só que com a mente voltada exclusivamente para as questões materiais. Dormem para o que é essencial.

Como então saber o que é este essencial, e se não são eles que estão com a razão? Afinal, são eles os vencedores dos tempos atuais.

A questão é delicada, todavia com bom senso conseguimos raciocinar melhor.

Nosso tempo de vida na matéria, fazendo conta apenas de uma encarnação, é de sessenta a noventa anos em média. Para uns menos, para outros um pouco mais. Mas o que são noventa ou cem anos se comparado aos séculos, ou mesmo à eternidade?

Todavia, se pensamos que a vida é só o aqui e agora, então comamos, bebamos e durmamos, pois nada mais interessa; no entanto, se já fazemos parte daqueles que veem na vida uma experiência mais ampla, em que o passado é julgado no presente e este será da mesma forma no futuro; e se sinceramente acreditamos que a vida não pode ser só esse tempo chamado agora, o que é muito mais lógico do que o contrário, então, dormir significa, mesmo que dentro da dinâmica materialista, estar pensando em construir somente baseado nos valores transitórios, enquanto estar acordado é realizar-se sabendo que o que conquistamos de valor nos terrenos do espírito será a moeda corrente onde estivermos após esta transitória experiência material.

Portanto, qual o melhor investimento, o que fazemos pensando em gozar alguns anos, mesmo que muitos segundo o nosso conceito atual, ou o que fazemos em favor de nossa tranquilidade e equilíbrio num tempo sem conta a que denominamos eternidade?

Deste modo, *os que dormem, dormem de noite*, isto é, sem a luz da razão que troca o eterno pelo duradouro; os que assim agem, encontram-se iludidos pelo que podem agarrar com os sentidos atuais, ou seja, se *embebedam* nos prazeres fáceis que em verdade são trevas na longa noite, porém, não eterna, das ilusões materiais.

Apenas para mostrar como são diversos o comportamento e a expectativa de um cidadão do Reino – o que está acordado – e um do mundo – o que dorme –, citamos abaixo o diálogo de Paulo e seu algoz, segundo a narrativa de Emmanuel, no momento final de seu martírio:

O militar que chefiava a escolta mandou parar o carro e, fazendo descer o prisioneiro, disse-lhe hesitante:

- O Prefeito dos Pretorianos, por sentença de César, ordenou que fosseis sacrificado no dia imediato ao da morte dos cristãos votados às comemorações do circo, realizadas ontem. Deveis saber, portanto, que estais vivendo os últimos minutos.

Calmamente, olhos brilhantes e mãos amarradas, Paulo de Tarso, mudo até então, exclamou, surpreendendo os verdugos com a sua majestosa serenidade:

- Ciente da tarefa criminosa que vos incumbe desempenhar .. Os discípulos de Jesus

não temem os algozes que só lhes podem aniquilar o corpo. Não julgueis que vossa espada possa eliminar-me a vida, de vez que, vivendo estes fugazes minutos em corpo carnal, isso significa que vou penetrar, sem mais demora, nos tabernáculos da vida eterna, com o meu Senhor Jesus Cristo, o mesmo que vos tomará contas, tanto quanto a Nero e Tigelino...

A patrulha sinistra estarrecia de assombro. Aquela energia moral, no momento supremo, era de molde a abalar os mais fortes. Percebendo a surpresa geral e cioso do seu mandato, o chefe da escolta tomou a iniciativa do sacrifício. Os demais companheiros pareciam desorientados, nervosos, trêmulos. O inflexível preposto de Tigelino, porém, ordenou ao prisioneiro que desse vinte passos à frente. Paulo de Tarso caminhou serenamente, embora, no íntimo, se recomendasse a Jesus, compreendendo a necessidade de amparo espiritual para o testemunho supremo.

Ao chegar no local indicado, o sequaz de Tigelino desembainhou a espada, mas, nesse instante, tremeu-lhe a mão, fixando a vítima, e falou-lhe em tom quase imperceptível:

- Lastimo ter sido designado para este feito e intimamente não posso deixar de lamentar-vos...

Paulo de Tarso, erguendo a fronte quanto lhe era possível, respondeu sem hesitar:

- Não sou digno de lástima. Tende antes compaixão de vós mesmos, porquanto morro cumprindo deveres sagrados, em função de vida eterna; enquanto que vós ainda não podeis fugir às obrigações grosseiras da vida transitória. Chorai por vós, sim, porque eu partirei buscando o Senhor da Paz e da Verdade, que dá vida ao mundo; ao passo que vós, terminada vossa tarefa de sangue, tereis de voltar à hedionda convivência dos mandantes de crimes tenebrosos da vossa época!...

O algoz continuava a fitá-lo com assombro e Paulo, notando a tremura com que ele empunhava a espada, concitou resolutivo:

- Não tremais!... Cumpri vosso dever até ao fim...⁷⁴

MAS NÓS, QUE SOMOS DO DIA, SEJAMOS SÓBRIOS, VESTINDO-NOS DA COURAÇA DA FÉ E DA CARIDADE E TENDO POR CAPACETE A ESPERANÇA DA SALVAÇÃO.

Mas nós que somos do dia; Paulo não pergunta se somos nem se queremos ser do dia, ele afirma a todos, daquele tempo ou de quaisquer dos tempos, que se dizem seguidores do Mestre de Nazaré, que *somos do dia*, isto é, faz ver a cada um a sua responsabilidade. Antes de Jesus passar em nossa vida podíamos fazer isso ou aquilo, sermos até da noite, mas depois que O conhecemos nossa atitude tem de mudar; um dos piores defeitos que a criatura pode ter é o de não assumir a sua responsabilidade seja em que estágio for. Somos cristãos, então que atuemos como seguidores do Cristo.

Deste modo, *sejamos sóbrios*, o que já comentamos no versículo anterior; porém, aqui, Paulo dá uma ajuda dizendo-nos como ser: *vestindo-nos da couraça da fé e do amor*.

Sobre fé vamos comentar melhor quando estudarmos a carta escrita aos gálatas e a que foi dirigida aos romanos, pois nestas é o tema principal. Todavia aqui não podemos deixar de tocar no assunto para que possamos melhor entender a simbologia.

Fé, segundo o entendimento de Paulo, não é simplesmente crer em uma proposta, mas aderir a esta de tal forma que há uma entrega daquele que adere a esta mesma proposta. Portanto, fé é ação, dinamismo, trabalho.

Amor por sua vez é outra expressão que não podemos entender como mensagem de ociosidade, muito pelo contrário; quem ama, ama a alguém, deste modo quer o bem deste alguém; age assim em favor daquele que ama. Portanto, amor é atitude, é dinamismo, é trabalho.

Ao dizer que o cristão deve vestir-se da *couraça da fé e do amor*, Paulo prega uma defesa atuante, e não um momento de fuga. É que as grandes almas, aquelas que compreendem o *modus operandi* da Vida, sabem que só

⁷⁴ (XAVIER / Emmanuel, 2004), cap. X, II parte.

temos do que damos, que só nos acontece do modo como procedemos com os outros, portanto, se desejamos segurança, proteção ou defesa, temos que dar segurança, proteger ou defender os outros, em síntese nos doarmos (amor), nos entregarmos (fê) ao serviço em favor do semelhante. Só assim estaremos preparados para o “Dia do Senhor”, que como comentamos é o projeto da Vida para cada um de nós.

Paulo vai além e nos fala em termos por *capacete a esperança da salvação*. A proposta é similar, capacete também é instrumento de proteção, e como só se protege quem protege, só é digno de esperança quem promove a esperança dos outros. Em outras palavras, só seremos *salvos*, isto é, só nos ajustaremos a Deus, se promovermos as pessoas a este mesmo ajustamento.

Entendamos de uma vez por todas, em última instância o objetivo da Vida é o aperfeiçoamento das criaturas. Foi por isso que Jesus veio até nós. O resto é tudo material didático para que isto, ou seja, o aperfeiçoamento, aconteça. Se quisermos de algum modo ser felizes, temos de caminhar de acordo com a Lei, isto é, sem fazer oposição a ela. Deste modo compreendemos que se desejamos estar bem temos que auxiliar no aperfeiçoamento dos outros, pois do contrário estamos colocando obstáculo a que Deus realize o seu projeto.

Se desejarmos aprofundar mais nos ensinamentos desta carta, podemos ainda ver que Paulo propõe instrumentos de proteção para a área do peito, onde se situa o coração, e para a cabeça, onde está o cérebro. É mais uma vez a simbologia evangélica nos ensinando a trabalhar as expressões de sentimento e razão, lado a lado, conjuntamente, para que possamos ganhar em sabedoria e assim atingirmos a condição de espíritos salvos, isto é, redimidos e aptos para o Reino que nos foi oferecido desde o princípio dos tempos, antes mesmo da criação do Universo físico e temporal.

PORQUE DEUS NÃO NOS DESTINOU PARA A IRA, MAS PARA A AQUISIÇÃO DA SALVAÇÃO, POR NOSSO SENHOR JESUS CRISTO...

Este versículo tem colocações que devem ser por nós analisadas com muito carinho e atenção.

Deus não nos destinou para a ira...; ao falar deste modo o missivista mostra a seus leitores que toda a criação tem um objetivo, e se assim é, caso esse objetivo não se concretize, é um fracasso do Criador. Como em se tratando de Deus o fracasso é impossível, chegamos à conclusão lógica de que tudo se cumprirá como foi planejado e determinado por Sua Soberana Vontade. Fica claro assim, que não existe a possibilidade de perda do Espírito, e a teoria das penas eternas passa a ser fruto do não raciocínio daqueles que assim creem.

Não fomos destinados para a *ira*, esta é uma expressão recorrente nos textos de Paulo. Podemos entender por *ira divina* a reação da Lei às atitudes que se opõem a ela, ou em outras palavras, as que obstaculizam seu seguimento natural.

Deus é amor, portanto, só o que gravita em torno deste sentimento está no campo magnético do Criador; assim, toda ação que contraria este sentimento afasta aquele que age, de Deus. É lógico que em termos espaciais isto não é possível, mas é como se ficassemos à margem do caminho, se fôssemos expulsos de Seu campo vibracional.

A partir desta ação contrária ao propósito do Criador, a Lei por Ele instituída, promove uma ação que visa fazer voltar aquele que se “afastou” de Deus para o caminho original que é estar diante Dele. Essa ação da Lei é muitas vezes dolorosa, pois requer sacrifício para que se conquiste a posição perdida.

Vejamos como essa análise é coerente com o pensamento do Espírito Paulo dezenove séculos depois:

*Gravitar para a unidade divina, eis o fim da Humanidade. Para atingi-lo, três coisas são necessárias: a Justiça, o Amor e a Ciência.*⁷⁵

É a essa ação da Lei, que Paulo chama de *ira*, em outros textos de “ira divina”.

Entretanto ele é claro: *Deus não nos destinou para a ira*, ou seja, não fomos criados nem para dor nem para a infelicidade, se isto acontece é por erro de rota, mas erro que devemos tributar exclusivamente a nós mesmos.

Deus não cria autômatos, por isso deu ao Espírito a liberdade, o livre arbítrio, fazendo mau uso dele é que criamos em nós a necessidade de estarmos diante da *ira*, mas parafraseando Jesus: *ao princípio, não foi assim*⁷⁶.

⁷⁵ (KARDEC, 1980), questão 1009.

⁷⁶ Mateus, 19: 8

E o apóstolo continua ensinando: *Mas para a aquisição da salvação por nosso Senhor Jesus Cristo.*

Aqui temos uma colocação perfeita a começar pela palavra *aquisição*.

É que a salvação não será gratuita, mas deve ser conquistada, adquirida, e isto se dará dia a dia, etapa por etapa. Todavia esta *aquisição* não implica necessariamente em sofrimento como chegamos a supor um dia; Paulo é claro a salvação virá *por nosso Senhor Jesus Cristo*. Não entendamos com isto que Ele é que vai realizá-la por nós, não é isso, seria muito cômodo, mas não é essa a realidade. *Por nosso Senhor Jesus Cristo* deve-se compreender que será a conquista através da vivência do amor; Ele mesmo ensinou, *misericórdia quero e não sacrifício*.⁷⁷

E se falamos em amor, dizemos não ao constrangimento, não à dor e ao sofrimento.

Mas a Doutrina Espírita não diz que a dor é necessária? Podem dizer alguns; sim, ela é necessária como reação ao erro para restabelecer a Ordem. É que escolhemos um caminho que passa por quedas e mais quedas, se tivéssemos sido obedientes desde o princípio, muitos dissabores teriam sido evitados. E isso não é opinião nossa, é O Livro dos Espíritos que nos informa que existem Espíritos que seguiram o caminho do bem desde o início⁷⁸, e diz mais, a escolha pelo caminho do erro está muito bem simbolizada na figura da queda do homem e do pecado original.⁷⁹

Por fim resta-nos falar sobre a salvação, o que entende o apóstolo Paulo por salvação?

Salvação de acordo com seu pensamento é o mesmo que redenção, ou ainda o mesmo que justificação, que segundo o professor Huberto Rohden, não é simplesmente um *processo meramente lega, ou social, mas o ato de estabelecer uma atitude de justeza ou correto ajustamento entre o homem e Deus*.⁸⁰

Esta salvação se dará segundo ele pela fé em nosso Senhor Jesus Cristo, mas este é assunto que deixaremos mais para adiante, quando estivermos estudando as epístolas, aos gálatas e aos romanos.

...QUE MORREU POR NÓS, PARA QUE, QUER VIGIEMOS, QUER DURMAMOS, VIVAMOS JUNTAMENTE COM ELE.

Aqui faz-se necessário buscarmos uma visão mais profunda para não cairmos na visão acanhada das religiões tradicionais e não supervalorizarmos a morte física de Jesus.

Dizemos isto porque, quando um Espírito de alta evolução se entrega totalmente para a realização de uma missão, não é o ato de morrer fisicamente que deve ser levado em conta, mas o de viver cada momento de sua existência em favor de uma causa maior em benefício da humanidade.

Morrer para as contradições do mundo material, para aquele que tem a certeza da vida espiritual e que se ajustou aos desígnios superiores, é até um alívio, visto que sua vida espiritual compensa com grande vantagem todos os sofrimentos por que passou. Portanto, o que deve ser valorizado é justamente o contrário, ou seja, o que esse Espírito fez em vida, seus sacrifícios, as dores por que passou e o ajustamento de seu tônus vibratório para que pudesse estar entre nós neste mundo de fluidos tão densos e grosseiros.

Não temos, devido ao nosso atraso espiritual, a mínima condição de avaliar o que para Jesus foi ou não sofrimento, mas é bem provável que o que para nós representa motivos de grande dores, para Ele, Espírito já liberto da influência da matéria, não foi o seu maior sacrifício.

Deste modo até entendemos quando Paulo ou qualquer outro evangelista reporta ao ato de morrer por nós se referindo a Jesus, porém devemos entender que ele morreu foi quando tomou um corpo físico semelhante ao nosso, e teve que se harmonizar aos fluidos grosseiros de nosso orbe, adequando sua condição superior para que pudéssemos compreendê-lo.

Este é o sentido que damos ao ato da morte de Jesus; Ele veio até nós para que pudéssemos resgatar os erros que ainda nos prendem aos vales de sombra.

⁷⁷ Mateus, 9: 13

⁷⁸ (KARDEC, 1980), questão 124

⁷⁹ Ibidem, questão 122

⁸⁰ (ROHDEN, 2005), cap. 52

Outro fato que deve ser bem compreendido é que não foi o ato de Jesus estar entre nós que possibilitou a condição de salvação para cada um de nós, pois o salvar-se é inerente a cada um, e cabe a cada um realizar por si através de sua própria iluminação. Quando é dito que Jesus é o nosso salvador, devemos entender no sentido de que Ele trouxe para nós os recursos que, se vivenciados, podem nos levar à perfeita sintonia com o Eterno. Dissemos em outro momento e aqui repetimos, não é o Cristo que salva, como pensam alguns, mas a cristianização de nós mesmos.

Quer vigiemos, quer durmamos, vivamos juntamente com ele; o ato de vigília aqui neste verso significa, segundo nosso entendimento, a condição de encarnado em oposição aos que se situam no plano extracorpóreo representado aqui pela expressão *durmamos*.

Portanto, salienta o apóstolo, quer estejamos entre os que denominamos vivos, quer entre os desencarnados, *vivamos juntamente* com o Cristo, isto é, de acordo com o que Ele ensinou.

Façamos assim, nossa opção, ninguém vai por nós poder realizar o que só a cada um cabe fazer; não existe transferência de responsabilidade na contabilidade da Vida, o processo de harmonização, saúde e felicidade é individual, e por mais que aja colaboração, e devemos mesmo colaborar, cada um só pode fazer por si.

PELO QUE EXORTAI-VOS UNS AOS OUTROS E EDIFICAIS-VOS UNS AOS OUTROS, COMO TAMBÉM O FAZEIS.

A Casa do Pai é o Universo. Do mesmo modo que cada família tem o seu sistema de vida, tem um princípio que norteia a convivência e os atos de cada um de seus elementos, Deus criou uma Lei que rege todos os eventos universais do micro ao macrocosmo.

Criou também um “cimento” que une Ele próprio a todas as criaturas, e estas entre si. Este “cimento”, que é a manifestação primária de Sua Lei, é o amor. É através dele que todos podemos dizer conforme a citação do próprio Paulo, *nele vivemos, e nos movemos, e existimos*.⁸¹

Portanto, já dissemos e não cansamos de repetir, a Vida é essencialmente dinâmica, sermos partícipes dela é o objetivo para o qual fomos criados. Só vamos atingir plenamente esse objetivo através de nosso aperfeiçoamento, e Deus em Sua sabedoria nos criou de tal forma que só colaborando no aperfeiçoamento do outro realizamos o nosso. Não esqueçamos, estamos cimentados uns aos outros através do amor.

Se, como dissemos, cada um, em se tratando de sua evolução, só pode realizar por si, é promovendo o outro, auxiliando sua edificação, que efetivamente fazemos por nós. É este o perfeito equilíbrio entre promoção pessoal e promoção do outro. Assim promovemos autorrealização.

Paulo, Espírito avançado que era, e inspirado pelo Senhor, sabia de tudo isso e buscava orientar seus leitores e discípulos, de uma forma simples, para que estes assim fizessem. Deste modo, descendo ao entendimento de cada um repete Jesus com outras palavras: *exortai-vos uns aos outros*, trocando em miúdos, consolai-vos uns aos outros, animai-vos uns aos outros, aconselhai-vos.

Somente por meio de uma relação construtiva e positiva com os nossos semelhantes é que conseguimos exercitar e consolidar em nós as virtudes libertadoras. Vale, então, uma pausa para reflexão: como temos nos relacionado com as pessoas ao nosso redor? O que temos promovido — a paz, o entendimento ou a polêmica? De que maneira os outros nos percebem? Temos realmente sido significativos na vida daqueles com quem convivemos?

Estas são reflexões que temos de fazer dia a dia. É do resultado delas que vamos avaliar nosso atual momento evolutivo, e como tem sido o nosso ajustamento à lei do progresso, seja na matéria ou em espírito.

O texto prossegue e aprofunda-se: *“Edificai-vos uns aos outros; esta é a Lei.”* Realizemos, portanto, nossas ações sempre com o propósito da edificação. À primeira vista, isso pode parecer simples — e de fato o é — mas encerra uma profundidade maior do que imaginamos.

Que o bem do próximo seja o verdadeiro móvel de nossas atitudes; que encontremos alegria no progresso e na realização positiva daqueles que caminham ao nosso lado. E não tenhamos dúvida: ao agir assim, estaremos em

⁸¹ Atos, 17: 28

comunhão com o Criador, Pai de todas as criaturas. Somente dessa forma construiremos nossa própria felicidade, trilhando um destino mais seguro e pleno de paz.

Jesus no o ensinamento de Seu “Novo Mandamento”, pôde dizer: *como eu vos amei*; Paulo, cômico de suas limitações, e praticando sua humildade, sabedor que Jesus é que deve ser o modelo, não se qualificou a tal prática, e mostrando-se um educador positivo, exortou por sua vez seus leitores, *como também o fazeis*. Essa é também uma grande lição, como temos educado e buscado ensinar aqueles que estão sob nossa responsabilidade, incentivando-os naquilo que já possuem de melhor, ou salientando seus processos negativos e aprofundando-os ainda mais em suas dificuldades?

Somos sim educadores, porque o semeador, que também somos nós, saiu a semear, ensina-nos a parábola⁸², e o mais eficiente instrumento didático da Vida é o amor, portanto, cultivemos este sentimento, pois só com amor educaremos, seguindo assim, o exemplo Daquela que pelo menos deveríamos ter como Guia e Modelo.

E ROGAMO-VOS, IRMÃOS, QUE RECONHEÇAIS OS QUE TRABALHAM ENTRE VÓS, E QUE PRESIDEM SOBRE VÓS NO SENHOR, E VOS ADMOESTAM...

Em sua dinâmica de implantação do Evangelho, Paulo fundava nova comunidade por onde passava; dava assistência aos neófitos durante um período e depois deixava a cidade para fundar em outros locais novos grupos de reflexões acerca do Evangelho.

É certo que tinha seus colaboradores mais próximos, e na ausência do apóstolo eram esses que lideravam as comunidades nascentes.

Se hoje, com todas as facilidades da vida moderna, grandes possibilidades de comunicação, fácil locomoção, temos tanta dificuldade no que diz respeito à divulgação da mensagem do Cristo, podemos no mínimo imaginar quão grandes e muito maiores que as nossas, eram as dificuldades destes primeiros líderes do movimento cristão.

Como Paulo tinha consciência de que esta carta, como outras que escreveria, ia ser lida para todos os irmãos de fé, ele orienta que tenham consideração – *reconheçais* – para com os líderes nascentes – *os que trabalham entre vós*....

O mesmo pensamento deve-se ter hoje em relação aos mensageiros do Senhor que coordenam os trabalhos que participamos. Será que já paramos para pensar no quanto temos sido beneficiados por estudos, orientações, e até mesmo “puxões de orelha” que estes atuais trabalhadores do Evangelho têm feito por nós? Quanto têm eles renunciado em termos de convívio com a família, de momentos de lazer, tudo em benefício do Evangelho e de nosso bem-estar?

Deste modo a orientação de Paulo serve para todos nós ainda hoje, pois reconhecer os que trabalham entre nós em nome do Senhor, é o mínimo que podemos fazer como gratidão a estes bandeirantes do Evangelho.

Quando a posição é inversa, ou seja, quando somos nós os trabalhadores da Seara do Pai Maior, não exijamos, no entanto, reconhecimento e gratidão; saibamos reconhecer as dificuldades de cada um, e se realmente temos consciência de que presidimos no Senhor, sabemos que automaticamente seremos os primeiros beneficiados e alimentados pelo próprio Senhor para quem trabalhamos; pois se um patrão em nosso mundo atual, que pensa em primeiro lugar nos seus próprios lucros está começando a entender que é dando melhores condições de vida a seus empregados que vai mais facilmente conquistar seus objetivos, o que não devemos esperar do Senhor da Vida, que reina através da Misericórdia e do atendimento ao bem comum?

Assim, sejamos eternamente gratos, sem exigir gratidão; sirvamos sempre, sem, todavia, aguardarmos facilidades ou reconhecimento por parte daqueles a quem servimos; estar maduro para a vida, é amar sem exigir ser amado. Se assim o fizermos gravitaremos na órbita do Cristo, e em sã consciência, se for essa a nossa postura, nos faltará algo de que venhamos a necessitar?

O Senhor é meu pastor diz o Salmo, e podemos, captando o pensamento do salmista completar: *Ele não nos faltará...*

...E QUE OS TENHAIS EM GRANDE ESTIMA E AMOR, POR CAUSA DA SUA OBRA. TENDE PAZ

⁸² Cf. Mateus, 13: 3 e seguintes.

ENTRE VÓS.

Paulo aprofunda neste ponto ainda mais, o sentimento que devemos ter para com estes trabalhadores que nos ladeiam em nome do Cristo. Se no verso anterior ele fala em reconhecimento, aqui ele pede estima e amor, isto é, um amor especial. É que podemos ter reconhecimento, ter realmente grande consideração por alguém, mas não nos dispomos a expressar por este alguém sentimento de amor, o que é diferente. Amor exige de nós um apagar dos interesses pessoais em favor do amado, e é isso que Paulo motiva a trabalharmos em favor uns dos outros, pois além de assim retribuirmos o que estes têm feito por nós, agindo deste modo estaremos alcançando a condição de bem-aventurados no Reino do Senhor; e esse é sinceramente o desejo de Paulo e de todos trabalhadores do Evangelho em favor de seus adeptos.

Outro ponto a considerar na colocação do apóstolo é o motivo desse amor; *por causa da sua obra*.

Muitos leitores rápidos do texto evangélico têm interpretado de forma errônea o pensamento de Paulo dizendo ter ele afirmado que o que vale é a fé e não as obras, chegando mesmo a criar um confronto doutrinário entre Paulo e Tiago quando este afirma que a fé sem obras é morta⁸³.

É preciso desconhecer a vida de Paulo para fazer esta afirmativa, Paulo foi um dos discípulos de Jesus que mais se preocupou em ter obras dignas do verdadeiro Cristão, e não só isso, buscou orientar a todos para que assim também fizessem. Quando Paulo fala na justificação pela fé não está desprezando as obras, e comparado com Tiago, os dois estão falando de coisas distintas, e não, se confrontando, como pensam os criadores de polêmicas em torno do Evangelho.

Paulo aqui é claro, tenham reconhecimento, estima e amor a esses líderes cristãos, *por causa da sua obra*, ou seja, por seu trabalho de dedicação e amor à causa do Cristo que outra não é senão a do aperfeiçoamento moral das criaturas.

Estejamos atentos a este ponto, a causa do Cristo não é a sua doutrina, mas as pessoas; essas são as que verdadeiramente importam, a realização de cada um para Deus; a doutrina é simplesmente o instrumento didático para que cada um atinja o desiderato da Vida.

Paulo termina o versículo expressando para todos o sincero desejo de paz e harmonia, e pelo que conhecemos do pensamento deste cristão essencial, a paz que ele deseja não é a do mundo, ociosa, mas a do Cristo, do trabalho constante em favor do Bem. É sem possibilidade a paz íntima para aquele que não tem a consciência tranquila do dever cumprido. E já meditamos cada um de nós na extensão do que é dever para aquele que aderiu às propostas do Carpinteiro de Nazaré?

ROGAMO-VOS TAMBÉM, IRMÃOS, QUE ADMOESTEIS OS DESORDEIROS, CONSOLEIS OS DE POUCO ÂNIMO, SUSTENTEIS OS FRACOS E SEJAIS PACIENTES PARA COM TODOS.

Paulo mostra aqui mais uma vez o que já comentamos, o compromisso que cada um tem de auxiliar na edificação uns dos outros.

Admoestar é *avisar (alguém) da incorreção de seu modo de agir, pensar; advertir (alguém) de maneira branda (sobre alguma coisa); aconselhar*⁸⁴.

Qualquer grupo que formamos com qualquer objetivo que seja, até mesmo para nos dedicarmos ao Evangelho, é diverso; somos pessoas em vários estágios da evolução. Se já existem entre nós os disciplinados há também os *desordeiros*. Como aquele que se propõe a uma reforma através do Evangelho tem no crescimento espiritual o maior objetivo, ele não se importa com a advertência daquele que neste ponto já realizou conquistas, deste modo, quando for o caso, não nos acanhemos, admoestemos os desordeiros, no entanto tenhamos cautela, como vimos, admoestar é *advertir de forma branda*, e para que assim realizemos não podemos abrir mão do afeto na relação com estes a serem advertidos.

Consoleis os de pouco ânimo; havia àquele tempo com há ainda hoje os que se deixam abater com mais facilidade. O Evangelho, principalmente quando interpretado à luz dos conhecimentos espíritas, é altamente

⁸³ Cf. Tiago, 2: 17 e 26

⁸⁴ (HOUAISS, 2001)

consolador, cabendo aos seus profitentes exercerem com estes, *de pouco ânimo*, esta virtude tão desejada entre os cristãos. Estejamos atentos pois este é um dos principais deveres daquele que já assimilou os ensinamentos evangélicos; e se para nós ainda não é uma vivência natural, exercitemos, para que num futuro próximo espontaneamente assim possamos nos comportar com todos.

Sustenteis os fracos; às vezes consolar não basta, é preciso sustentar estes que se encontram em momentos de fraqueza. Se no consolo há o nosso carinho, aqui há também a doação; é a nossa entrega em auxílio destes que necessitam se firmar no bem. É através do exercício cristão que fixaremos em nós as virtudes a serem conquistadas.

Sejais pacientes para com todos; a conquista da paciência para com todos, principalmente para com aqueles que nos são desafetos, fala-nos do domínio que alcançamos sobre as nossas próprias imperfeições e sobre os nossos estados de mais acentuada animalidade. Como este é o principal objetivo de nossa vida, faz-se necessário estarmos atentos para o cultivo desta prática. Paulo como educador da alma, missão essa que recebeu do Cristo, não podia deixar de aconselhar-nos quanto a esta qualidade a ser buscada sempre, por isso nos diz com clareza:

...sejais pacientes para com todos.

VEDE QUE NINGUÉM DÊ A OUTREM MAL POR MAL, MAS SEGUI, SEMPRE, O BEM, TANTO UNS PARA COM OS OUTROS COMO PARA COM TODOS.

Como temos visto Paulo buscava orientar seus seguidores para que estes tivessem um comportamento baseado na moral superior ensinada pelo Cristo.

Aqui ele faz lembrar a todos da recomendação de Jesus grafada por Mateus no capítulo cinco de suas anotações evangélicas:

Ouvistes que foi dito: Olho por olho e dente por dente.

Eu, porém, vos digo que não resistais ao mal; mas, se qualquer te bater na face direita, oferece-lhe também a outra⁸⁵;

Os ensinamentos antigos recomendavam o uso da lei de talião, onde o mal deveria ser retribuído também com o mal.

Jesus mudou a forma de compreender a vida, e ensinou-nos que devemos sempre agir visando o bem de todos, sejam eles quem forem, independentemente de como comportam-se conosco.

Até hoje não compreendemos bem o avanço que significou a presença de Jesus entre nós, visto que, mesmo na atualidade, dois milênios depois de sua vinda, ainda temos a tendência de usar para com todos a lei do olho por olho, dente por dente.

Paulo como bom discípulo que era do Meigo Rabi, buscava orientar os seus a seguirem Jesus: *ninguém dê a outrem mal por mal*, ou seja, não temos nenhuma desculpa para o nosso comportamento vingativo para com as pessoas, pois há dois mil anos já aprendemos o caminho correto para o nosso equilíbrio.

Muitas vezes tentamos justificar o nosso modo de proceder negativo como sendo uma reação ou uma necessidade dos tempos atuais, porém, devemos compreender de uma vez por todas, que o cristão não é aquele que se justifica por não se comportar devidamente, porque o outro anteriormente não foi correto para com ele, mas o que quebra o círculo vicioso do mal pela prática do bem.

Não importa como ajam conosco, nosso dever é ser um representante do Evangelho através do nosso modo de proceder. Esse comportamento não é bom para o outro por sermos pacífico com ele, é antes, importante e precioso para nós mesmos, visto que de acordo com a Lei da Vida temos exclusivamente do que damos.

Assim, nosso dever cristão é seguir *sempre o bem*, e o advérbio usado não deixa dúvida de quando devemos assim agir, é *sempre*; e *tanto uns para com os outros, como para com todos*, isto é, na comunidade, no grupo dos afins, mas também entre os desafetos. É que desde os tempos de Moisés já se pregava o amor ao próximo, porém o conceito de próximo era bem limitado, representava somente os afins. Jesus veio justamente ampliar esta dimensão, próximo são todos os filhos de Deus a quem tivermos a oportunidade de servir e relacionar; e também

⁸⁵ Mateus, 5: 38 e 39

a qualidade do *bem* a fazer se amplia na medida em que reconhecemos todos como filhos do mesmo Pai e consequentemente irmãos de uma mesma família chamada Humanidade.

Este é o resumo da filosofia cristã, como vemos não é nada complexo nem impossível, muito pelo contrário, é, não só desejável, mas também bom se assim procedermos.

REGOZIJAI-VOS SEMPRE. ORAI SEM CESSAR. EM TUDO DAI GRAÇAS, PORQUE ESTA É A VONTADE DE DEUS EM CRISTO JESUS PARA CONVOSCO.

Estes são três versículos curtos, porém de grande importância e profundidade. Nossa análise, como temos feito, será individual.

Regozijai-vos sempre; o apóstolo convida a todos os cristãos a estarem sempre alegres.

É muito comum nos meios onde é cultivada a religião cristã, a ideia de que é preciso sofrer para atingir uma condição mais tranquila em matéria de espiritualidade. Outros acham a vida uma imensa tristeza, todavia, dizem compreender esta necessidade, por isso suportam tudo com resignação.

Não estamos aqui para criticar ninguém que assim pensa, pois é preciso mesmo ser resignado e não se deixar abater com as contrariedades. Todavia não podemos deixar de fazer uma análise mais ampla da questão.

Nosso querido Chico Xavier certa vez foi questionado sobre qual seria o nome de Jesus se reencarnasse entre nós, ao que ele rapidamente respondeu que seria “alegria” o novo nome de nosso incomparável Mestre.

Com isso aprendemos que ser cristão não é estar sempre triste supervalorizando as dificuldades que muitas vezes temos de passar, mas muito pelo contrário administrá-las com alegria por serem elas oportunidades para uma possibilidade evolutiva melhor. Se temos consciência de que o mais importante é o fator espiritual, por que então tanto sofrer com as limitações materiais ou pelas contrariedades que dizem respeito somente ao que é transitório?

Assim, como nos orienta o importante discípulo de Gamaliel, estejamos sempre alegres, pois, se analisarmos bem, há sempre motivos de regozijo em nossa vida.

Orai sem cessar; esta é uma outra prática comum nos meios cristãos, e trata-se de ótima recomendação. Todavia é preciso compreender seu significado sem nenhuma espécie de fanatismo religioso.

Somos, no mundo em que vivemos, um Ser que transita entre as condições de espírito e matéria. Se temos uma constituição física com que nos devemos preocupar, temos também uma natureza espiritual, aliás mais importante, que não podemos esquecer. Portanto, se cultivamos alimento e lazer que agradam aos nossos componentes físico-químicos, por que não pensar também em alimentar e fortalecer nosso Ser espiritual?

A prece, como todo trabalho no bem, é significativo alimento para nossa alma; é um canal direto de comunicação com Deus. Todo sofrimento e dor por que passamos acontecem simplesmente porque nos afastamos de Deus, se temos uma ótima oportunidade de a Ele nos integrarmos novamente, por que duvidarmos e desprezarmos tal oportunidade?

Assim, aprendamos a orar, oremos, e estaremos sempre cultivando a alegria de estar em comunhão com o Criador que é o Pai Eterno de nossas vidas. Esta é uma possibilidade que não depende de ninguém, não custa algo que não podemos pagar, por isso está ao alcance de qualquer um de nós; portanto, não percamos a oportunidade, escutemos com carinho o alerta de quem sabe: *orai sem cessar*.

Em tudo dai graças. É necessário e importante que sejamos agradecidos. O Criador do Universo é nosso Pai, Ele é amor e misericórdia, deste modo, dá-nos do melhor sempre; entendamos isso e seremos plenamente felizes. Tudo o que nos acontece é o melhor que pode acontecer para nós visando a nossa plenitude espiritual, portanto, mudemos a ótica pela qual analisamos os eventos que nos acontecem, pois esta é a *Vontade de Deus*, e a *Vontade de Deus* é sempre o melhor para todos nós.

Isto não é de nenhum modo uma visão conformista, é muito pelo contrário um entendimento tão amplo capaz de nos fazer transformar tudo à nossa volta. E transformar, inclusive, e principalmente, a nós mesmos, jamais pode ser tido como conformismo, é antes uma revolução interior, revolução tão ampla que capaz de transformar todo o Universo.

É deste modo que devemos entender o que Jesus disse, quando nos afirmou que poderíamos realizar tudo o que Ele realizou e muito mais...

O próprio Paulo nos alerta em versículo já por nós analisado (1Ts, 4: 3), que a Vontade de Deus é a nossa santificação. Não esqueçamos, a Vontade de Deus é Lei, e será feita; portanto, não ofereçamos a Ela resistência, deixemos que ela se realize em paz e para o nosso bem.

Ao dizer que *esta é a vontade de Deus em Cristo*, Paulo se expressa da forma mais pura que conseguiu sobre o quanto será o melhor para todos nós. Assim, ajustemo-nos a Ela.

NÃO EXTINGAIS O ESPÍRITO. NÃO DESPREZEIS AS PROFECIAS. EXAMINAI TUDO. RETENDE O BEM. GUARDAI-VOS DE TODA ESPÉCIE DE MAL.

A comunicação com os Espíritos não foi invenção do Espiritismo, ela sempre existiu, em todos os tempos.

Nas primeiras comunidades cristãs tais ocorrências se davam naturalmente, e era comum o que hoje chamamos de prática mediúnica. O livro *Atos dos Apóstolos* narra uma imensidade de fatos desta natureza.

Paulo aborda o assunto com maior profundidade na 1ª carta aos coríntios, mais especificamente nos capítulos de 12 a 14, texto este que é visto por muitos espíritas como sendo o primeiro livro dos médiuns. Mostrando-nos assim, que a mediunidade é uma força natural e deve ser bem aproveitada visando o crescimento pessoal e o esclarecimento de todos.

Esta carta que ora estamos estudando, como já dissemos, é o primeiro documento escrito do Novo Testamento e Paulo aqui já aborda o assunto nos falando da necessidade dos cristãos de se orientarem com os Espíritos.

Não extingais o espírito, diz ele, como a nos ensinar a não renunciar às orientações daqueles que já desencarnaram que por estarem em condições de melhor analisar os fatos podem por isso nos orientarem melhor.

Este era um fato tão comum entre os cristãos, que além de Paulo, como já informamos, ter escrito um outro texto para regulamentar como se daria tal comunicação, o apóstolo João também diria a todos *não acreditais em qualquer espírito, mas examinai os espíritos para ver se são de Deus*.⁸⁶

Ora, se a prática mediúnica não fosse comum entre os primeiros cristãos, por que então estas orientações?

O Espiritismo tem o dever de reviver as primeiras práticas cristãs, aliás esta foi uma das características que Jesus destacou do Consolador:

...ele vos fará lembrar de tudo quanto vos tenho dito.⁸⁷

Deste modo, relembando Paulo, podemos também dizer aos cristãos atuais, *não extingais o Espírito*, pois é extremamente importante para os encarnados como para os desencarnados, este intercâmbio tão produtivo desde que observado o alerta de João, que aliás, é o mesmo de Kardec: *examinai os Espíritos para ver se são de Deus*.

E para que não ficasse qualquer dúvida acerca do que estava falando, o apóstolo da gentilidade continua: *Não desprezeis as profecias*; isto é, não desprezeis o conteúdo da revelação feita pelos Espíritos.

Ele mesmo em várias ocasiões se orientou pelas indicações que vinha do plano espiritual; em Atos, 13: 4 temos:

...enviados, pois, pelo Espírito Santo, eles desceram até Selêucia.

Neste mesmo livro, no capítulo 18 mais uma vez o plano superior orienta o apóstolo:

...uma noite, disse o Senhor a Paulo em visão: não temas, continua a falar e não te cales eu estou contigo, e ninguém porá a mão sobre ti para fazer-te mal...

E outra vez conforme narra Lucas, entre outras tantas, uma noite apareceu-lhe um anjo de Deus que o disse:

*Não temas, Paulo. Tu deves comparecer perante César, e Deus te concede a vida de todos os que navegam contigo...*⁸⁸

Todavia, adiantando o que João diria mais tarde, Paulo orienta: *examinai tudo, retende o bem*, a nos alertar para a necessidade de discernirmos sobre as orientações e sobre as comunicações que recebemos, pois conforme Kardec nos orienta, os Espíritos imperfeitos continuam imperfeitos no outro lado da vida, os maus também fazem

⁸⁶ 1 João, 4: 4

⁸⁷ Cf. João, 14: 26

⁸⁸ Atos, 27: 23 e 24

maldade por lá; portanto, tomemos cuidado também com o que vem dos Espíritos. Entretanto, este não é um cuidado que devemos ter só com a literatura que vem dos Espíritos, mas com tudo de um modo geral; a Doutrina Espírita é uma doutrina que nos orienta a pensar e a usar de lógica e bom senso em tudo, assim, examinemos tudo o que nos é oferecido, retendo somente o que for bom, usando só do que for conveniente ao nosso crescimento espiritual, é o próprio Paulo que em outro momento nos lembra:

*Todas as coisas me são lícitas, mas nem todas as coisas convêm; todas as coisas me são lícitas, mas nem todas as coisas edificam.*⁸⁹

Guardemo-nos assim de qualquer espécie de mal, lembrando sempre que o mal é tudo o que se opõe à Lei de Deus.

O DEUS DA PAZ VOS CONCEDA SANTIDADE PERFEITA; E QUE O VOSSO SER INTEIRO, O ESPÍRITO, A ALMA, E O CORPO SEJAM GUARDADOS DE MODO IRREPREENSÍVEL PARA O DIA DA VINDA DE NOSSO SENHOR JESUS CRISTO.

A vontade de Deus é Lei, ela sempre se cumprirá. Ela promove sempre o Bem, gere com perfeição tudo, para que todo o fim da criação se dê de forma mais produtiva possível. Por isso, Deus o Criador de tudo é o Deus da paz, pois Ele sempre proporciona o melhor para as criaturas visando o ajustamento de cada um para o bem de todos.

Deus concede sempre para todos nós a *santidade* através de oportunidades que visam sempre a nossa evolução, no entanto é preciso que reconheçamos isso a fim de realizarmos este progresso em nós sem gerarmos qualquer tipo de conflito íntimo. A dinâmica da Vida opera sempre para a edificação e reconhecermos isso é um grande ganho, uma prova de amadurecimento.

Paulo nos fala da *santidade perfeita*, significando nossa santificação completa, e para isso ele se refere já àquele tempo ao homem integral que viria mais tarde a ser amplamente estudado pelo espiritismo.

Vosso ser inteiro, é o homem trino detalhado por Kardec como sendo formado por espírito, perispírito e corpo físico, que na linguagem de Paulo era espírito, alma e corpo. Nomenclatura às vezes diferente, mas com o mesmo sentido.

Essa evolução do ser através deste processo que visa sempre a espiritualização de todos, é o caminho e o preparo para que atinjamos a condição de estarmos preparados de forma irrepreensível para *o dia da vinda do Senhor*, com a túnica nupcial de cada um conforme a simbologia usada por Jesus.

Paulo conhece todo esse mecanismo e busca esmiuçar o ensinamento para todos possam compreender.

QUEM VOS CHAMOU É FIEL, E É ELE QUE VAI AGIR.

Ao dizer *quem vos chamou* o apóstolo está se referindo a Deus que é o promotor da evolução e Aquele que por processos inacessíveis ao homem trouxe cada um de nós para o aqui e agora.

Dizendo que Deus é fiel, Paulo não está referindo a uma qualidade de Deus, como se o Criador pudesse não tê-la, pois mais do que ser fiel, Deus é a própria fidelidade na medida em que Ele é Uno, e sua Lei um Princípio Único que não pode ser derogado.

Ao dizer que Deus é fiel, Paulo traduz para nós, Espíritos imperfeitos, esta qualidade da Lei de ser imutável em todas as dimensões pelas quais possa ser entendida.

Esta Lei age na intimidade de todos os acontecimentos levando tudo e todos sempre para frente e para o alto. É esta Perfeição Única que promove a recuperação dos tecidos, a conexão entre as criaturas dos diversos reinos da natureza, a edificação de todos...

O Reino de Deus é a cada instante implementado na intimidade de cada um através desta Lei; tudo o que se corrompeu se regenera e retorna às origens. Esta é a Perfeição do Criador.

⁸⁹ 1 Coríntios, 10: 23

ORAI POR TODOS NÓS IRMÃOS. SAUDAI A TODOS OS IRMÃOS COM ÓSCULO SANTO.

Continuando sua oração e despedida nesta carta, Paulo pede aos irmãos de Tessalônica que orem uns pelos outros. Esta era uma prática constante do cristianismo nascente e que até hoje é praticada pelos seguidores do Mestre nazareno. Paulo sabia do poder da oração e recomendava sempre esta prática por si mesmo, mas acima de tudo de forma altruística, pois sabia que do mesmo modo que aquele que acende da vela é o primeiro a ser iluminado, aquele que ora pelo outro é o que recebe primeiro os seus benefícios. Assim, se ele queria o bem dos discípulos orientava a estes que orassem, pois desta forma entravam em sintonia com o Eterno, sendo, portanto, abençoados.

Do mesmo modo orientava a todos o cultivo do afeto, e a expressão *ósculo santo* diz bem deste sentimento de afetividade que deve ser cultivado entre todos nós os servidores do Evangelho.

É cada vez mais comum, infelizmente, a desarmonia entre os participantes da comunidade espírita por vários motivos. Entretanto, não há justificativa para que assim nos comportemos, pois o exemplo daqueles que nos antecederam na prática cristã, desde os tempos apostólicos iniciais, é o do cultivo da relação amorosa uns com os outros. O mesmo hoje pode ser visto na literatura espírita quando narra para nós o relacionamento entre espíritos instrutores das colônias espirituais.

Assim, tenhamos atenção, pois o próprio Jesus já nos ensinava:

Nisto reconhecerão todos os que sois meus discípulos, se tiverdes amor uns pelos outros.⁹⁰

CONJURO-VOS NO SENHOR, QUE ESTA CARTA SEJA LIDA A TODOS OS IRMÃOS.

Paulo sabia da importância que tinha o texto de suas epístolas para as comunidades cristãs - ele tinha consciência que elas eram inspiradas pelo próprio Cristo -, por isso pedia que elas fossem lidas para outros irmãos. (cf. Colossenses, 4:16; 2 Coríntios, 1: 1).

Estas eram não só lidas como também estudadas, conforme podemos notar na segunda epístola de Pedro.⁹¹

Aqui também temos de levar em conta o seguinte dado histórico: Se hoje com o avanço das possibilidades de comunicação, existe uma grande parte da humanidade que é analfabeta, e outra não menor parte que sabe ler, mas que não consegue entender o que lê, imagine como era nos primeiros séculos de nossa era, quando ainda não existia a imprensa e raríssima era a oportunidade de se ter um livro?

O Cristianismo do primeiro século era por demais inclusivo, assim, criava oportunidades para que todos participassem em condições de aprender e de aproveitar os ensinamentos de alto alcance filosófico. Também no Apocalipse vamos encontrar citações destas leituras públicas:

Bem-aventurado aquele que lê, e os que ouvem as palavras desta profecia...⁹²

Assim, Paulo dissemina a mensagem que lhe era inspirada, ensinando a todos os cristãos de hoje e de todos os tempos a cultivar o estudo do Evangelho de forma pública, seja em números maiores ou menores, conforme a oportunidade.

Nós, espíritas, que temos a consciência de nossa responsabilidade no que se refere ao *ide e pregai o Evangelho...* não podemos renunciar a tal prerrogativa, assim, busquemos não só incentivar, mas também, até mesmo, solicitar que em todas as casas espíritas da Pátria do Evangelho possa ser cultivado o estudo sincero e metódico deste livro que é sem dúvida a carta magna da libertação de todos nós: o Evangelho.

E após estas inspiradas linhas o apóstolo se despede desejando o melhor para todos:

A graça de nosso Senhor Jesus Cristo esteja convosco.

⁹⁰ João 13, 35

⁹¹ 2 Pedro, 3: 15 e 16

⁹² Apocalipse, 1: 3

2ª Epístola aos Tessalonicenses

1

Entre a Tribulação e a Glória do Cristo

*¹ PAULO, e Silvano, e Timóteo, à igreja dos tessalonicenses, em Deus nosso Pai, e no Senhor Jesus Cristo: ² Graça e paz a vós da parte de Deus nosso Pai, e da do Senhor Jesus Cristo. ³ Sempre devemos, irmãos, dar graças a Deus por vós, como é de razão, porque a vossa fé cresce muitíssimo e a caridade de cada um de vós abunda nuns para com os outros, ⁴ De maneira que nós mesmos nos gloriamos de vós nas igrejas de Deus por causa da vossa paciência e fé, e em todas as vossas perseguições e aflições que suportais; ⁵ Prova clara do justo juízo de Deus, para que sejais havidos por dignos do reino de Deus, pelo qual também padeceis; ⁶ Se de fato é justo diante de Deus que dê em paga tribulação aos que vos atribulam, ⁷ E a vós, que sois atribulados, descanso conosco, quando se manifestar o Senhor Jesus desde o céu com os anjos do seu poder, ⁸ Como labareda de fogo, tomando vingança dos que não conhecem a Deus e dos que não obedecem ao evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo; ⁹ Os quais por castigo padecerão eterna perdição, ante a face do Senhor e a glória do seu poder. ¹⁰ Quando vier para ser glorificado nos seus santos, e para se fazer admirável naquele dia em todos os que creem (porquanto o nosso testemunho foi crido entre vós). ¹¹ Pelo que também rogamos sempre por vós, para que o nosso Deus vos faça dignos da sua vocação, e cumpra todo o desejo da sua bondade, e a obra da fé com poder; ¹² Para que o nome de nosso Senhor Jesus Cristo seja em vós glorificado, e vós nele, segundo a graça de nosso Deus e do Senhor Jesus Cristo.*⁹³

PAULO, E SILVANO, E TIMÓTEO, À IGREJA DOS TESSALONICENSES, EM DEUS NOSSO PAI, E NO SENHOR JESUS CRISTO:

Por volta do ano 51 ou 52 da nossa era, Paulo já se encontrava em plena atividade missionária, acompanhado de Silvano (Silas) e Timóteo, seus fiéis colaboradores. A comunidade de Tessalônica, que havia recebido anteriormente sua primeira epístola, necessitava de novos esclarecimentos e de estímulo para perseverar na fé, diante das dificuldades naturais que surgiam com o crescimento da mensagem cristã em meio a um mundo ainda profundamente marcado pelo paganismo e pelas perseguições.

O apóstolo, sempre atento às necessidades espirituais dos irmãos, volta a escrever-lhes, agora em sua segunda carta, reafirmando a comunhão que os une “em Deus nosso Pai e no Senhor Jesus Cristo”. Essa saudação inicial não é apenas uma fórmula de cortesia, mas uma afirmação de identidade espiritual: a verdadeira Igreja não se define por paredes ou cidades, mas pela união dos corações em torno do Pai e do Cristo.

Conforme nos relata Emmanuel, Paulo se encontrava constantemente amparado pela inspiração superior, especialmente pela presença de Estevão, que transmitia os pensamentos do próprio Mestre. Assim, suas epístolas não eram simples cartas humanas, mas mensagens espirituais, fruto de meditação e oração, registradas sob o influxo da inspiração divina. Esse processo, que alguns estudiosos chamam de “círculos de profecia”, guarda semelhança com o que hoje conhecemos como produção mediúnica: o medianeiro se concentra, recebe o pensamento dos Espíritos e o transmite pela palavra ou pela escrita.

É importante notar, já nesta abertura, a distinção clara que Paulo faz entre Deus, o Pai, e Jesus Cristo, o Senhor. Para ele, Deus é o Criador, fonte de toda vida e justiça; Jesus é o Messias, o Filho enviado para conduzir a humanidade ao reencontro com o Pai. Essa diferenciação, que aparece em diversas passagens de suas epístolas, mostra a consciência espiritual do apóstolo e sua fidelidade ao Evangelho.

⁹³ 2ª Tessalonicenses, 1: 1 a 12

Assim, a saudação inicial da 2ª Tessalonicenses nos recorda que toda comunidade cristã deve estar fundamentada em Deus e em Cristo, e que a verdadeira autoridade espiritual nasce da união fraterna, da inspiração divina e da vivência coerente com os ensinamentos do Mestre.

GRAÇA E PAZ A VÓS DA PARTE DE DEUS NOSSO PAI, E DA DO SENHOR JESUS CRISTO.

Na saudação inicial, Paulo deseja aos tessalonicenses dois bens espirituais fundamentais: *a graça e a paz*. Não se trata de simples palavras de cortesia, mas de valores que sustentam a vida cristã.

A *graça* é o amparo constante de Deus, que se manifesta como força invisível sustentando o espírito nas lutas e dificuldades. É o auxílio divino que nos envolve, mesmo quando não o percebemos, e que nos dá condições de prosseguir na jornada evolutiva.

A *paz*, por sua vez, é o fruto da vivência dessa graça. Não é ausência de problemas, mas serenidade interior diante deles. É o estado de equilíbrio que nasce quando confiamos no Pai e seguimos os ensinamentos do Cristo.

Paulo deixa claro que tanto a graça quanto a paz têm origem em Deus, o Pai, e em Jesus, o Senhor. Essa dupla referência reforça a consciência espiritual do apóstolo: Deus é a fonte, Jesus é o mediador que nos conduz à comunhão com o Criador.

Aplicando ao cotidiano, este versículo nos convida a refletir: temos sido portadores de graça e paz em nossas relações? Irradiamos serenidade e confiança, ou espalhamos inquietação e discórdia? A verdadeira vivência cristã se revela quando conseguimos transmitir ao próximo o mesmo amparo e tranquilidade que recebemos de Deus e de Jesus.

Assim, já nesta saudação, Paulo nos ensina que a vida em Cristo começa pela disposição íntima de acolher a graça divina e de cultivar a paz, tornando-nos instrumentos de harmonia e esperança no mundo.

SEMPRE DEVEMOS, IRMÃOS, DAR GRAÇAS A DEUS POR VÓS, COMO É DE RAZÃO, PORQUE A VOSSA FÉ CRESCE MUITÍSSIMO E A CARIDADE DE CADA UM DE VÓS ABUNDA NUNS PARA COM OS OUTROS,

Paulo inicia este trecho com uma expressão de gratidão. Ele reconhece que é “de razão” agradecer a Deus pelos tessalonicenses, pois vê neles sinais claros de progresso espiritual: uma fé que cresce intensamente e uma caridade que se expande entre todos.

A fé, aqui, não é mero assentimento intelectual, mas confiança viva em Deus e em Cristo, que se fortalece diante das provas. Crescer na fé significa amadurecer espiritualmente, aprender a confiar mais, a se entregar com serenidade às mãos do Pai.

A caridade, por sua vez, é o reflexo prático dessa fé. Paulo observa que ela “abunda uns para com os outros”, ou seja, não é restrita, mas se derrama em gestos de fraternidade, solidariedade e amor. A fé que não se traduz em caridade é estéril; mas quando ambas caminham juntas, tornam-se sinais inequívocos da presença do Evangelho no coração.

Emmanuel nos recorda que a gratidão é uma das mais nobres atitudes do espírito. Ao agradecer pelos irmãos, Paulo ensina que devemos reconhecer o bem que floresce ao nosso redor, valorizando os esforços alheios e fortalecendo a união.

Aplicando ao cotidiano, este versículo nos convida a refletir: nossa fé tem crescido diante das dificuldades, ou temos deixado que ela se enfraqueça? Nossa caridade tem abundado, ou ainda se limita a gestos ocasionais? A verdadeira vivência cristã se revela quando conseguimos unir fé e caridade, irradiando confiança e amor em todas as direções.

Assim, Paulo nos mostra que agradecer a Deus pelos irmãos é reconhecer que o Evangelho está vivo, crescendo e se multiplicando em cada coração que se abre ao Cristo.

DE MANEIRA QUE NÓS MESMOS NOS GLORIAMOS DE VÓS NAS IGREJAS DE DEUS POR CAUSA DA VOSSA PACIÊNCIA E FÉ, E EM TODAS AS VOSSAS PERSEGUIÇÕES E AFLIÇÕES QUE SUPORTAIS

Paulo prossegue exaltando a firmeza espiritual dos tessalonicenses. Ele declara que se gloria deles diante das demais igrejas, não por vaidade, mas como testemunho vivo da força da fé e da paciência que demonstravam em meio às perseguições e aflições.

A paciência aqui não deve ser entendida como mera resignação passiva, mas como resistência ativa, sustentada pela confiança em Deus. É a capacidade de suportar as provas sem se deixar abater, mantendo o coração sereno e a mente firme nos propósitos do Evangelho.

A fé, por sua vez, é o alicerce que dá sentido a essa paciência. Sem fé, a dor se torna insuportável; com fé, ela se transforma em oportunidade de crescimento e aprendizado. Paulo reconhece que os tessalonicenses, mesmo perseguidos, não se deixavam vencer pelo desânimo, mas permaneciam fiéis ao Cristo.

Esse testemunho era motivo de alegria para o apóstolo, porque mostrava às outras comunidades que o Evangelho é capaz de sustentar o espírito mesmo nas circunstâncias mais adversas. Emmanuel nos recorda que a fé verdadeira não é medida pela ausência de dificuldades, mas pela coragem de enfrentá-las com confiança e esperança.

Aplicando ao cotidiano, este versículo nos convida a refletir: como temos reagido às nossas próprias aflições? Temos cultivado paciência e fé, ou nos deixamos dominar pela revolta e pelo desânimo? Quando suportamos as provas com serenidade, não apenas fortalecemos a nós mesmos, mas também nos tornamos exemplo e estímulo para os que nos observam.

Assim, Paulo nos ensina que cada dificuldade pode ser transformada em testemunho de fé e paciência, e que nossa postura diante das aflições é capaz de edificar não apenas nossa vida, mas também a vida daqueles que caminham ao nosso lado.

PROVA CLARA DO JUSTO JUÍZO DE DEUS, PARA QUE SEJAIS HAVIDOS POR DIGNOS DO REINO DE DEUS, PELO QUAL TAMBÉM PADECEIS

Paulo prossegue mostrando que as perseguições e aflições suportadas pelos tessalonicenses não eram em vão. Pelo contrário, constituíam uma *prova clara do justo juízo de Deus*. Não se trata de um castigo, mas de uma oportunidade de testemunho e crescimento espiritual.

O “justo juízo” aqui deve ser entendido como a lei divina que rege todas as coisas. Deus, em sua justiça perfeita, permite que cada criatura enfrente experiências necessárias ao seu progresso. As dificuldades não são punições arbitrárias, mas instrumentos de aprendizado e de purificação.

Ao dizer que os irmãos seriam “*havidos por dignos do reino de Deus*”, Paulo indica que a dignidade espiritual não se conquista por palavras ou aparências, mas pela vivência fiel do Evangelho, mesmo em meio às dores. O sofrimento aceito com fé e paciência se transforma em credencial para o Reino, pois revela a adesão sincera às propostas do Cristo.

Emmanuel nos recorda que o padecimento pelo Evangelho é sempre uma bênção, porque nos aproxima do Mestre e nos ensina a valorizar os bens eternos acima das ilusões transitórias do mundo.

Aplicando ao cotidiano, este versículo nos convida a refletir: como temos encarado nossas próprias provas? Vemos nelas apenas castigo ou conseguimos enxergar oportunidades de crescimento e dignificação? Quando aceitamos as lutas com serenidade e confiança, estamos nos tornando dignos do Reino, pois demonstramos que nossa fé não depende de circunstâncias externas, mas da certeza íntima de que Deus é justo e amoroso.

Assim, Paulo nos ensina que o sofrimento pelo Evangelho não é derrota, mas vitória espiritual, pois nos prepara para a verdadeira felicidade no Reino de Deus.

SE DE FATO É JUSTO DIANTE DE DEUS QUE DÊ EM PAGA TRIBULAÇÃO AOS QUE VOS ATRIBULAM

Neste trecho, Paulo reafirma a confiança na justiça divina. Ele mostra que os sofrimentos enfrentados pelos tessalonicenses não passariam despercebidos diante de Deus. Aqueles que promoviam perseguições e atribulações colheriam, em tempo oportuno, experiências equivalentes, como consequência natural de seus próprios atos.

Não se trata de vingança humana, mas da lei de causa e efeito, que é expressão da justiça perfeita do Criador. Cada ação gera uma reação correspondente, e o mal praticado retorna ao seu autor como oportunidade de aprendizado e correção. Assim, os que atribulam os discípulos do Cristo acabam por experimentar tribulações que os conduzirão ao despertar espiritual.

Emmanuel nos ensina que a justiça de Deus é sempre educativa. O Pai não pune por punir; Ele permite que cada espírito vivencie os reflexos de suas escolhas, para que compreenda o valor da fraternidade e da paz. A tribulação que retorna ao perseguidor é recurso pedagógico, destinado a levá-lo ao arrependimento e à renovação.

Na vida prática, este ensinamento nos recorda que, diante das injustiças que sofremos, não devemos alimentar ressentimento ou desejo de vingança. O caminho do discípulo é manter a serenidade e a fé, confiando que Deus vela por todos e que cada um colherá, no tempo certo, aquilo que semeou.

Assim, Paulo nos lembra que a justiça de Deus é perfeita e que, ao invés de nos preocuparmos com a retribuição dos que nos atribulam, devemos cuidar de nossa própria sementeira, cultivando o amor e a caridade, para que colhamos paz e felicidade no futuro.

E A VÓS, QUE SOIS ATRIBULADOS, DESCANSO CONOSCO, QUANDO SE MANIFESTAR O SENHOR JESUS DESDE O CÉU COM OS ANJOS DO SEU PODER,

Paulo dirige palavras de consolo aos irmãos que sofriam perseguições e aflições. Ele assegura que, assim como os apóstolos, também eles haveriam de encontrar descanso e alívio quando o Senhor Jesus se manifestasse em sua glória, acompanhado dos anjos do poder divino.

O “*descanso*” aqui não significa apenas repouso físico, mas sobretudo paz espiritual, libertação das angústias e certeza de vitória sobre o sofrimento. É a promessa de que toda dor é transitória e que, no tempo certo, será substituída pela alegria da comunhão com Cristo.

A manifestação do Senhor “*desde o céu*” simboliza a revelação plena da luz divina, que dissipa as trevas da ignorância e da injustiça. Os “*anjos do seu poder*” representam os mensageiros espirituais que acompanham o Cristo em sua obra de redenção, sustentando os corações fiéis.

Em nossa caminhada diária, este versículo nos recorda que, mesmo em meio às atribulações, podemos encontrar consolo na certeza de que o Cristo vela por nós. O descanso prometido não é apenas futuro, mas já se inicia quando abrimos o coração à confiança e à esperança.

Assim, Paulo nos ensina que o sofrimento não é eterno e que a fidelidade ao Evangelho nos conduz ao repouso verdadeiro, aquele que nasce da presença do Senhor e da assistência dos seus mensageiros celestes.

COMO LABAREDA DE FOGO, TOMANDO VINGANÇA DOS QUE NÃO CONHECEM A DEUS E DOS QUE NÃO OBEDECEM AO EVANGELHO DE NOSSO SENHOR JESUS CRISTO;

Paulo recorre a uma imagem vigorosa: o *fogo*. Na tradição bíblica, o fogo não é apenas destruição, mas também purificação e luz. Ele simboliza a ação da justiça divina que consome as ilusões e revela a verdade.

A “*vingança*” mencionada não deve ser entendida nos moldes humanos, como represália ou ódio. Trata-se da retribuição natural da lei divina: aqueles que se afastam de Deus e rejeitam o Evangelho acabam por colher os frutos de suas próprias escolhas. É a lei de causa e efeito em ação, que devolve ao espírito a experiência necessária para que desperte e se renove.

Na experiência espiritual de cada dia, este versículo nos recorda que ignorar a presença de Deus ou desprezar os ensinamentos do Cristo é construir para si mesmo caminhos de dor. O fogo da justiça não destrói por ódio, mas transforma por necessidade, convidando o espírito a rever atitudes e buscar a luz.

Deste modo, Paulo nos adverte que ninguém permanece indefinidamente fora da lei divina. Mais cedo ou mais tarde, todos seremos chamados a ajustar nossa vida ao Evangelho, não por imposição, mas porque somente nele encontramos paz e plenitude.

OS QUAIS POR CASTIGO PADECERÃO ETERNA PERDIÇÃO, ANTE A FACE DO SENHOR E A GLÓRIA DO SEU PODER.

O Evangelista fala em “eterna perdição”, expressão que, à primeira vista, pode sugerir condenação definitiva. No entanto, é importante compreender o sentido original das palavras. Embora Paulo tenha escrito em grego, sua mentalidade era profundamente moldada pela tradição hebraica.

Na cultura hebraica, o termo traduzido como “eterno” (*olam*) não significa necessariamente “sem fim” no sentido moderno. Muitas vezes, indica algo prolongado, indefinido, ou de longa duração. Um exemplo claro está no **Salmo 23:6**, onde se lê: “habitarei na casa do Senhor por longos dias”. O “eterno” aqui não é infinito, mas um tempo extenso, até que se cumpra o propósito divino.

Assim, a “eterna perdição” pode ser entendida como um estado prolongado de afastamento da luz divina, em que o espírito permanece preso às próprias ilusões e dores, até que desperte para o amor. Não é um castigo imposto por Deus, mas consequência natural da recusa em seguir o caminho do Cristo.

À luz da Doutrina Espírita, temos a mesma compreensão, que não há penas eternas no sentido absoluto. Kardec, em *O Céu e o Inferno*, esclarece que as penas são proporcionais às faltas e têm sempre caráter educativo, permitindo ao espírito reparar e se regenerar.

Estar “ante a face do Senhor e a glória do seu poder” significa que, mesmo em sofrimento, o espírito não está fora da presença divina. A justiça e o amor de Deus envolvem todas as criaturas, e a glória do Senhor é justamente a força que, mais cedo ou mais tarde, atrairá cada filho de volta ao caminho da verdade.

Na jornada íntima de cada um, este versículo nos alerta para a seriedade das escolhas espirituais. Quando nos afastamos do Evangelho, experimentamos a “perdição” em forma de desequilíbrio, dor e vazio interior. Mas quando nos aproximamos da face do Senhor, encontramos a glória de seu poder, que é luz, consolo e renovação.

Em síntese, Paulo nos mostra que não há como fugir da lei divina: o afastamento gera sofrimento, mas o amor de Deus permanece sempre presente, aguardando o momento em que o espírito, cansado da ilusão, decide retornar ao caminho da vida verdadeira.

QUANDO VIER PARA SER GLORIFICADO NOS SEUS SANTOS, E PARA SE FAZER ADMIRÁVEL NAQUELE DIA EM TODOS OS QUE CREEM (PORQUANTO O NOSSO TESTEMUNHO FOI CRIDO ENTRE VÓS).

O missivista descreve aqui a manifestação gloriosa do Cristo. Ele será “*glorificado nos seus santos*”, ou seja, naqueles que se consagraram ao Evangelho e que, pela vivência fiel, se tornaram reflexo da luz divina. A glória do Senhor não é apenas um atributo externo, mas se revela na transformação interior dos que o seguem.

Ser “*admirável naquele dia*” significa que o Cristo será reconhecido em sua verdadeira grandeza, não apenas como figura histórica, mas como presença viva e eterna que conduz a humanidade. Esse reconhecimento não se limita a palavras, mas se concretiza na experiência espiritual dos que creem.

O apóstolo ressalta que o testemunho pregado por ele e seus companheiros foi acolhido pelos tessalonicenses. A fé deles não nasceu de discursos vazios, mas da confiança no testemunho vivo da mensagem. A crença autêntica é sempre fruto de experiência e de entrega.

Na perspectiva da vida espiritual, este versículo nos recorda que a glória do Cristo não se manifesta apenas no futuro distante, mas já se revela hoje em cada coração que se abre à fé. Quando vivemos o Evangelho, tornamo-nos parte dessa glorificação, pois o Senhor é admirado através de nossas atitudes e exemplos.

Joana de Ângelis nos lembra que o Cristo é “modelo e guia da humanidade”, confirmando o Livro dos Espíritos, e que sua presença se torna admirável quando refletida nos gestos de amor, paciência e caridade dos seus seguidores.

Portanto, Paulo nos mostra que o verdadeiro triunfo do Cristo não está apenas em sua manifestação celeste, mas na transformação dos que creem, tornando-se testemunhas vivas de sua glória e de sua luz.

PELO QUE TAMBÉM ROGAMOS SEMPRE POR VÓS, PARA QUE O NOSSO DEUS VOS FAÇA DIGNOS DA SUA VOCAÇÃO, E CUMpra TODO O DESEJO DA SUA BONDADE, E A OBRA DA FÉ COM PODER

O autor revela aqui o coração intercessor do apóstolo. Paulo não apenas pregava, mas também orava constantemente pelos irmãos, pedindo que Deus os tornasse dignos da vocação recebida. A vocação, neste contexto, é o chamado para viver o Evangelho em plenitude, testemunhando a fé em meio às dificuldades.

Ser “*digno da vocação*” não significa perfeição imediata, mas disposição sincera de alinhar a vida aos valores do Cristo. É o esforço diário de transformar intenções em atitudes, desejos em obras, fé em ação.

O evangelista acrescenta que Deus cumpre “*todo o desejo da sua bondade*”. Isso nos mostra que a bondade divina não é apenas atributo, mas força ativa que se realiza na vida dos que se abrem ao amor. A fé, quando vivida com poder, torna-se obra concreta: ilumina, consola, transforma.

Na prática espiritual de cada dia, este versículo nos inspira a cultivar uma fé que se traduz em obras. Não basta crer; é preciso agir. André Luiz nos recorda, que “fé sem obras é como lâmpada sem luz”. O poder da fé se manifesta quando ela se torna serviço, caridade e testemunho.

Deste modo, Paulo nos ensina que a oração pelos irmãos é também um ato de amor, e que a verdadeira dignidade da vocação cristã se revela quando a bondade de Deus encontra espaço em nossas atitudes, tornando a fé uma força viva que transforma o mundo ao nosso redor.

PARA QUE O NOME DE NOSSO SENHOR JESUS CRISTO SEJA EM VÓS GLORIFICADO, E VÓS NELE, SEGUNDO A GRAÇA DE NOSSO DEUS E DO SENHOR JESUS CRISTO.

O evangelista encerra este trecho com uma síntese grandiosa: o objetivo da vida cristã é que o nome de Jesus seja glorificado nos discípulos, e que os discípulos sejam glorificados nele. Trata-se de uma união espiritual profunda, em que o Cristo se manifesta através dos seus seguidores, e estes encontram nele a plenitude da vida.

Ser “*glorificado em vós*” significa que o Senhor é reconhecido não apenas por palavras, mas pela transformação visível da vida dos que creem. Cada gesto de amor, cada ato de caridade, cada demonstração de fé torna-se reflexo da glória do Cristo.

Por outro lado, “*e vós nele*” indica que os discípulos participam dessa glória, não por mérito próprio, mas pela graça divina. É a comunhão perfeita: o Cristo se revela nos seus, e os seus encontram nele a verdadeira dignidade espiritual.

Na vivência cotidiana da fé, este versículo nos inspira a compreender que o Evangelho não é apenas doutrina, mas vida. Quando permitimos que Jesus seja glorificado em nós, nossa existência se torna testemunho vivo de sua presença. Joana de Ângelis lembra que “o Cristo se revela na intimidade de cada ser que o acolhe”, mostrando que a glória do Senhor não é distante, mas próxima, refletida em cada coração que se abre ao amor.

Em conclusão, o missivista nos mostra que a graça de Deus e do Senhor Jesus é o elo que une o céu e a terra: o Cristo é glorificado nos seus discípulos, e estes são elevados nele, formando uma corrente de luz que se expande em benefício da humanidade.

A Vinda de Cristo Como Luz Interior e Evolução Suprema

¹ ORA, irmãos, rogamo-vos, pela vinda de nosso Senhor Jesus Cristo, e pela nossa reunião com ele, ² Que não vos movais facilmente do vosso entendimento, nem vos perturbeis, quer por espírito, quer por palavra, quer por epístola, como de nós, como se o dia de Cristo estivesse já perto. ³ Ninguém de maneira alguma vos engane; porque não será assim sem que antes venha a apostasia, e se manifeste o homem do pecado, o filho da perdição; ⁴ O qual se opõe, e se levanta contra tudo o que se chama Deus, ou se adora; de sorte que se assentará, como Deus, no templo de Deus, querendo parecer Deus, ⁵ Não vos lembrais de que estas coisas vos dizia quando ainda estava convosco? ⁶ E agora vós sabeis o que o detém, para que a seu próprio tempo seja manifestado. ⁷ Porque já o mistério da injustiça opera: somente há um que agora resiste até que do meio seja tirado; ⁸ E então será revelado o iníquo, a quem o Senhor desfará pelo assopro da sua boca, e aniquilará pelo esplendor da sua vinda; ⁹ A esse cuja vinda é segundo a eficácia de Satanás, com todo o poder, e sinais e prodígios de mentira, ¹⁰ E com todo o engano da injustiça para os que perecem, porque não receberam o amor da verdade para se salvarem. ¹¹ E por isso Deus lhes enviará a operação do erro, para que creiam a mentira; ¹² Para que sejam julgados todos os que não creram a verdade, antes tiveram prazer na iniquidade. ¹³ Mas devemos sempre dar graças a Deus por vós, irmãos amados do Senhor, por vos ter Deus elegido desde o princípio para a salvação, em santificação do Espírito, e fé da verdade; ¹⁴ Para o que pelo nosso evangelho vos chamou, para alcançardes a glória de nosso Senhor Jesus Cristo. ¹⁵ Então, irmãos, estai firmes e retende as tradições que vos foram ensinadas, seja por palavra, seja por epístola nossa. ¹⁶ E o próprio nosso Senhor Jesus Cristo nosso Deus e Pai, que nos amou, e em graça nos deu uma eterna consolação e boa esperança, ¹⁷ Console os vossos corações, e vos conforte em toda a boa palavra e obra.⁹⁴

ORA, IRMÃOS, ROGAMO-VOS, PELA VINDA DE NOSSO SENHOR JESUS CRISTO, E PELA NOSSA REUNIÃO COM ELE

O missivista abre este trecho com um apelo fraterno. Ele convida os irmãos a refletirem sobre a vinda do Senhor e sobre a reunião com Ele, que simboliza a comunhão definitiva dos discípulos com o Cristo.

A “vinda de nosso Senhor Jesus Cristo” não deve ser entendida apenas como um evento futuro e espetacular, mas também como a manifestação constante do Cristo na vida de cada um. Ele vem ao coração que se abre à fé, ao lar que se consagra ao amor, à comunidade que se dedica ao serviço. Ele mesmo afirmou: “*Estarei convosco até o final dos tempos*” (Mateus, capítulo 28), mostrando que sua presença não se limita a um momento distante, mas se faz contínua e viva em todos os que o acolhem.

A “reunião com ele” aponta para a união espiritual dos que se mantêm fiéis ao Evangelho. É o encontro íntimo e profundo com o Mestre, que se dá tanto na vida futura quanto já agora, quando nos reunimos em torno de sua mensagem e nos deixamos guiar por sua presença.

Na vivência comunitária da fé, este versículo nos recorda que o verdadeiro sentido da vida cristã é caminhar em direção ao Cristo e permanecer unidos nele. Emmanuel nos lembra que “o Cristo é o centro da vida espiritual”, e que toda reunião em seu nome é oportunidade de crescimento e de luz.

Dessa maneira, o apóstolo nos ensina que a esperança da vinda do Senhor deve fortalecer nossa constância, e que a reunião com Ele é a meta sublime da jornada espiritual, onde cada discípulo encontrará repouso e plenitude.

QUE NÃO VOS MOVAIS FACILMENTE DO VOSSO ENTENDIMENTO, NEM VOS PERTURBEIS,

⁹⁴ 2 Tessalonicenses, 2: 1 a 17

QUER POR ESPÍRITO, QUER POR PALAVRA, QUER POR EPÍSTOLA, COMO DE NÓS, COMO SE O DIA DE CRISTO ESTIVESSE JÁ PERTO.

O apóstolo dos gentios adverte os irmãos contra a precipitação e a perturbação espiritual. Havia, na comunidade, rumores e mensagens que confundiam os fiéis, levando-os a acreditar que o “dia de Cristo” estava iminente. Paulo, com prudência, pede que não se deixem abalar por qualquer espírito, palavra ou carta que se apresentasse como se fosse dele.

Mas o que significa o “*dia de Cristo*”?

Na tradição cristã primitiva, essa expressão se refere ao momento em que o Senhor se manifestaria em plenitude, trazendo justiça e revelando sua glória. Muitos esperavam esse dia como um acontecimento imediato e visível, semelhante a uma intervenção cósmica.

À luz da Doutrina Espírita, podemos compreender o “dia de Cristo” em duas dimensões:

- **Coletiva:** é o tempo em que a humanidade, amadurecida, reconhecerá o Cristo como guia e modelo, vivendo seus ensinamentos em escala mais ampla.
- **Individual:** é o momento íntimo em que cada espírito se encontra com o Cristo, seja pela desencarnação, seja pela transformação interior que o aproxima da luz divina.

Assim, o “dia de Cristo” não é apenas um evento futuro e espetacular, mas também uma realidade espiritual que se manifesta sempre que o coração se abre ao Evangelho. Emmanuel nos recorda que o Cristo vem a cada um no instante em que o discípulo se dispõe a segui-lo. Do mesmo modo, Kardec adverte em O Livro dos Médiuns que é preciso examinar as comunicações espirituais, para que a fé se mantenha lúcida e firme.

Portanto, Paulo alerta os tessalonicenses para que não confundam rumores com a verdadeira preparação espiritual. O “*dia do Senhor*” não deve ser motivo de ansiedade, mas de vigilância e constância, pois ele se revela tanto na história coletiva quanto na vida íntima de cada discípulo.

Na experiência espiritual de cada dia, este versículo nos ensina a discernir. A fé lúcida não se deixa mover por qualquer influência, mas permanece firme no entendimento do Evangelho. Destarte, o missionário incansável nos mostra que o equilíbrio é essencial: não devemos nos perturbar com rumores ou interpretações apressadas, mas manter o coração sereno, confiando que o “dia de Cristo” se manifesta no tempo certo e, sobretudo, na transformação íntima de cada discípulo.

NINGUÉM DE MANEIRA ALGUMA VOS ENGANE; PORQUE NÃO SERÁ ASSIM SEM QUE ANTES VENHA A APOSTASIA, E SE MANIFESTE O HOMEM DO PECADO, O FILHO DA PERDIÇÃO

Nosso autor prossegue sua advertência, chamando os irmãos à vigilância contra o engano. Ele afirma que o “dia de Cristo” não virá sem que antes se manifeste a apostasia — isto é, o afastamento da fé — e surja o “*homem do pecado*”, também chamado “*filho da perdição*”.

A *apostasia* representa a deserção espiritual, quando corações que antes se mostravam fiéis se deixam seduzir por ilusões, interesses materiais ou falsas doutrinas. É o enfraquecimento da confiança no Evangelho, substituído por crenças passageiras ou por comodidades que afastam da verdade.

O “*homem do pecado*” pode ser entendido como símbolo das forças contrárias ao Cristo, personificação da rebeldia contra a lei divina. Mais do que uma figura única, ele representa o espírito humano quando se deixa dominar pelo orgulho, pelo egoísmo e pela vaidade, tornando-se “filho da perdição” porque se afasta da luz e caminha em direção às trevas da ignorância.

Na leitura espírita, esse versículo nos recorda que o progresso espiritual da humanidade não se dá sem lutas. Antes da plena manifestação do Cristo nos corações, é natural que surjam crises, quedas e desvios. Emmanuel observa que “a sombra se agita quando a luz se aproxima”, mostrando que a resistência ao Evangelho é parte do processo de renovação.

Na prática espiritual de cada dia, o ensinamento nos inspira a cultivar discernimento e firmeza. Não devemos nos deixar enganar por aparências ou por mensagens que desviem do amor e da caridade. O verdadeiro discípulo reconhece que o “homem do pecado” não está apenas fora, mas pode surgir dentro de si, sempre que o egoísmo prevalece sobre o espírito de serviço.

Assim, o missionário incansável nos mostra que a preparação para o “dia de Cristo” exige vigilância constante: não basta esperar, é preciso permanecer fiel, resistindo às forças da apostasia e vencendo o pecado pela prática do bem.

Podemos dizer que Paulo, ao falar da apostasia e do “homem do pecado”, está em sintonia com a advertência de Jesus: o grande desafio da humanidade é manter a fé viva em meio às dificuldades⁹⁵, às ilusões e às forças contrárias ao Evangelho. O “dia de Cristo” não é apenas um marco futuro, mas o momento em que cada coração será examinado quanto à sua fidelidade.

O QUAL SE OPÕE, E SE LEVANTA CONTRA TUDO O QUE SE CHAMA DEUS, OU SE ADORA; DE SORTE QUE SE ASSENTARÁ, COMO DEUS, NO TEMPLO DE DEUS, QUERENDO PARECER DEUS

Aqui, o apóstolo dos gentios descreve de forma mais detalhada o “homem do pecado”. Ele não apenas se afasta da fé, mas se coloca em oposição direta ao que é divino. Sua atitude é de arrogância e usurpação: deseja ocupar o lugar de Deus, sentar-se em Seu templo e receber a adoração que não lhe pertence.

Esse retrato é simbólico e profundo. O “homem do pecado” não deve ser visto apenas como uma figura histórica ou mítica, mas como a expressão do espírito humano quando se deixa dominar pelo orgulho e pela vaidade. É o ego que se exalta, querendo parecer absoluto, esquecendo que toda autoridade verdadeira vem de Deus.

Na leitura espírita, podemos compreender esse versículo como um alerta contra a idolatria do próprio ego. Quando o ser humano se coloca no centro, buscando poder e glória pessoais, ele se “assenta no templo de Deus” — isto é, ocupa indevidamente o espaço que deveria ser consagrado ao amor e à humildade. Emmanuel observa que “o orgulho é a raiz de muitas quedas”, e aqui vemos sua manifestação máxima: o desejo de substituir o Criador.

Na prática espiritual de cada dia, esse ensinamento nos convida a examinar nossas próprias atitudes. Quantas vezes, em pequenas coisas, queremos parecer mais do que somos, buscando reconhecimento ou domínio? O “homem do pecado” pode surgir dentro de nós sempre que o egoísmo tenta ocupar o lugar da fé, da caridade e da humildade.

Assim, o missionário incansável nos mostra que a verdadeira preparação para o “dia de Cristo” exige vigilância contra a tentação da vaidade. O discípulo fiel não se exalta, mas se humilha diante de Deus, reconhecendo que toda luz vem do Senhor e que o templo verdadeiro é o coração consagrado ao amor.

NÃO VOS LEMBRAIS DE QUE ESTAS COISAS VOS DIZIA QUANDO AINDA ESTAVA CONVOSCO?

⁹⁵ Cf. Lucas 18:8: “Quando vier o Filho do Homem, porventura achará fé na terra?”.

Aqui, o autor recorda aos tessalonicenses que não se trata de uma novidade. Ele já havia falado sobre esses temas quando esteve pessoalmente com eles. A advertência sobre a apostasia e sobre o “homem do pecado” não é uma revelação inesperada, mas parte da instrução contínua que Paulo transmitia às comunidades.

Esse versículo mostra a importância da memória espiritual. Muitas vezes, os discípulos precisam ser lembrados daquilo que já ouviram, porque a fé não se fortalece apenas com novas mensagens, mas também com a repetição e a consolidação dos ensinamentos.

Na leitura espírita, podemos compreender que o progresso espiritual exige constância. Não basta ouvir uma vez; é necessário relembra, meditar e aplicar. Emmanuel observa que “a palavra do Cristo é sempre atual”, e por isso deve ser constantemente retomada para que não se perca em meio às distrações do mundo.

Na prática diária, este versículo nos inspira a valorizar a recordação dos ensinamentos. Ler novamente, refletir, visitar as lições já conhecidas é parte essencial da caminhada. O discípulo fiel não busca apenas novidades, mas se aprofunda no que já recebeu, tornando o Evangelho cada vez mais vivo em sua consciência.

Assim, o missionário incansável nos mostra que a fé se alimenta da memória e da perseverança: recordar é também reviver, e reviver é fortalecer o espírito para enfrentar as provas da jornada.

E AGORA VÓS SABEIS O QUE O DETÉM, PARA QUE A SEU PRÓPRIO TEMPO SEJA MANIFESTADO.

Neste ponto, Paulo lembra aos tessalonicenses que eles já tinham conhecimento sobre aquilo que impede a plena manifestação do “homem do pecado”. Há uma força ou circunstância que o retém, de modo que sua revelação só ocorrerá no tempo determinado.

Esse detalhe é importante: o mal não se manifesta fora do controle da Providência. Existe um limite estabelecido pela lei divina, que regula o avanço das sombras e reserva cada acontecimento para o momento oportuno.

Podemos entender esse “detentor” como os recursos da própria espiritualidade superior que equilibram o progresso humano, ou simplesmente a própria Lei divina que governa todas as coisas. O mal só avança até onde é permitido, porque sua ação também serve como instrumento educativo. Emmanuel observa que “a sombra não domina além do que a luz consente”, mostrando que mesmo as forças contrárias ao Evangelho estão subordinadas ao plano maior da evolução.

No dia a dia, este versículo nos inspira a confiar na sabedoria divina. Quando vemos o mal se agitar, precisamos lembrar que há limites invisíveis que o contêm. O discípulo fiel não se desespera, mas permanece vigilante, sabendo que tudo se manifesta “a seu próprio tempo” e que nenhuma força contrária ao Cristo pode prevalecer indefinidamente.

Assim, o missionário incansável nos mostra que a história espiritual da humanidade é conduzida com equilíbrio: o mal pode se revelar, mas sempre dentro de um propósito educativo, e o bem permanece como destino final.

PORQUE JÁ O MISTÉRIO DA INJUSTIÇA OPERA: SOMENTE HÁ UM QUE AGORA RESISTE ATÉ QUE DO MEIO SEJA TIRADO;

Neste versículo, Paulo afirma que o *mistério da injustiça* já estava em ação no mundo. Ou seja, mesmo em sua época, as forças contrárias ao Evangelho já se manifestavam de forma silenciosa e persistente, preparando terreno para a revelação mais ampla do “homem do pecado”.

A expressão “mistério da injustiça” sugere algo oculto, uma trama invisível que se desenvolve nos bastidores da vida humana. É o trabalho das sombras, que se infiltra nas consciências e nas estruturas sociais, promovendo o afastamento da verdade e da justiça.

Ao mesmo tempo, Paulo lembra que há “um que resiste”, uma força de contenção que impede a plena manifestação da injustiça até que seja retirada. Esse “resistente” pode ser entendido como a ação da Providência, a presença da fé viva nas comunidades, ou mesmo a influência dos espíritos superiores que equilibram o avanço das trevas.

Na leitura espírita, esse versículo nos mostra que o mal não é absoluto. Ele já opera, mas encontra resistência constante na luz. Emmanuel observa que “o bem é a força silenciosa que sustenta o mundo”, e aqui vemos que, mesmo diante da injustiça, há sempre uma barreira espiritual que limita sua expansão.

No cotidiano, o ensinamento nos inspira a perceber que o “mistério da injustiça” também pode operar em nós, quando permitimos que o egoísmo e a vaidade se insinuem de forma discreta. Mas há igualmente uma força que resiste: a consciência desperta, a fé, a oração e a prática do bem. Cabe ao discípulo fortalecer essa resistência interior, para que a injustiça não encontre espaço em seu coração.

Assim, o missionário incansável nos mostra que, embora a sombra já esteja presente no mundo, ela não é soberana. O Cristo permanece como força maior, e o discípulo fiel é chamado a ser parte dessa resistência, sustentando a luz até que o tempo da plena revelação se cumpra.

E ENTÃO SERÁ REVELADO O INÍQUO, A QUEM O SENHOR DESFARÁ PELO ASSOPRO DA SUA BOCA, E ANIQUILARÁ PELO ESPLendor DA SUA VINDA

Neste versículo, Paulo apresenta a vitória definitiva do Cristo sobre o mal. O “*iníquo*” — símbolo das forças contrárias ao Evangelho — será revelado, isto é, sua presença não ficará oculta, mas se manifestará claramente. Contudo, essa revelação não significa triunfo da sombra, pois o Senhor o desfará com o “assopro da sua boca” e o aniquilará com o “esplendor da sua vinda”.

O *assopro da boca* é uma imagem poderosa: representa a força da palavra divina, o sopro criador que dissolve a mentira e a injustiça, trata-se da Lei de Deus em ação. O *esplendor da vinda* simboliza a luz do Cristo, cuja presença basta para dissipar as trevas. Não é pela violência, mas pela manifestação da verdade e da luz que o mal é vencido.

Esse versículo nos mostra que o mal pode se agitar e até se revelar, mas não tem poder diante da luz do Cristo. Emmanuel observa que “a sombra não resiste ao sol da verdade”, e aqui vemos que o *iníquo* é aniquilado não por armas humanas, mas pela irradiação da presença divina.

Este ensinamento nos inspira a confiar na força da palavra do Evangelho e na luz do Cristo. Quando enfrentamos situações de injustiça ou de trevas íntimas, precisamos lembrar que o sopro da oração, da fé e da verdade é capaz de desfazer o mal. O discípulo fiel não combate com ódio, mas com a firmeza da palavra e com o brilho da caridade.

Assim, o missionário incansável nos mostra que o destino do mal é a dissolução diante da luz. O Cristo permanece como força soberana, e o discípulo é chamado a ser portador desse sopro e desse esplendor, irradiando a verdade e o amor que vencem toda iniquidade.

A ESSE CUJA VINDA É SEGUNDO A EFICÁCIA DE SATANÁS, COM TODO O PODER, E SINAIS E PRODÍGIOS DE MENTIRA

Paulo descreve aqui a manifestação do *iníquo* como revestida de aparente força. Sua atuação se dá “segundo a eficácia de Satanás”, ou seja, sustentada pelas energias da ilusão e da rebeldia contra Deus. Ele se apresenta com sinais e prodígios, mas não de verdade: são *prodígios de mentira*, destinados a enganar e seduzir os corações menos vigilantes.

Essa advertência revela que nem tudo o que parece extraordinário procede da luz. O inimigo da verdade pode se valer de aparências, fenômenos impressionantes e discursos sedutores para confundir. O perigo não está apenas na violência aberta, mas também na falsificação do sagrado.

Sob a ótica espírita, esses “sinais de mentira” podem ser compreendidos como manifestações que, embora chamem a atenção, não conduzem ao bem. Kardec já advertia em *O Livro dos Médiuns* que é preciso examinar cuidadosamente os fenômenos e comunicações, pois muitos espíritos inferiores se aproveitam da credulidade humana para espalhar enganos. Emmanuel acrescenta que “a sombra também pode imitar a luz”, mas nunca consegue sustentar a verdade por muito tempo. O próprio Jesus também alertou: *“Porque surgirão falsos cristos e falsos profetas, e farão tão grandes sinais e prodígios que, se possível fora, enganariam até os escolhidos”* (Mateus 24:24).

No campo da experiência pessoal, este versículo nos convida à prudência e discernimento. Nem toda mensagem, nem todo poder aparente é expressão do Cristo. O verdadeiro critério está nos frutos: se promovem humildade, amor e paz, vêm da luz; se geram orgulho, divisão ou vaidade, são sinais de mentira.

Assim, Paulo nos mostra que o autêntico poder não está nos prodígios exteriores, mas na transformação interior. O mal pode se disfarçar de luz, mas o Evangelho nos dá instrumentos para reconhecer a verdade: simplicidade, caridade e serenidade.

E COM TODO O ENGANO DA INJUSTIÇA PARA OS QUE PERECEM, PORQUE NÃO RECEBERAM O AMOR DA VERDADE PARA SE SALVAREM.

Paulo prossegue mostrando que o iníquo não age sozinho: sua força está no engano da injustiça, que seduz aqueles que não acolhem o amor da verdade. O problema não é apenas a mentira em si, mas a disposição interior de rejeitar a verdade que poderia salvar.

O apóstolo destaca que a perdição não vem por falta de acesso à luz, mas pela recusa em recebê-la. O Evangelho é oferecido, mas muitos preferem permanecer nas ilusões, nos interesses imediatos ou nas comodidades que afastam da fé.

Através da doutrina espírita esse versículo nos lembra que a salvação não é imposta: ela depende da abertura do coração ao amor da verdade. Kardec observa que “a fé verdadeira é aquela que enfrenta a razão em todas as épocas da humanidade”, mostrando que o engano só prospera quando há resistência ao esclarecimento. Emmanuel acrescenta que “a verdade é amor em movimento”, e quem a rejeita fecha-se ao socorro divino.

No campo da vivência pessoal, o ensinamento nos alerta para o risco da indiferença espiritual. Não basta conhecer a verdade, é preciso amar a verdade, isto é, acolhê-la com sinceridade e deixá-la transformar a vida. O discípulo que se limita a ouvir sem praticar permanece vulnerável ao engano da injustiça.

Assim, Paulo nos mostra que a perdição não é destino inevitável, mas consequência da recusa ao amor da verdade. O Cristo oferece luz e salvação, mas cabe a cada um abrir-se para recebê-la e deixar-se conduzir por ela.

11 E POR ISSO DEUS LHES ENVIARÁ A OPERAÇÃO DO ERRO, PARA QUE CREIAM A MENTIRA;

Aqui Paulo mostra a consequência espiritual da recusa à verdade. Não se trata de Deus desejar a perdição, mas de permitir que o livre-arbítrio siga seu curso. Quem rejeita a luz abre espaço para a sombra, e quem despreza a verdade acaba envolvido pela mentira.

A expressão “*operação do erro*” indica que o engano passa a atuar como resultado inevitável da escolha humana. É a lei de causa e efeito em ação: quando o coração fecha-se ao amor da verdade, naturalmente se torna receptivo às ilusões.

Sob a perspectiva espírita, compreendemos que Deus não pune arbitrariamente, mas permite que o espírito experimente as consequências de suas próprias decisões. Kardec observa que “a ignorância é mãe de todos os males”, e Emmanuel acrescenta que “quem se afasta da verdade encontra a ilusão como mestra”. Assim, a operação do erro é uma etapa educativa, destinada a despertar o espírito para o valor da verdade.

Na vivência prática, este versículo nos alerta para o risco da indiferença espiritual. Quem rejeita o Evangelho acaba acreditando em falsas promessas, vaidades e poderes passageiros. O discípulo atento deve cultivar discernimento e humildade, para não se deixar seduzir por aparências.

Assim, Paulo ensina que a mentira só domina quando o coração se recusa a acolher a verdade. O Cristo permanece como luz permanente, mas cabe a cada um abrir-se para recebê-la e não cair na operação do erro.

PARA QUE SEJAM JULGADOS TODOS OS QUE NÃO CRERAM A VERDADE, ANTES TIVERAM PRAZER NA INIQUIDADE.

Paulo conclui esta parte mostrando o destino daqueles que rejeitam a verdade e preferem a iniquidade. O julgamento aqui não é apenas uma sentença futura, mas a consequência natural das escolhas presentes. Quem se afasta da luz e encontra satisfação na injustiça acaba colhendo os frutos amargos de sua própria sementeira.

A advertência é clara: não basta apenas não crer; o problema se agrava quando há prazer na iniquidade, isto é, quando o coração se compraz no erro e o defende como se fosse caminho legítimo. Essa postura revela não apenas ignorância, mas resistência consciente ao bem.

Compreendemos que o julgamento é a própria lei de causa e efeito em ação. Kardec explica que cada espírito é responsável por suas escolhas, e André Luiz observa que “ninguém escapa da colheita do que semeia”. Assim, o prazer na iniquidade não é apenas uma falha moral, mas uma semente que germinará em provas e expiações futuras.

Na vivência prática, este versículo nos convida à reflexão sobre nossas inclinações íntimas. Não basta evitar o mal exterior; é preciso vigiar o coração para não sentir prazer naquilo que fere a lei divina. O discípulo atento busca alegria no bem, satisfação na caridade e paz na verdade, pois sabe que o julgamento não é imposição arbitrária, mas resultado das próprias escolhas.

Assim, Paulo mostra que a verdadeira liberdade está em amar a verdade. Quem se compraz na iniquidade se aprisiona ao erro; quem acolhe a verdade encontra salvação e vida abundante.

13 MAS DEVEMOS SEMPRE DAR GRAÇAS A DEUS POR VÓS, IRMÃOS AMADOS DO SENHOR, POR VOS TER DEUS ELEGIDO DESDE O PRINCÍPIO PARA A SALVAÇÃO, EM SANTIFICAÇÃO DO ESPÍRITO, E FÉ DA VERDADE;

Depois de advertir sobre os perigos da mentira e da iniquidade, Paulo muda o tom e se volta para a gratidão. Ele reconhece nos tessalonicenses a obra de Deus, que os escolheu desde o princípio para a salvação. Essa eleição não é privilégio arbitrário, mas fruto da santificação do Espírito e da fé na verdade.

O apóstolo mostra que, enquanto alguns rejeitam a verdade e se entregam ao erro, há aqueles que se deixam conduzir pelo Espírito e permanecem firmes na fé. A salvação, portanto, não é apenas promessa futura, mas já se manifesta no processo de santificação que transforma a vida.

Esta “eleição” é a oportunidade que cada espírito recebe de se aproximar da luz. Deus não escolhe uns para salvar e outros para perder; todos são chamados, mas cada um responde conforme sua disposição íntima. Os Espíritos Superiores observam que “a santificação é obra paciente do Espírito em nós”, e aqui vemos que Paulo valoriza justamente esse esforço contínuo de purificação e fidelidade à verdade.

Na vivência prática, este versículo nos inspira a cultivar gratidão e confiança. O discípulo que se sente amado pelo Senhor reconhece que sua caminhada é sustentada pela ação do Espírito e pela fé que o liga à verdade. A salvação não é apenas um destino, mas um caminho diário de santificação, em que cada escolha pelo bem confirma a eleição divina.

Assim, Paulo nos lembra que, diante das forças da mentira e da injustiça, há sempre um motivo para dar graças: Deus nos chama desde o princípio e nos sustenta na santificação e na fé.

14 PARA O QUE PELO NOSSO EVANGELHO VOS CHAMOU, PARA ALCANÇARDES A GLÓRIA DE NOSSO SENHOR JESUS CRISTO.

Paulo continua sua mensagem lembrando que o chamado não vem de homens, mas do próprio Deus, por meio do Evangelho. O objetivo desse chamado é grandioso: conduzir os discípulos à glória de Cristo, que em outras palavras é a evolução máxima possível.

Aqui vemos que o Evangelho não é apenas instrução ou consolo, mas convocação divina. Ele nos chama para uma vida transformada, que culmina na participação da glória do Senhor. Essa glória não é apenas futura, mas já se manifesta na medida em que o discípulo se deixa santificar pelo Espírito e viver na fé da verdade.

Este chamado é universal: todos os espíritos são convidados a caminhar rumo à luz. A glória de Cristo é o destino da humanidade, e o Evangelho é o roteiro que nos orienta nessa jornada. Emmanuel observa que “o Cristo é a meta sublime da evolução”, e aqui Paulo confirma que o chamado é justamente para alcançar essa plenitude.

Na experiência cotidiana, este versículo nos inspira a perceber o Evangelho como voz que nos convoca. Não é apenas leitura ou tradição, mas chamado vivo que nos direciona para a glória do Cristo. O discípulo que atende a esse chamado encontra força para vencer as dificuldades e esperança para prosseguir, sabendo que sua meta é participar da luz eterna.

Assim, Paulo nos lembra que o Evangelho é mais que mensagem: é convite divino para que cada coração alcance a glória de nosso Senhor Jesus Cristo.

ENTÃO, IRMÃOS, ESTAI FIRMES E RETENDE AS TRADIÇÕES QUE VOS FORAM ENSINADAS, SEJA POR PALAVRA, SEJA POR EPÍSTOLA NOSSA.

Depois de falar sobre o chamado à glória de Cristo, Paulo exorta os irmãos à perseverança. Ele pede que permaneçam firmes e guardem as tradições recebidas, tanto pela pregação oral quanto pelas cartas enviadas. Aqui, “tradições” não significam costumes humanos, mas o conjunto de ensinamentos apostólicos que formam a base da fé cristã.

O apóstolo sabe que o engano e a mentira rondam os corações, mas a segurança está em conservar fielmente o que foi transmitido. A firmeza não é rigidez, mas constância: permanecer na verdade mesmo diante das pressões externas e das tentações internas.

Compreendemos assim, que essa recomendação é um convite à fidelidade doutrinária. Kardec insistia na importância de examinar e preservar os princípios fundamentais do Espiritismo, evitando desvios e deturpações. Emmanuel acrescenta que “a perseverança é a base da vitória espiritual”, e aqui vemos Paulo reforçando que a salvação se consolida na constância da fé e na prática do bem.

Na vivência cotidiana, este versículo nos inspira a cultivar memória e disciplina espiritual. O discípulo não deve se deixar levar por novidades enganosas ou por modismos que afastam da essência do Evangelho. Guardar as tradições é manter viva a chama da verdade, transmitida de geração em geração, e aplicá-la com fidelidade na vida diária.

Assim, Paulo nos lembra que a firmeza na fé e a guarda dos ensinamentos recebidos são o alicerce da caminhada cristã. Quem permanece constante na verdade encontra segurança diante das ilusões e paz diante das provações.

E O PRÓPRIO NOSSO SENHOR JESUS CRISTO NOSSO DEUS E PAI, QUE NOS AMOU, E EM GRAÇA NOS DEU UMA ETERNA CONSOLAÇÃO E BOA ESPERANÇA,

Neste versículo, Paulo eleva o coração em reconhecimento ao amor divino. Ele une Cristo e o Pai em uma mesma invocação, mostrando que ambos são fonte de graça, consolação e esperança. O apóstolo destaca três elementos fundamentais⁹⁶:

⁹⁶ No texto grego original, Paulo distingue claramente duas figuras: “o Senhor nosso Jesus Cristo” e “Deus, nosso Pai”. A conjunção *kai* (“e”) une os dois sujeitos, mas não os confunde. Algumas traduções em português podem dar a impressão

O amor de Deus: origem de toda a obra redentora.

A eterna consolação: não apenas alívio passageiro, mas conforto duradouro que sustenta o espírito em todas as circunstâncias.

A boa esperança: certeza de que o futuro está nas mãos de Deus e que a vitória da luz é garantida.

Sob a perspectiva espírita, compreendemos que essa consolação eterna é a certeza da imortalidade da alma e da justiça divina. Kardec afirma que “a fé na vida futura é a verdadeira consolação”, e Emmanuel acrescenta que “a esperança é o clarão que nos guia na noite da provação”. Assim, Paulo nos lembra que a graça divina não apenas conforta, mas também projeta o espírito para o futuro luminoso.

Na vivência cotidiana, este versículo nos inspira a cultivar confiança e serenidade. O discípulo que se sente amado por Deus encontra força para enfrentar as dificuldades, pois sabe que a consolação é eterna e a esperança é boa. Não se trata de otimismo ingênuo, mas da certeza de que o amor divino sustenta cada passo da jornada.

Assim, Paulo nos mostra que a fé não é apenas crença, mas experiência viva de amor, consolação e esperança que se renovam em Cristo e no Pai.

CONSOLE OS VOSSOS CORAÇÕES, E VOS CONFORTE EM TODA A BOA PALAVRA E OBRA.

Paulo encerra este trecho com uma súplica de ternura e esperança. Depois de advertir contra o engano e exortar à firmeza, ele ora para que os corações dos irmãos sejam consolados e fortalecidos. O consolo aqui não é apenas emocional, mas espiritual: é a certeza de que Deus e Cristo sustentam os fiéis em meio às lutas.

O apóstolo também pede que essa força se manifeste em toda boa palavra e obra. Ou seja, não basta sentir-se confortado interiormente; é preciso que o consolo divino se traduza em palavras edificantes e ações benéficas. A fé verdadeira se expressa na prática do bem e na coerência entre o que se fala e o que se faz.

Sob a ótica espírita, compreendemos que esse consolo é a paz íntima que nasce da confiança em Deus e na imortalidade da alma. Kardec observa que “a fé robusta dá calma nas maiores dores”, e Os Espíritos acrescentam que “o coração consolado é aquele que se entrega ao serviço do bem”. Assim, Paulo nos lembra que o conforto espiritual não é passivo, mas ativo: fortalece para agir e falar em sintonia com a verdade.

Na vivência prática, este versículo nos inspira a buscar equilíbrio entre interior e exterior. O discípulo que recebe consolo divino deve irradiar essa paz em palavras de bondade e obras de caridade, tornando-se instrumento vivo da esperança que Paulo anuncia.

de que Jesus é chamado de Deus, mas a estrutura grega mostra que Paulo fala de Cristo como Senhor e de Deus como Pai, cada qual com sua função no ato de amar e consolar.

Texto grego interlinear (2 Tessalonicenses 2:16)

Αὐτὸς δὲ ὁ κύριος ἡμῶν Ἰησοῦς Χριστὸς καὶ θεὸς ὁ πατὴρ ἡμῶν *Autòs dè ho kýrios hemôn Iesoûs Christòs kai theòs ho patèr hemôn*

Tradução literal: “E o próprio Senhor nosso Jesus Cristo e Deus, nosso Pai...”

Observações importantes

- **Dois sujeitos distintos:**
 - *ὁ κύριος ἡμῶν Ἰησοῦς Χριστός* = “o Senhor nosso Jesus Cristo”
 - *θεὸς ὁ πατὴρ ἡμῶν* = “Deus, nosso Pai”
- A conjunção *καὶ* (“e”) une as duas expressões, mas não as confunde.
- O verbo e os complementos (“que nos amou e nos deu eterna consolação e boa esperança”) se aplicam a ambos, como uma ação conjunta. (NEPE Brasil. *Texto Interlinear do Novo Testamento Grego-Português*. Disponível em: <https://search.nepebrasil.org/interlinear>. Acesso em: 09 dez. 2025.)

Assim, o capítulo se encerra com uma nota de confiança: diante das mentiras e da iniquidade, o consolo e a força de Deus sustentam os corações e os confirmam em toda boa palavra e obra.

Entre o Trabalho e a Paz do Senhor

¹ No demais, irmãos, rogai por nós, para que a palavra do Senhor tenha livre curso e seja glorificada, como também o é entre vós; ² E para que sejamos livres de homens dissolutos e maus; porque a fé não é de todos. ³ Mas fiel é o Senhor, que vos confortará, e guardará do maligno. ⁴ E confiamos de vós no Senhor que não só fazeis como fareis o que vos mandamos. ⁵ Ora o Senhor encaminhe os vossos corações na caridade de Deus, e na paciência de Cristo. ⁶ Mandamo-vos, porém, irmãos, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo, que vos aparteis de todo o irmão que andar desordenadamente, e não segundo a tradição que de nós recebeu. ⁷ Porque vós mesmos sabeis como convém imitar-nos, pois que não nos havemos desordenadamente entre vós, ⁸ Nem de graça comemos o pão de homem algum, mas com trabalho e fadiga, trabalhando noite e dia, para não sermos pesados a nenhum de vós. ⁹ Não porque não tivéssemos autoridade, mas para vos dar em nós mesmos exemplo, para nos imitardes. ¹⁰ Porque, quando ainda estávamos convosco, vos mandamos isto, que, se alguém não quiser trabalhar, não coma também. ¹¹ Porquanto ouvimos que alguns entre vós andam desordenadamente, não trabalhando, antes fazendo coisas vãs. ¹² A esses tais, porém mandamos, e exortamos por nosso Senhor Jesus Cristo, que, trabalhando com sossego, comam o seu próprio pão. ¹³ E vós, irmãos, não vos canseis de fazer bem. ¹⁴ Mas, se alguém não obedecer à nossa palavra por esta carta, notai o tal, e não vos mistureis com ele, para que se envergonhe. ¹⁵ Todavia não o tenhais como inimigo, mas admoestai-o como irmão. ¹⁶ Ora o mesmo Senhor da paz vos dê sempre paz de toda a maneira. O Senhor seja com todos vós. ¹⁷ Saudação da minha própria mão, de mim, Paulo, que é o sinal em todas as epístolas: assim escrevo. ¹⁸ A graça de nosso Senhor Jesus Cristo seja com todos vós. Amém.⁹⁷

NO DEMAIS, IRMÃOS, ROGAI POR NÓS, PARA QUE A PALAVRA DO SENHOR TENHA LIVRE CURSO E SEJA GLORIFICADA, COMO TAMBÉM O É ENTRE VÓS

Paulo inicia o capítulo pedindo oração. Ele reconhece que, mesmo sendo apóstolo, necessita do amparo espiritual dos irmãos. O pedido não é por vantagens pessoais, mas para que a *palavra do Senhor* se espalhe sem obstáculos e seja glorificada.

Aqui vemos três pontos importantes:

- A humildade de Paulo: ele não se coloca acima dos irmãos, mas pede apoio em oração.
- O objetivo da súplica: que o Evangelho tenha livre curso, ou seja, que encontre corações abertos e não seja impedido por perseguições ou resistências.
- A confirmação da obra já realizada: Paulo lembra que a palavra já foi glorificada entre os tessalonicenses, e deseja que o mesmo aconteça em outros lugares.

Compreendemos deste modo, que a oração é força viva que sustenta os trabalhadores do bem. Emmanuel observa que “a oração é cooperação silenciosa e eficaz”, e aqui Paulo mostra que o progresso da palavra depende não só da ação dos pregadores, mas também da vibração dos que intercedem.

Na vivência prática, este versículo nos inspira a orar pelos que se dedicam à divulgação da verdade, seja no púlpito, na tribuna espírita ou nas tarefas simples do dia a dia. O discípulo que ora pelo outro participa da obra, mesmo sem estar fisicamente presente.

É importante recordar, com carinho, que muitos espíritas ainda não dão à prece o devido valor. Por vezes, ela é vista apenas como complemento ou formalidade, quando na realidade é força viva que sustenta os trabalhadores

⁹⁷ 2 Tessalonicenses, 3: 1 a 18

do bem e abre caminhos para que a palavra do Senhor tenha livre curso. A oração não substitui a ação, mas a fortalece; não dispensa o trabalho, mas o ilumina. Os Espíritos nos lembram que “a prece é o fio invisível que nos liga às fontes da vida”, e Paulo confirma que até o apóstolo necessita desse amparo.

Assim, este versículo nos convida a rever nossa postura diante da oração: não como hábito mecânico, mas como participação ativa na obra do Cristo. Orar é servir, é cooperar, é estar presente mesmo à distância.

Assim, Paulo abre o capítulo lembrando que a propagação do Evangelho é tarefa coletiva: uns anunciam, outros sustentam em oração, e todos glorificam o Senhor.

E PARA QUE SEJAMOS LIVRES DE HOMENS DISSOLUTOS E MAUS; PORQUE A FÉ NÃO É DE TODOS.

Paulo continua seu pedido de oração, agora acrescentando uma súplica pela libertação dos homens perversos e maus. Ele reconhece que nem todos acolhem a fé, e por isso os mensageiros do Evangelho enfrentam oposição e resistência.

Aqui vemos dois pontos centrais:

- A realidade da oposição: a palavra do Senhor encontra barreiras nos corações endurecidos, nos interesses egoístas e nas forças contrárias à luz.
- A consciência de que a fé não é de todos: Paulo não se ilude; sabe que nem todos estão prontos para aceitar a verdade. A fé é conquista individual, fruto da abertura íntima ao chamado divino.

Sob a ótica espírita, compreendemos que os “homens dissolutos e maus” representam não apenas pessoas encarnadas resistentes ao bem, mas também influências espirituais inferiores que se opõem à propagação da luz. Kardec nos lembra que “os Espíritos inferiores procuram entravar o bem”, e Emmanuel acrescenta que “a fé é chama que cada coração deve acender por si mesmo”.

Na vivência prática, este versículo nos inspira a duas atitudes:

- Orar pelos trabalhadores do bem, para que sejam protegidos contra resistências e perseguições.
- Compreender que a fé não pode ser imposta, mas cultivada. Cabe ao discípulo irradiar luz e exemplo, sem esperar que todos estejam prontos ao mesmo tempo.

Assim, Paulo nos mostra que a obra do Evangelho é feita em meio a lutas e resistências, mas que a oração e a confiança em Deus libertam os mensageiros das forças contrárias.

MAS FIEL É O SENHOR, QUE VOS CONFORTARÁ, E GUARDARÁ DO MALIGNO.

Paulo emprega a expressão “fiel” para traduzir em termos humanos a certeza de que Deus não falha. Contudo, em uma compreensão mais elevada, não se trata de atribuir a Deus uma qualidade que pertence aos homens, mas de reconhecer que Ele é a própria fidelidade em essência. Deus não pode ser infiel, porque Sua natureza é a fidelidade absoluta.

Assim, o consolo e a proteção não vêm de uma qualidade que Deus manifesta, mas da própria essência divina que sustenta e guarda os corações. O maligno, entendido como forças contrárias ao bem — internas e externas — não prevalece diante da fidelidade eterna que é o próprio Senhor.

Depois de reconhecer que “a fé não é de todos” e que existem homens maus e dissolutos, Paulo reafirma a confiança na fidelidade do Senhor. Ele contrapõe a incerteza humana à certeza divina: enquanto os homens podem falhar, Deus é fiel e não abandona os que se entregam à verdade.

Aqui temos três pontos centrais:

- A fidelidade de Deus: Paulo lembra que o Senhor não muda, não falha e não abandona.
- O consolo divino: não é apenas alívio momentâneo, mas força interior que sustenta o discípulo nas provas.
- A proteção contra o maligno: não significa ausência de dificuldades, mas garantia de que o mal não prevalecerá sobre os que permanecem firmes na fé.

Sob a ótica espírita, compreendemos que o “maligno” não é uma entidade pessoal, mas a soma das forças contrárias ao bem, tanto internas (egoísmo, orgulho, vaidade) quanto externas (influências espirituais inferiores). Kardec ensina que “os Espíritos inferiores procuram entravar o bem”, e Emmanuel acrescenta que “o consolo do Senhor é a certeza de que a luz sempre vence a sombra”.

Na vivência prática, este versículo nos inspira a cultivar confiança serena. O discípulo não deve temer as forças contrárias, mas confiar na fidelidade divina que conforta e protege. A oração, a vigilância e a perseverança são os meios pelos quais o coração se mantém guardado do mal.

Assim, Paulo nos lembra que, diante das resistências e perseguições, a fidelidade eterna do Senhor é o escudo que conforta e guarda os corações fiéis

E CONFIAMOS DE VÓS NO SENHOR QUE NÃO SÓ FAZEIS COMO FAREIS O QUE VOS MANDAMOS.

Paulo expressa aqui uma confiança dupla:

- Confiança nos irmãos tessalonicenses, que já estavam praticando as orientações recebidas.
- Confiança no Senhor, que sustentaria a continuidade dessa prática no futuro.

O apóstolo reconhece que a obediência não é apenas um ato momentâneo, mas uma caminhada constante. Ele sabe que os tessalonicenses já estavam vivendo segundo o Evangelho, mas deseja que perseverem, mantendo a fidelidade às instruções.

Essa confiança não é cega, mas fundamentada na lei de progresso. O discípulo que já pratica o bem tende a continuar, porque cada ato de fidelidade fortalece o espírito e o aproxima da evolução máxima possível. A Espiritualidade nos faz ver que “a confiança é a base da cooperação”, e Paulo demonstra essa confiança ao unir o esforço humano ao amparo divino.

Este versículo nos inspira a refletir sobre a continuidade da nossa caminhada espiritual. Não basta começar bem; é preciso perseverar. O Senhor confia em nós, e os orientadores espirituais esperam que façamos hoje e continuemos a fazer amanhã o que nos foi ensinado. A confiança de Paulo é também um convite à responsabilidade: já sabemos o caminho, cabe-nos segui-lo com constância.

Assim, Paulo reforça que a verdadeira fé se traduz em prática contínua: fazer e continuar a fazer, sustentados pela confiança no Senhor.

ORA O SENHOR ENCAMINHE OS VOSSOS CORAÇÕES NA CARIDADE DE DEUS, E NA PACIÊNCIA DE CRISTO.

Este versículo é uma oração de Paulo, pedindo que o Senhor conduza os corações dos irmãos em duas direções fundamentais:

Na caridade de Deus: ou seja, no amor divino que se manifesta como doação, compaixão e serviço. Não é apenas sentimento, mas ação concreta que reflete a essência de Deus.

Na paciência de Cristo: a perseverança serena que Jesus demonstrou diante das dificuldades, incompreensões e sofrimentos. É a paciência ativa, que suporta e espera sem perder a confiança.

O apóstolo une aqui duas virtudes essenciais para o discípulo: amor e paciência. O amor é a força que impulsiona o bem; a paciência é a resistência que sustenta o caminho. Kardec ensina que “fora da caridade não há salvação⁹⁸”, mostrando que o amor é a essência da lei divina. Tiago, por sua vez, exorta: “Sede, pois, irmãos, pacientes até à vinda do Senhor”⁹⁹, lembrando que a paciência é virtude indispensável para quem espera na fé.

Na vivência prática, este versículo nos inspira a pedir que nossos corações sejam guiados não por paixões humanas, mas pela caridade divina e pela paciência crística. O trabalhador do Evangelho precisa unir essas duas forças: amar sem medida e suportar sem desânimo. Assim, Paulo mostra que o verdadeiro encaminhamento do coração não é apenas conhecer a verdade, mas vivê-la com amor e paciência.

MANDAMO-VOS, PORÉM, IRMÃOS, EM NOME DE NOSSO SENHOR JESUS CRISTO, QUE VOS APARTEIS DE TODO O IRMÃO QUE ANDAR DESORDENADAMENTE, E NÃO SEGUNDO A TRADIÇÃO QUE DE NÓS RECEBEU.

Aqui Paulo muda o tom: depois de falar sobre confiança e oração, ele passa a tratar da disciplina comunitária. O apóstolo não fala em nome próprio, mas “*em nome de nosso Senhor Jesus Cristo*”, o que dá peso e autoridade à orientação.

Apartar-se do desordenado não significa rejeição cruel, mas sim não compactuar com atitudes que perturbam a ordem e comprometem o testemunho cristão. Paulo se refere à desordem como falta de disciplina, lembrando que alguns irmãos não seguiam a tradição recebida, isto é, o ensino e o exemplo transmitidos pelos apóstolos. Esse afastamento, portanto, tem como objetivo proteger a comunidade, preservando sua saúde espiritual e evitando que o mau exemplo se espalhe entre os fiéis.

A desordem pode ser compreendida como a ausência de disciplina moral e espiritual, e Paulo alerta que não se deve compactuar com atitudes que perturbam a ordem e comprometem o testemunho cristão. Emmanuel lembra que “a disciplina antecede a espontaneidade”, mostrando que antes de agir livremente o discípulo precisa aprender a ordenar seus passos na luz, e Kardec reforça que “o verdadeiro espírita é reconhecido pela sua transformação moral”, indicando que a fé se traduz em mudança de conduta. Nesse sentido, afastar-se do desordenado significa não se deixar influenciar por comportamentos contrários ao Evangelho, preservando a coerência e a saúde espiritual da comunidade. Tiago também exorta: “Sede, pois, irmãos, pacientes até à vinda do Senhor” (Tiago 5:7), lembrando que a paciência e a disciplina caminham juntas na vida cristã. Este versículo nos inspira a refletir que não basta conhecer a verdade, é preciso vivê-la com ordem, responsabilidade e fidelidade. O afastamento do desordenado não é exclusão definitiva, mas um chamado para que o próprio irmão perceba a necessidade de ajustar sua conduta; é uma forma de correção fraterna, que não alimenta o erro, mas protege o bem comum e fortalece o testemunho coletivo.

PORQUE VÓS MESMOS SABEIS COMO CONVÉM IMITAR-NOS, POIS QUE NÃO NOS HOUEMOS DESORDENADAMENTE ENTRE VÓS,

Paulo recorda aos tessalonicenses que eles próprios são testemunhas de como convém imitar o exemplo dos apóstolos, pois em nenhum momento se portaram de maneira desordenada entre eles. O apóstolo não fala apenas em teoria, mas apresenta a própria vida como modelo de disciplina e coerência, mostrando que sua autoridade não se fundamenta em palavras, mas em prática vivida. Essa postura se harmoniza com o que ele escreve aos Coríntios: “*Sede meus imitadores, como também eu sou de Cristo*”¹⁰⁰, revelando que o verdadeiro guia espiritual inspira pelo exemplo e não pela imposição. Emmanuel observa que “o exemplo é a força

⁹⁸ O Evangelho Segundo o Espiritismo Cap. XV

⁹⁹ Tiago 5:7

¹⁰⁰ 1 Coríntios 11:1

silenciosa que convence sem necessidade de discursos”, e Kardec reforça que “o verdadeiro espírita é reconhecido pela sua transformação moral”, indicando que a fé se traduz em mudança de conduta. Assim, Paulo lembra que sua presença entre os tessalonicenses foi marcada pela ordem e fidelidade ao Evangelho – *não nos houvermos desordenadamente* -, para que ninguém tivesse desculpa em seguir caminhos contrários. Na vivência prática, este versículo nos ensina que a disciplina e a ordem não são apenas recomendações, mas testemunho vivo que sustenta a fé coletiva; o discípulo convence mais pelo que faz do que pelo que diz, e a comunidade se fortalece quando encontra nos seus líderes exemplos concretos de responsabilidade e fidelidade.

NEM DE GRAÇA COMEMOS O PÃO DE HOMEM ALGUM, MAS COM TRABALHO E FADIGA, TRABALHANDO NOITE E DIA, PARA NÃO SERMOS PESADOS A NENHUM DE VÓS.

Nem de graça comemos o pão de homem algum, mas com trabalho e fadiga... O missionário de Cristo relembra que sua presença entre a comunidade não foi marcada por dependência ou aproveitamento, mas por esforço e dedicação. Ele quis mostrar, com o próprio exemplo, que o verdadeiro discípulo não se acomoda, mas se empenha para não ser um fardo aos demais. Essa postura se harmoniza com o que escreve aos Coríntios: “*O trabalhador é digno do seu salário*”¹⁰¹, mas ainda assim preferiu sustentar-se pelo próprio labor para não dar motivo de escândalo. Esse comportamento permanece como referência para os cristãos de todos os tempos, especialmente para aqueles que se dedicam à divulgação do Evangelho. Embora o apóstolo reconheça o direito de viver do próprio ministério, ele escolheu a simplicidade e o trabalho pessoal, em contraste com práticas de luxo e ostentação que não correspondiam à vivência dos primeiros discípulos. Assim, sua vida se torna um chamado à autenticidade e à coerência, lembrando que o serviço ao Cristo deve ser sustentado pela humildade e pelo desprendimento.

Emmanuel observa que “o trabalho é o sacramento da dignidade”, e Kardec lembra que “o homem deve trabalhar para desenvolver sua inteligência e melhorar sua condição”. Na vivência prática, este versículo nos inspira a valorizar o esforço pessoal e a responsabilidade diante da comunidade. O exemplo do apóstolo mostra que a disciplina espiritual deve caminhar junto com a disciplina material: servir sem pesar, trabalhar sem reclamar, doar-se sem esperar retorno. Dessa forma, sua vida entre os tessalonicenses foi marcada pelo trabalho constante, para que ninguém pudesse acusá-lo de viver às custas dos outros, mas sim reconhecê-lo como exemplo de dedicação e fidelidade ao Evangelho.

NÃO PORQUE NÃO TIVÉSSEMOS AUTORIDADE, MAS PARA VOS DAR EM NÓS MESMOS EXEMPLO, PARA NOS IMITADES.

Neste versículo, o autor da carta esclarece: *Não porque não tivéssemos autoridade*, mas para oferecer em si mesmo um exemplo digno de ser seguido. O autor da carta reconhece que tinha pleno direito de ser sustentado pela comunidade, mas escolheu abrir mão desse privilégio para ensinar pela prática. Aqui se revela uma dimensão importante da autoridade espiritual: ela não se impõe pelo título ou pela posição, mas se conquista pela coerência entre palavra e ação. Em outra carta, ele afirma: “*Não que tenhamos domínio sobre a vossa fé, mas porque somos cooperadores de vosso gozo*”¹⁰², mostrando que a verdadeira liderança cristã é serviço e não domínio. Emmanuel observa que “a autoridade legítima nasce do exemplo e da renúncia”, e Kardec lembra que “os bons espíritos se reconhecem pela linguagem simples e pelos atos de caridade”. Assim, o missionário de Cristo demonstra que o caminho mais eficaz para orientar é viver aquilo que se ensina. Na vivência prática, este versículo nos inspira a compreender que o exemplo é a forma mais elevada de autoridade: quem renuncia a direitos para não escandalizar, quem serve sem esperar retorno, quem se coloca como cooperador e não como dominador, esse conquista naturalmente o respeito e a confiança da comunidade.

¹⁰¹ 1 Coríntios 9:14

¹⁰² 2 Coríntios 1:24

PORQUE, QUANDO AINDA ESTÁVAMOS CONVOSCO, VOS MANDAMOS ISTO, QUE, SE ALGUÉM NÃO QUISER TRABALHAR, NÃO COMA TAMBÉM.

Este verso traz uma das afirmações mais diretas e práticas do apóstolo: “*se alguém não quiser trabalhar, não coma também*”. Aqui não se trata de negar o pão ao necessitado, mas de corrigir a postura daqueles que, podendo contribuir, escolhem a ociosidade. O missionário de Cristo recorda que já havia estabelecido essa regra quando estava presente entre os tessalonicenses, mostrando que o trabalho é parte essencial da vida cristã. Em outra carta, ele reforça: “*Cada um permanecerá no trabalho em que foi chamado*”¹⁰³, e aos Efésios exorta: “*Aquele que furtava, não fure mais; antes trabalhe, fazendo com as mãos o que é bom, para que tenha o que repartir com o necessitado*”¹⁰⁴.

Mais uma vez, estabelece uma norma clara: quem pode trabalhar e não quer, não deve esperar sustento da comunidade. Não se trata de negar ajuda ao necessitado, mas de corrigir a postura daqueles que, por expectativa equivocada, se acomodavam. Esse pano de fundo aparece também em outras passagens: em *1 Tessalonicenses 4:11-12*, ele já havia exortado: “*Procureis viver quietos, tratar dos vossos negócios e trabalhar com vossas próprias mãos, para que andeis honestamente com os de fora e nada vos falte.*” Ou seja, o trabalho é parte do testemunho cristão, inclusive diante dos que não pertencem à fé.

Sob a ótica espírita, compreendemos que o trabalho é lei divina, como ensinam os Espíritos a Kardec: *O trabalho é uma lei da Natureza e por isso mesmo é uma necessidade. A civilização obriga o homem a trabalhar mais, porque aumenta as suas necessidades e os seus prazeres (O Livro dos Espíritos, questão 674)*. Emmanuel acrescenta que “o trabalho é a oração silenciosa que dignifica a alma”. Assim, a advertência não é contra os pobres ou os fracos, mas contra a indisciplina e a acomodação voluntária, que geram peso para a comunidade e estagnação para o espírito.

Na vivência prática, este versículo nos inspira a valorizar o esforço e a responsabilidade. O pão que alimenta deve ser fruto do trabalho honesto, e quem se recusa a trabalhar, embora tenha condições, fecha-se ao progresso e compromete a harmonia coletiva. O ensinamento é claro: a fé não dispensa o esforço, e a vida cristã exige disciplina, serviço e participação ativa no bem comum.

PORQUANTO OUVIMOS QUE ALGUNS ENTRE VÓS ANDAM DESORDENADAMENTE, NÃO TRABALHANDO, ANTES FAZENDO COISAS VÃS.

Este versículo revela a preocupação do apóstolo com a realidade concreta da comunidade: alguns estavam andando desordenadamente, sem trabalhar, ocupando-se de coisas vãs. O apóstolo não fala de forma genérica, mas de uma situação que chegara ao seu conhecimento, mostrando que a ociosidade não apenas afastava do trabalho, mas também abria espaço para futilidades e distrações que comprometiam o testemunho cristão. Em outra carta, ele já havia advertido: “*Não vos enganeis: as más conversações corrompem os bons costumes*”¹⁰⁵, lembrando que a falta de disciplina conduz ao desvio moral. Tiago também reforça a importância da prática: “Sede cumpridores da palavra, e não somente ouvintes, enganando-vos a vós mesmos” (Tiago 1:22).

Conforme foi mostrado a Kardec, o trabalho é lei divina, a ociosidade gera estagnação espiritual. Emmanuel ainda acrescenta que “a inutilidade é a porta aberta para o desequilíbrio”. Assim, o alerta não é apenas contra a falta de ocupação material, mas contra o desperdício da vida em atividades sem valor, que desviam o coração da caridade e da paciência em Cristo.

Este versículo nos inspira a refletir sobre como usamos nosso tempo. O discípulo é chamado a ocupar-se do que edifica, evitando a desordem e as coisas vãs que não acrescentam ao espírito. O exemplo do apóstolo mostra que

¹⁰³ 1 Coríntios 7:20

¹⁰⁴ Efésios 4:28

¹⁰⁵ 1 Coríntios 15:33

a fé deve ser acompanhada de disciplina e trabalho útil, pois somente assim a comunidade se fortalece e o testemunho cristão se torna verdadeiro diante do mundo.

12 A ESSES TAIS, PORÉM MANDAMOS, E EXORTAMOS POR NOSSO SENHOR JESUS CRISTO, QUE, TRABALHANDO COM SOSSEGO, COMAM O SEU PRÓPRIO PÃO.

Neste versículo, o apóstolo dirige-se diretamente aos que viviam na ociosidade, estabelecendo uma exortação clara: que trabalhem com sossego e comam o seu próprio pão. A orientação não é apenas prática, mas profundamente espiritual, pois mostra que o trabalho deve ser realizado em paz, sem tumulto ou desordem, e que cada um deve sustentar-se pelo fruto de seu esforço. O apóstolo dos gentios reforça que a vida cristã não se constrói sobre dependência injusta, mas sobre responsabilidade e disciplina. Em outra carta, ele já havia ensinado: “*Procureis viver quietos, tratar dos vossos negócios e trabalhar com vossas próprias mãos*”¹⁰⁶, destacando que o sossego e a simplicidade são virtudes que dignificam o discípulo.

A doutrina espírita ensina, conforme já comentamos, que o trabalho é lei divina e diz mais, o repouso é igualmente uma lei da natureza, pois “serve para reparar as forças do corpo e também é necessário para dar um pouco mais de liberdade à inteligência, que deve elevar-se acima da matéria” (*O Livro dos Espíritos*, questão 682). Destarte, o “sossego” mencionado aqui não significa passividade, mas equilíbrio interior. Emmanuel acrescenta que “o trabalho é a base da harmonia, e o sossego é a disciplina da alma que aprende a servir”. Assim, a exortação não é apenas para que cada um se sustente, mas para que o faça com serenidade, reconhecendo que tanto o esforço quanto o descanso fazem parte da lei do trabalho. Dessa forma, o discípulo aprende a servir sem perturbar a comunidade e sem se ocupar de coisas vãs, equilibrando atividade e repouso como caminhos de progresso espiritual.

No dia a dia, este versículo nos inspira a unir esforço e serenidade: trabalhar com sossego é servir sem agitação, produzir sem vaidade e sustentar-se sem pesar aos outros. O pão que alimenta deve nascer do labor honesto e equilibrado, e quem age assim fortalece não apenas a si mesmo, mas também a paz e a ordem da vida coletiva.

E VÓS, IRMÃOS, NÃO VOS CANSEIS DE FAZER BEM.

“*E vós, irmãos, não vos canseis de fazer bem*”. O apóstolo dos gentios, após corrigir os desordenados, volta-se agora aos fiéis que permaneciam firmes, encorajando-os a não desanimar diante das dificuldades. Fazer o bem exige constância, e muitas vezes pode parecer que o esforço não produz frutos imediatos. Por isso, ele insiste que não se deixem vencer pelo cansaço, pois o bem é sempre semente lançada no tempo certo. Em Gálatas 6:9, encontramos a mesma exortação: “*E não nos cansemos de fazer o bem, porque a seu tempo ceifaremos, se não houvermos desfalecido*”.

Assim, compreendemos que o bem é lei universal e que cada gesto de caridade contribui para o progresso da alma. Kardec ensina que “o verdadeiro espírita é reconhecido pela sua transformação moral e pelos esforços que emprega para domar suas más inclinações” (*O Evangelho Segundo o Espiritismo*, cap. XVII). Emmanuel acrescenta que “o bem é o investimento mais seguro da vida, porque retorna sempre em forma de paz e luz”. Assim, a advertência não é apenas para que se pratique o bem, mas para que se faça dele um hábito constante, sem desânimo, mesmo quando não se vê retorno imediato.

Este versículo nos inspira a cultivar a paciência e a persistência na prática do bem. Servir, ajudar, compreender e perdoar são tarefas que exigem energia e disciplina, mas que fortalecem a comunidade e alimentam a própria

¹⁰⁶ 1 Tessalonicenses 4:11

alma. Quem não se cansa de fazer o bem encontra na serenidade e na fé a recompensa maior: a certeza de estar caminhando em sintonia com o Evangelho e com as leis divinas.

MAS, SE ALGUÉM NÃO OBEDECER À NOSSA PALAVRA POR ESTA CARTA, NOTAI O TAL, E NÃO VOS MISTUREIS COM ELE, PARA QUE SE ENVERGONHE.

Temos aqui uma orientação disciplinar firme: “*se alguém não obedecer à nossa palavra por esta carta, notai o tal, e não vos mistureis com ele, para que se envergonhe*”. O apóstolo dos gentios mostra que a comunidade não deveria compactuar com a desordem ou a rebeldia. A exclusão aqui não é definitiva, mas pedagógica: o afastamento tinha o objetivo de levar o irmão à reflexão e ao arrependimento, despertando nele a consciência de que sua conduta não estava em harmonia com o Evangelho. Em 1 Coríntios 5:11, Paulo já havia recomendado: “*Mas agora vos escrevo que não vos associeis com aquele que, dizendo-se irmão, for devasso, ou avarento, ou idólatra, ou maldizente, ou beerrão, ou roubador; com o tal nem ainda comais.*” A disciplina, portanto, é vista como um ato de amor, que busca corrigir e restaurar.

Sob a ótica espírita, compreendemos que a responsabilidade coletiva é parte da lei de sociedade. Kardec ensina que “o homem deve viver em sociedade e não isolado, porque Deus lhe deu a palavra e todas as outras faculdades necessárias à vida de relação” (*O Livro dos Espíritos*, questão 766). Emmanuel acrescenta que “a correção fraterna é caridade em forma de alerta”. Assim, o afastamento recomendado não é rejeição, mas um recurso educativo para que o irmão perceba o erro e retorne ao caminho do bem.

Este versículo nos inspira a compreender que a verdadeira fraternidade não é conivente com atitudes que prejudicam a comunidade. Amar também significa corrigir, e muitas vezes o silêncio ou o afastamento é o remédio que leva à reflexão. O objetivo não é excluir, mas despertar a consciência, para que o discípulo reencontre a paz e a disciplina em Cristo.

15 TODAVIA NÃO O TENHAIS COMO INIMIGO, MAS ADMOESTAI-O COMO IRMÃO.

Este verso complementa o anterior com um equilíbrio precioso: “*Todavia não o tendes como inimigo, mas admoestai-o como irmão*”. O apóstolo deixa claro que a disciplina na comunidade não deve se transformar em rejeição ou ódio. O afastamento recomendado no versículo 14 tinha caráter educativo, mas aqui Paulo reforça que o desobediente continua sendo irmão, e deve ser tratado com amor fraterno, ainda que advertido. Em Gálatas 6:1, ele escreve: “*Irmãos, se alguém for surpreendido nalguma falta, vós, que sois espirituais, corrigi-o com espírito de mansidão; e guarda-te para que não sejas também tentado.*” A correção, portanto, deve ser feita com humildade e cuidado, sem perder de vista a fraternidade.

Compreendemos que a caridade não se limita ao auxílio material, mas também se manifesta na orientação fraterna. Kardec ensina que “a indulgência para com as faltas alheias é uma das virtudes que caracterizam o verdadeiro espírito” (*O Evangelho Segundo o Espiritismo*, cap. X). Emmanuel acrescenta que “corrigir é servir, mas servir com amor”. Assim, a admoestação não é condenação, mas convite ao reajuste, feito com ternura e respeito, para que o irmão reencontre o caminho do bem.

Somos inspirados assim, a praticar a difícil arte de corrigir sem ferir. Advertir como irmão significa unir firmeza e carinho, apontar o erro sem humilhar, e manter sempre aberta a porta da reconciliação. A comunidade cristã se fortalece quando disciplina e amor caminham juntos, mostrando que a verdadeira fraternidade não exclui, mas educa e restaura.

ORA O MESMO SENHOR DA PAZ VOS DÊ SEMPRE PAZ DE TODA A MANEIRA. O SENHOR SEJA COM TODOS VÓS.

Nesta passagem, o apóstolo encerra com uma bênção, carregada de ternura e profundidade: *“Ora o mesmo Senhor da paz vos dê sempre paz de toda a maneira. O Senhor seja com todos vós.”* Depois de exortar, corrigir e orientar, o apóstolo encerra com uma súplica pela paz — não apenas como ausência de conflitos, mas como plenitude espiritual que vem de Cristo. Ele invoca o “Senhor da paz”, título que revela a fonte verdadeira da serenidade e da harmonia, lembrando que a paz não é conquista humana, mas dom divino. Em Filipenses 4:7, Paulo já havia escrito: *“E a paz de Deus, que excede todo entendimento, guardará os vossos corações e os vossos pensamentos em Cristo Jesus.”*

A paz é fruto da consciência tranquila e da vivência no bem. Joana de Ângelis ensina que “a verdadeira paz só existe quando o homem se encontra em harmonia com a lei de Deus”. Assim, a verdadeira paz é o reflexo da confiança em Deus e da fidelidade ao trabalho no bem. Desta forma, a bênção apostólica é também um convite: buscar a paz em todas as circunstâncias, cultivando serenidade diante das provas e confiança na providência divina.

É imperecível sermos instrumentos de paz. Receber a paz do Senhor significa viver com equilíbrio, espalhar compreensão, evitar contendas e sustentar a fé mesmo em meio às dificuldades. A comunidade cristã se fortalece quando cada discípulo se torna portador dessa paz, que não depende das circunstâncias externas, mas da presença constante de Cristo no coração.

SAUDAÇÃO DA MINHA PRÓPRIA MÃO, DE MIM, PAULO, QUE É O SINAL EM TODAS AS EPÍSTOLAS: ASSIM ESCREVO. A GRAÇA DE NOSSO SENHOR JESUS CRISTO SEJA COM TODOS VÓS. AMÉM.

Na conclusão da carta, Paulo acrescenta uma saudação escrita de próprio punho, como sinal de autenticidade o que ele faz em quase todas as suas epístolas. Esse detalhe mostra a preocupação do apóstolo em confirmar a veracidade de sua mensagem, evitando falsificações ou dúvidas quanto à origem da instrução. A assinatura pessoal era uma marca de autoridade e proximidade, reforçando o vínculo afetivo com a comunidade.

Logo em seguida, encerra com a bênção: *“A graça de nosso Senhor Jesus Cristo seja com todos vós. Amém.”* Aqui, o apóstolo resume todo o espírito da carta: disciplina, trabalho, perseverança e correção fraterna só encontram sentido quando vividos sob a graça de Cristo. A graça é o dom gratuito que sustenta, fortalece e ilumina o caminho dos discípulos, e Paulo deseja que ela esteja presente em todos, sem exceção.

Compreendemos que a autenticidade e a graça são valores essenciais. A fé sincera e verdadeira é sempre calma; dá paciência que sabe esperar, porque apoiada na inteligência e na compreensão das coisas”. Emmanuel acrescenta que “a graça do Cristo é a luz que se derrama sobre todos os que perseveram no bem”. Assim, a saudação final não é apenas uma despedida, mas um selo de confiança e um convite à vivência constante da paz e da graça divina.

Estes versículos nos inspiram a unir autenticidade e espiritualidade: viver com transparência, deixando claro o compromisso com o Evangelho, e sustentar cada ação pela graça de Cristo. A assinatura de Paulo lembra que o testemunho deve ser verdadeiro e pessoal; a bênção final recorda que a força vem sempre da graça, que acompanha e sustenta os que permanecem fiéis ao caminho do bem.

Referências Bibliográficas

- A BÍBLIA de Jerusalém*. São Paulo: Paulinas, 1992.
- ALMEIDA, João Ferreira de. *A Bíblia*. 74ª impressão. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira, 1991.
- HOUAISS, Antônio. *Dicionário eletrônico da Língua Portuguesa*. Versão 1.0. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- KARDEC, Allan. *A Gênese*. 26ª ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira (FEB), 1984.
- KARDEC, Allan. *O Céu e o Inferno*. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira (FEB), [s.d.].
- KARDEC, Allan. *O Livro dos Médiuns*. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira (FEB), [s.d.].
- KARDEC, Allan. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. 104ª ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira (FEB), 1991.
- KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. 50ª ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira (FEB), 1980.
- NEPE BRASIL. *Texto Interlinear do Novo Testamento Grego-Português*. Disponível em: <<https://search.nepebrasil.org/interlinear>>. Acesso em: 9 dez. 2025.
- ROHDEN, Huberto. *Paulo de Tarso: o maior bandeirante do Evangelho*. São Paulo: Martin Claret, 2005.
- XAVIER, Francisco Cândido; Emmanuel (Espírito). *Paulo e Estêvão*. 41ª ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira (FEB), 2004.

Sugestões de variação para os próximos comentários:

- **Paulo**
- **O Evangelista**
- **O Apóstolo dos Gentios**
- **O Missivista inspirado**
- **O Missionário incansável**
- **O Escritor sagrado**
- **O Mensageiro do Cristo**